



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o



conhecim ento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar m ais obras em nosso site: LeLivros.site ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

“Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível.”

FRAGMENTADA

FRAGMENTADA

FAROL
LITERÁRIO

Teri Terry

Tradução: Flávia Côrtes

Copy right © 2013 do texto: Teri Terry

Copy right © 2013 da edição brasileira: Farol Literário

Todos os direitos reservados ao autor.

Título original: *Fractured*

Publicado originalm ente em inglês em 2013 pela Orchard Books.

DIRETOR EDITORIAL: Raul Maia Junior

EDITORA: Eliana Gagliotti

COORDENAÇÃO EDITORIAL: Varanda

TRADUÇÃO: Flávia Côrtes

PREPARAÇÃO DE TEXTO: Eliane de Abreu Santoro

REVISÃO: Sim one Zac / Paulo Santoro

EDITORAÇÃO ELETRÔNICA: Claudio Tito Braghini Junior

PRODUÇÃO DIGITAL: Estúdio Editores.com

**Texto em conformidade com as novas regras
ortográficas do acordo da língua portuguesa.**

Dados Internacionais de Catalogação (CIP)

Terry, Teri

Fragm entada [livro eletrônico] / Teri Terry ; tradução [de] Flávia Côrtes. – São Paulo : Farol Literário, 2013.

1 m bp ; ePUB.

ISBN 978-85-8277-036-8

1. Ficção - Inglesa. 2. Memória - ficção juvenil. 3. Identidade (Psicologia) - ficção juvenil. 4. Escolas de ensino médio - ficção juvenil. 5. Ficção científica. I. Côrtes, Flávia, trad. II. Título.

T329f CDD 823

1a edição • novembro • 2013

Farol Literário

Uma empresa do grupo DCL — Difusão Cultural do Livro

Rua Manuel Pinto de Carvalho, 80 — Bairro do Limão

CEP 02712-120 — São Paulo — SP

Tel.: (0xx11) 3932-5223

www.farolliterario.com.br

À memória de meu pai.

CAPÍTULO 1

A chuva tem muitas utilidades.

Árvores com o tempo à minha volta precisam de chuva para viver e crescer.

Ela apaga os rastros, esconde as pegadas. Faz com que as trilhas fiquem difíceis, e hoje isso é uma coisa boa.

Mas, acima de tudo, lava o sangue da minha pele, das minhas roupas. Estou de pé, tremendo, enquanto o céu se abre sobre mim. Cruzo mãos e braços, esfregando-os várias vezes na chuva congelante. Os traços escarlates há muito já se foram da minha pele, mas não consigo parar. O verme ainda me ancha minha mente. Isso levará mais tempo para sair, mas agora eu me lembro com o fazer. Memórias podem ser fragmentadas, encobertas por medo e negação, e trancadas atrás de uma parede. Paredes de tijolos, com o que Wayne construiu. Ele está morto? Está morrendo? Estremeço, e não apenas pelo frio. Será que o deixei sofrendo? Devo voltar e ver se posso ajudá-lo. Não importa o que ele seja, ou o que tenha feito, será que me merece ficar estirado lá, sozinho e com dor?

Mas, se alguém descobrir o que fiz, será o meu fim. Eu não deveria ser capaz de ferir alguém. Mesmo que eu tenha apenas me defendido do ataque de Wayne. Reiniciados são incapazes de cometer atos de violência, mas eu cometi; Reiniciados são incapazes de lembrar algo do próprio passado, mas eu me lembro. Os Lordeiros me levariam. Provavelmente iriam dissecar meu cérebro

para descobrir o que houve de errado, o porquê de m eu Nivo ter falhado em controlar m inhas ações. Talvez eles fizessem isso com igo enquanto eu ainda estivesse viva.

Ninguém j am ais poderia saber. Eu deveria ter verificado se ele estava m orto, m as agora é tarde. Não posso arriscar voltar. *Você não conseguiu fazer isso antes, o que faz você pensar que agora conseguirá?* Um a voz zom bou dentro de m im . Um a dorm ência se espalha por m inha pele, m úsculos e ossos. Tão frio. Recosto-m e em um a árvore, os j oelhos se dobrando, caindo ao chão. Quero ficar parada. Quieta, sem m e m over. Sem pensar, sentir ou m achucar, nunca m ais. Até que venham os Lordeiros.

Corra!

Me levanto. E m eus pés com eçam a cam inhar, então a correr lentam ente, para finalm ente voar entre as árvores em direção à trilha, pelos cam pos. Para a estrada, onde um a van branca m arcava o local em que Way ne havia desaparecido: *Melhores Construtores* pintado na parte lateral. Tenho m edo de que alguém m e vej a saindo da m ata aqui, próxim o à van, onde vão acabar procurando por ele, quando notarem sua ausência. Mas a estrada está vazia sob o céu raivoso; gotas de chuva caem com tanta força contra o asfalto, que respingam de volta quando passo correndo.

Chuva. Existe algum a outra utilidade, algum outro significado, m as ela escorre e escoa por m inha m ente com o rios por m eu corpo. E se vai.

A porta se abre antes que eu a alcance: um a m ãe preocupada m e puxa para dentro.

Ela não pode saber. Há poucas horas eu não teria sido capaz de esconder m eus sentim entos; eu não sabia com o. Relaxo m eu rosto, tirando o pânico dos olhos. Apática com o um a Reiniciada deve ser.

— Ky la, você está ensopada — um a m ão quente toca m inha bochecha. Olhos preocupados. — Os seus níveis estão bons? — ela pergunta, pega m eu pulso para ver o Nivo, e eu olho com interesse. Eu deveria estar com níveis baixos, perigosam ente baixos. Mas as coisas haviam m udado.

6.3. O Nivo pensa que estou feliz. Oba!

Ela m e m andou para o banho e lá eu tento novam ente. Pensar. A água está

muito quente e eu relaxo, ainda anestesiada. Ainda tremendo. A quentura com ela a confortar o meu corpo, minha cabeça está um a bagunça.

O que foi que aconteceu?

Tudo antes de Way me parece enevoado, como quando se olha por um vidro embaçado. Como se olhasse para uma pessoa diferente, alguém que parece a mim mesma por fora: Ky-la, pouco mais de um metro e meio, olhos verdes, cabelos loiros. Reiniciada. Um tanto diferente da anterior, talvez, um pouco mais consciente e com alguns problemas de controle, mas eu *fui* Reiniciada: Lordeiros apagaram minha mente com a punição por crimes dos quais não me lembro mais. Minhas memórias e passado deveriam ter desaparecido para sempre.

Então, o que foi que aconteceu?

Esta tarde, saí para uma caminhada. Foi isso. Eu queria pensar sobre Ben.

Novas ondas de dor vieram junto com seu nome, pior do que antes, tanto que quase chorei.

Não perca o *foco*. E depois, o que aconteceu?

Aquele inútil, Wayne: ele me seguiu pela mata. Me forcei a pensar no que ele fez, no que tentou fazer, suas mãos me agarrando, e o medo e a raiva voltaram. Ele me deixara zangada, tomada de tal modo por uma fúria insana, que ataquei sem pensar. E algo dentro de mim *mudou*. Transformou-se, caiu, realinou-se.

Penso nas carnes sangrentas de seu corpo, e me encolho: eu fiz *aquilo*? De alguma forma, uma Reiniciada — eu — era violenta. E não era só isso: eu me lembro brava de coisas, sentimentos e imagens do meu passado. De antes de ter sido Reiniciada. Impossível!

Não era impossível. Aconteceu.

Agora não sou mais apenas a Ky-la, o nome dado a mim no hospital quando fui Reiniciada, há menos de um ano. Sou algo — alguém — mais. E não sei se gosto disso.

Ra-ta-ta-tá!

Giro o corpo para fora da banheira, espalhando água pelo chão.

— Ky-la, está tudo bem?

A porta. Alguém — alguém — acabou de bater à porta. Foi só isso. Relaxo os punhos.

Acalme-se.

— Tudo bem — consegui responder.

— Você vai ficar com a pele toda enrugada se continuar aí um pouco mais. O jantar está pronto.

No andar de baixo, com mais mãe, está minha irmã, Amy, e o namorado, Jazz.

Amy : Reiniciada e designada para esta família com o eu, mais diferente em tantos aspectos. Sem pre radiante, cheia de vida e tagarelice, alta, a pele com o de um chocolate quente, e eu uma pequena, quieta e pálida sou brá. E Jazz é natural, não um Reiniciado. Ajuizado, mais quando observa a bela Amy, sonhador. É um alívio que papai esteja longe. Posso ficar sem seu olhar preocupado hoje e à noite, mais ensurando, certificando-se de que nada esteja saindo errado.

Assado de domingo.

Conversa sobre o estágio de Amy e a nova câmera de Jazz. Amy tagarela em polgada sobre ter sido convidada para trabalhar, depois de formada, no consultório do médico local, onde ela estagiou.

Mãe olha para mim .

— Vam os ver — ela diz. E eu vejo o algo mais: ela não mais quer sozinha depois do colégio.

— Eu não preciso de uma babá — digo, em bora não tenha tanta certeza.

A tarde vai se esvaindo em noite e eu subo as escadas. Escovo os dentes e observo pela janela. Olhos verdes mais olham de volta, grandes e familiares, mais vendo coisas que não viam antes.

Coisas simples, mais nada é simples.

Uma dor pungente no tornozelo insiste em que eu pare de correr, exige isso. O perseguidor está ficando para trás, mas logo estará perto. Ele não descansará. Esconda-se!

Lanço-me entre as árvores e me joga num riacho gelado para não deixar rastros. Rastejo sob os arbustos espinhentos, ignorando os puxões em meus cabelos e roupas. Sinto dor quando um deles acerta meu braço.

Não posso ser encontrada. De novo não.

Arrasto-me pelo chão, empurrando folhas, frias e podres, com os braços e pernas. Uma luz passa pelas árvores acima: congelamento. Ela desce devagar, direto

sobre meu esconderijo. Eu só volto a respirar quando ela se afasta e parte em outra direção.

Ouçoo passos. Eles se aproximam, e então continuam e seguem adiante até não serem mais ouvidos.

Agora espere. Calculei uma hora; tensa, úmida e fria. Com todas as criaturas correndo, cada galho movendo-se na brisa, sinto medo. Mas, quanto mais os minutos passam, mais começo a acreditar. Desta vez, posso ter sucesso.

O céu já está brilhando quando retorno, um passo adiante do outro, com cuidado. Os pássaros iniciam seus cantos da manhã e meus espíritos cantam com eles enquanto me levanto. Será que finalmente ganhei no jogo de pique-esconde do Nico? Eu poderia ser a primeira?

Uma luz ofusca meus olhos.

— Aí está você! — Nico segura meu braço, me puxa para cima e eu grito de dor no tornozelo, mas não dói tanto quanto o desapontamento, quente e amargo. Eu falhei, de novo.

Ele tira as folhas das minhas roupas. Passa um braço morno ao redor da minha cintura para me ajudar a voltar para o acampamento, e sua proximidade, sua presença, ressoa pelo meu corpo apesar do medo e da dor.

— Você sabe que nunca vai sair daqui, não sabe? — Ele pergunta, ao mesmo tempo orgulhoso e desapontado comigo. — Eu sempre vou achar você — Nico se inclina para baixo e me beija na testa. Um raro gesto de afeição que, sei, não vai tornar mais branda seja qual for a punição que ele tem em mente.

Eu jamais sairei daqui.

Ele sempre me encontrará...

CAPÍTULO 2

Ouçoo um distante *triiiiimmm* no meio do nada. Isso me traz certo desgosto, meio acordada, meio confusa, e então sigo numa lenta deriva de volta aos meus sonhos.

O *triiiiimmm* soa novamente.

Que injusto!

Acordo num instante e me levanto num pulo, mas algo me segura e eu quase grito, luto, lanço-o ao chão, e agacho numa postura de luta. Pronta para o ataque.

Pronta para qualquer coisa...

Mas não para aquilo. Form as estranhas e assustadoras se distorcem e se modificam, tornando-se coisas com uns. Um a cam a. Um despertador, que ainda está tocando, sobre um a côm oda. O que m e segurava, as cobertas: a m aioria estava agora no chão. Carpete sob pés descalços. Um a luz fraca vinda de um a janela aberta. Um gato sonolento e rabugento, m iando em protesto, pego em flagrante sobre as cobertas no chão.

Controle-se.

Alcanço o botão do despertador. Faço força para respirar m ais lentamente — *inspiro, expiro, inspiro, expiro* —, tento acalm ar as batidas do m eu coração, m as m eus nervos ainda gritam .

Sebastian m e olha do chão, os pelos eriçados.

— Você ainda m e conhece, gato? — sussurro, esticando a m ão para que ele a cheire, e acaricio seu pelo, para acalm ar tanto a ele quanto a m im . Arrum o novam ente os cobertores sobre a cam a e Sebastian salta sobre eles, se aconchegando, m as m antendo os olhos entreabertos. Observando.

Quando acordo, sinto que estive *lá*. Meio adorm ecida, m e lem bro de cada detalhe. Os abrigos im provisados, as barracas. A um idade e o frio, a fum aça da m adeira queim ada, o farfalhar das árvores, as aves da m adrugada. Vozes que sussurram . No entanto, quanto m ais desperto, m ais as lem branças se esvaem . Os detalhes se perdem . Um sonho, ou um lugar real?

Meu Nivo m arca 5.8, m eio-feliz, em bora m eu coração ainda bata forte. Após o que houve, m eus níveis deveriam ter despencado. Giro o Nivo em m eu pulso com força: e nada acontece. Ele deveria ao m enos m e causar dor. Crim inosos Reiniciados não podem ser violentos para si m esm os ou para os outros, não enquanto o Nivo controlar cada sentim ento. Não enquanto causar desm aios ou m orte se o usuário ficar m uito chateado ou irritado. Eu deveria estar m orta pelo que fiz ontem : eletrocutada pelo chip que colocaram em m eu cérebro quando fui Reiniciada.

Ecoss do pesadelo da noite anterior preenchem m inha m ente: *nunca conseguirei fugir. Ele sempre me encontrará...*

Nico! É esse o nom e dele. Ele não é apenas um sonho. É real. Olhos de um

azul pálido cintilam em minha mente, olhos que podem refletir frio ou calor em um instante. Ele saberá o que tudo isso significa. Uma parte viva e real do meu passado que de alguma forma surgiu nesta vida: curiosamente no papel do meu professor de biologia. Uma estranha transformação de... de... o quê? A mim em ória escapa e falha. Meus punhos se fecham em resposta à frustração. Eu o tive ali, estava claro quem e o que ele era; mas, a seguir, o nada.

Nico saberá. Mas devo perguntar? Fosse lá quem ele tivesse sido, ou quem ele é agora, de uma coisa eu sei: ele é perigoso. Só de pensar no nome dele, meu estômago dá voltas, tanto por medo quanto por saudade. De estar perto dele, não importa os custos.

Ele sempre me encontrará.

Alguém bate à porta.

— Ky-la, você já levantou? Vai se atrasar para o colégio.

— Sua carruagem, senhoras — diz Jazz, curvando-se respeitoso. Ele coloca o pé na porta do carro e a escancara. Eu me ajoelho no banco traseiro e Amy no da frente. E, apesar de existir uma sensação de ritual em tudo isso, a mim escapa a coisa todas as manhãs, há algo de *estranho* no ar. Uma mim escapa que irrita.

Observo pela janela durante o caminho: fazendas. Restolho de colheitas. Vacas e ovelhas nos encaram, mastigando placidamente. Som os um rebanho ao caminho do colégio, sem questionar as forças que nos mantêm em nossas vidas previsíveis. Qual a diferença?

— Ky-la? Terra chamando Ky-la.

Amy está voltada para mim.

— Desculpe. Você falou alguma coisa?

— Só estava perguntando se você se importa que eu trabalhe depois do colégio. Seriam quatro dias na semana, de segunda a quinta. Mamãe acha que talvez você não deva ficar tanto tempo sozinha. Ela me disse para conversar com você sobre isso.

— Está tudo bem, de verdade. Por mim, sem problemas. Quando você comêça?

— Amanhã — ela responde, com um olhar de culpa.

— Você já tinha dito a eles que podia, não foi? — pergunto.

— Acertou na m osca! — diz Jazz. — Mas e eu? E quanto ao nosso tem po j untos? — e eles fingem discutir pelo resto do cam inho.

A m anã está enevoadada. Escanear m eu identificador em cada aula, sentar, fingir ouvir. Tentar m anter um olhar atento, de quem anseia por aprender, para que ninguém tenha m otivo para m e notar. Escanear o identificador novam ente. Alm oço sozinha: ignorada com o sem pre, pela m aioria dos outros alunos que se m antêm longe dos Reiniciados. Até gostavam de Ben, m as eu não sou m uito querida. Especialm ente agora, que ele desapareceu.

Ben, onde está você? Seu sorriso, o toque firme e quente de sua m ão na m inha, o j eito com o os olhos dele refletiam seu interior. Tudo isso se contorce com o um a faca em m inhas entranhas, a dor é tão real que tenho de m e abraçar para aguentar.

Um a parte de m im sabe que não posso controlar isso por m uito m ais tem po. Preciso colocar para fora.

Mas não aqui. Não agora.

E então, finalm ente, chega a hora da aula de biologia. Um m al-estar enj oado cresce em m eu estôm ago a cam inho do laboratório. E se eu estivesse louca e não fosse o Nico coisa nenhum a? Será que ele sequer existe?

E se for ele? E daí?

Passo m eu cartão na porta, vou até um banco no fundo e m e sento, tudo isso antes de ter coragem de olhar: não sei se m eus pés continuarão funcionando se m eus olhos confirm arem o que não paro de im aginar.

E lá está ele: o senhor Hatten, professor de biologia. Eu o encaro, m as tudo bem , todas as garotas fazem isso. Não é apenas por ele ser m uito j ovem e bonito para um professor; há um algo m ais. E não são apenas aqueles olhos, aquele cabelo loiro ondulado, com reflexos, m ais com prido do que se esperaria para um professor, ou que ele sej a tão alto e perfeito — é m ais do que isso. Algo sobre a m aneira com o ele se controla: parado, j á posicionado para o ataque. Com o um leopardo, aguardando o m om ento de dar o bote. Tudo nele diz *perigo*.

Nico. *É* o Nico realm ente; sem dúvida nenhum a. Os olhos, de um inesquecível azul desbotado com contorno escuro, esquadrinham a sala. Eles param ao encontrar os m eus. Enquanto olho para ele, sinto um estalo por dentro, um

reconhecim ento, quase um choque físico que faz disso algo *real*. Quando ele finalm ente desvia o olhar, é com o se eu tivesse sido solta após um forte abraço. Não era m inha im aginação. Nico *está*, neste m om ento, do outro lado da sala. Não im porta se sei disso por m em órias de agora ou de antes, com paradas e m isturadas. Até tê-lo visto, por m im m esm a, com esses olhos que ainda estão aprendendo a entender as coisas, eu não *sabia* realm ente.

Depois m e lem bro de que, em bora as garotas em suas aulas possam encará-lo, eu não posso; ao m enos, não m uito.

Então, durante a aula, tento não olhar, m as é um a batalha perdida. Os olhos dele vêm na m inha direção de vez em quando. Seria curiosidade? Ele queria perguntar algum a coisa? Há um certo interesse quando eles se cruzam com os m eus.

Cuidado. Antes que possa entender o que ele é e o que quer, não o deixe saber que algum a coisa m udou. Forço os olhos em direção ao caderno na m inha frente; para a caneta que desliza pela página, deixando para trás espirais azuis, rascunhos m alfeitos onde deveria haver anotações. A m ão no piloto autom ático.

A caneta; a m ão... *mão esquerda*. Sem que m e dê conta, eu a estou segurando com a m ão esquerda.

Mas eu sou destra. Não sou?

Eu *tenho* de ser destra!

Prendo a respiração, o terror tom a conta de m im . Com eço a trem er.

Tudo fica escuro.

*

Ela estende a mão. A mão direita. As lágrimas descem por seu rosto.

— *Por favor, me ajude...*

Ela é tão jovem, uma criança. Ela implorava com os olhos, tinha medo. Eu faria qualquer coisa para ajudá-la, mas não consigo alcançá-la. Quanto mais me aproximo, quanto mais me esforço, mais distante a mão dela parece estar. Algum truque ótico a faz estar sempre virada para a direita. A mão sempre muito longe para alcançar.

— *Por favor, me ajude...*

— *Me dê sua outra mão!* — eu digo, e ela balança a cabeça negativamente, os

olhos arregalados. Mas eu repito a exigência, até que finalmente ela me estende a mão esquerda, que estava às suas costas, fora de vista.

Os dedos estão torcidos, ensanguentados. Quebrados. Uma súbita visão salta em minha mente: um tijolo. Dedos esmagados com um tijolo. Perco o fôlego.

Não posso agarrar a mão dela, não daquele jeito.

Ela abaixa as mãos e balança a cabeça, desvanecendo-se. Tremeluzindo até que posso ver através dela, como se fosse névoa.

Corro para ela. Mas é tarde demais.

Ela se foi.

— Estou bem agora. Não dormi direito ontem à noite, só isso. Estou bem — insisto. — Posso voltar para a aula?

A enfermeira do colégio não sorri.

— Eu decido isso — ela diz.

Ela escaneia meu Nivo e franze a testa. Meu estômago dá voltas, tem o que será meu ostrado. Meus níveis deveriam ter caído depois do que aconteceu: até pesadelos costumavam me fazer apagar quando o aparelho estava em ordem. Mas quem sabe com o que está agora?

— Parece que você desmaiou; seus níveis estavam bons. Você almoçou?

Dê a ela um motivo.

— Não. Eu estava sem fome e — me entendi.

— Ky-la, você precisa comer — ela balança a cabeça e verifica a taxa de açúcar em meu sangue, me dá chá com biscoitos e, antes de sair da sala, me manda ficar ali sentada quietinha até o sinal de saída.

Uma vez sozinha, não consigo impedir que meus pensamentos voem. A garota de mão quebrada do meu pesadelo, ou visão, seja lá o que era aquilo... eu sei quem é ela. Eu a reconheci com o meu jovem versão de mim mesma: meus olhos, estrutura óssea, tudo. *Lucy Connor*: desaparecida há anos de sua escola, em Keswick, aos dez anos de idade, com o denunciado no DEA. Desaparecidos em Ação, um site ilegal que eu havia visto algumas semanas antes, na casa do primo do Jazz. Ela era parte de mim quando fui Reiniciada. Mesmo com as minhas memórias descobertas recentemente, não consigo me lembrar de ser ela, ou de qualquer outra coisa sobre sua vida. Nem mesmo consigo pensar nela com o “eu”. Ela é

diferente, outra, apartada.

Com o é que Lucy se encaixa nesta confusão no meu cérebro? Chuto a mim essa, frustrada. As coisas estão lá, meio entendidas. Sinto que as conheço, mas as, quando foco nos detalhes, elas escapam. Confusas e irreais.

E tudo veio à tona quando me dei conta de estar usando a minha esquerda. Será que o Nico viu? Se ele viu que eu estava escrevendo com minha esquerda, ele saberá que algo mudou. Eu deveria ser destra, e isso é importante, tão importante... mas, quando tento focar na razão *por que* eu deveria ser destra, por que eu era antes, por que não pareço mais ser, não consigo decifrar. A mim mesma se torna disforme, com os dedos esmagados por um tijolo.

CAPÍTULO 3

Mamãe aparece na enfermaria assim que toca o sinal de saída.

— Olá!

— Oi. Eles chamaram você?

— Claro.

— Desculpe. Eu estou ótima.

— Deve ser por isso que você dormiu no meio da aula e veio acabar aqui.

— Estou bem agora.

Mamãe busca por Amy e nos leva para casa. Assim que atravessamos a porta, corro para as escadas.

— Ky-la, espere. Quero falar com você um minuto — mamãe sorri, mas é um daqueles sorrisos que aparecem mais nos lábios do que no rosto todo. —

Chocolate quente? — Ela oferece, e eu a sigo até a cozinha. Ela não conversa enquanto enche a chaleira e prepara a bebida. Mamãe não é muito de falar, a não ser que tenha algo a dizer.

Ela tem algo a dizer. E eu sinto um desconforto no estômago. Será que ela notou minha mudança? Talvez se eu contar, ela possa me ajudar e...

Não confie nela.

Quando fui Reiniciada, me tornei uma página em branco. Levei nove meses no hospital para aprender a funcionar: andar, falar e lidar com o meu Nivo.

Depois fui designada para esta família. Aprendi a vê-la com o um a mais, alguém em quem posso confiar: mas eu conheço essas pessoas há quanto tempo

meio? Nem dois meses. Parece muito mais porque foi minha vida inteira fora do hospital, tudo de que eu me lembro brava. Agora que consigo enxergar um pouco mais além, sei que as pessoas devem ser vistas com suspeita, não com confiança. Ela põe as bebidas na mesa à nossa frente, e eu envolvo a caneca com as mãos, para aquecê-las.

— O que houve? — ela pergunta.

— Acho que desmaiei.

— Por quê? A enfermeira disse que você não com eu, apesar de sua lancheira estar misteriosamente vazia.

Fico em silêncio e tomo meu chocolate quente, focando naquela doçura meio amarga. Nada que eu disser sobre isso fará muito sentido, nem mesmo para mim. Escrever com minha mão esquerda me fez *desmaiar*? E aquele sonho, ou seja lá o que foi aquilo. Estremeço por dentro.

— Ky-la, eu sei com o que as coisas estão complicadas para você agora. Se algum dia você quiser conversar, pode confiar em mim, você sabe. Sobre Ben, ou qualquer outra coisa. Pode me acordar se não conseguir dormir. Tudo bem.

Meus olhos começam a se encher de lágrimas assim que ouço o nome de Ben, e eu pisco compulsivamente. Se ao menos ela soubesse o quanto complicadas as coisas *realmente* estavam; se ela ao menos soubesse o outro lado da história.

Tenho vontade de contar a ela, mas com o ela iria me olhar se soubesse que talvez eu tenha matado alguém? De qualquer forma, pode ser que ela não se importe de ser acordada, mas papai, sim.

— Quando papai volta? — pergunto, subitamente consciente de sua contínua ausência. Ele sempre viaja a trabalho: instalando e fazendo a manutenção de computadores do governo por todo o país. Mas costuma estar em casa à noite, ao menos duas vezes por semana.

— Bem, talvez ele fique um tempo longe de casa.

— Por quê? — pergunto cuidadosamente, para esconder o alívio que sinto por dentro.

Ela se levanta e lava nossas canecas.

— Você parece cansada, Ky-la. Por que não tira um soneca antes de jantar?

Fim da conversa.

Mais tarde, naquela noite, estou perdida em sonhos confusos: correndo, perseguindo e sendo perseguida ao mesmo tempo. Acordo, talvez pela décima vez, dou um soco no travesseiro e suspiro. Meus ouvidos captam um som distante, algo se quebrando do lado de fora. Talvez, afinal, eu não tenha sido acordada pelos sonhos desta vez.

Atravesso o quarto até a janela e puxo as cortinas para o lado. O vento leva folhas soltas pelo jardim. As árvores parecem ter perdido todas as folhas de uma vez. A tempestade de ontem transformou o mundo em uma lixeira: folhas laranjeiras e vermelhas giram pelo ar e ao redor de um carro escuro ali em frente.

A porta do carro se abre e uma mulher sai; cabelos longos e encaracolados caem por seu rosto. Prendo a respiração. Seria possível? Ela puxa o cabelo para o lado enquanto bate a porta com uma das mãos, e eu tenho certeza: é a senhora Nix. A mãe de Ben.

Seguro com força a beirada da janela. Por que ela está aqui?

Um entusiasmo percorre meu corpo: talvez ela tenha notícias de Ben! Mas, quase no mesmo instante em que esse pensamento se forma, ele vai embora. O rosto dela, iluminado pela lua, está atordoado e pálido. Se ela tem notícias, não são boas. Ouço passos sobre o cascalho abaixo e uma luz se acende na porta da frente.

Talvez ela tenha vindo para exigir que eu diga o que houve com o Ben, o que eu fiz. Talvez ela vá contar à mãe que eu estive lá antes de os Lordeiros o levarem. Aquela lembrança dói em minha mente: Ben em agonia; o rangido da porta quando sua mãe entrou. Eu tinha dito a ela que o encontrei com o Nivo cortado e...

O rangido da porta. Ela teve de destrancar a porta para entrar. Eu tinha dito a ela que o encontrei daquele jeito, mas ela sabia que eu estava mentindo. Se não, como a porta poderia estar trancada quando ela chegou?

A porta se abre no térreo; ouço sussurros.

Preciso saber.

Saio do quarto em silêncio e desço a escada escura com cuidado, um pé de cada vez. Escuto.

Ouço o suave assovio da chaleira, vozes baixas; elas estão na cozinha.

Mais um degrau, e mais outro. A porta da cozinha está entreaberta.

Algo encosta em minha perna e dou um salto, quase grito, e então percebo que é Sebastian. Ele dá voltas em minha perna, ronronando.

Por favor, fique quieto, eu imploro silenciosamente, e me curvando para coçar atrás de suas orelhas. Mas, quando faço isso, meu cotovelo bate na mesa do *hall*. Prendo a respiração. Passos se aproximam! Corro para a escuridão do escritório.

— Era só o gato — ouço alguém dizer, e então um ovim ento e um “m iau” bem baixinho. Passos de volta à cozinha; um clique quando ela fecha a porta. Me arrasto de volta ao *hall* para ouvir.

— Lam ento muito pelo Ben — diz alguém. Ouço ovim ento de cadeiras. — Mas você não deveria ter vindo aqui.

— Por favor, você precisa ajudar.

— Não com preendo. Com o?

— Já tentamos de tudo para descobrir o que houve com ele. Tudo. Eles não nos dizem nada. Achei que, talvez, você pudesse... — sua voz falha.

Mamãe tem seus contatos. Do tipo político: o pai era o Primeiro Ministro antes de ser assassinado, do lado dos Lordeiros na Coalizão. Será que ela pode ajudar? Apuro meus ouvidos.

— Sinto muito. Eu já tentei, por causa da Kyia. Mas não há nada.

— Não sei a quem mais recorrer — ouço sons abafados, fungadas e soluços. Ela está chorando; a mãe de Ben está chorando.

— Ouça. Para o seu próprio bem, você precisa parar de perguntar. Ao menos por enquanto.

E não há lógica, pensamente, controle: não posso evitar. Meus olhos marejam, minha garganta se fecha. Mamãe tentou descobrir o que houve com Ben. Por minha causa. Ela nunca me disse, pois nunca descobriu nada. Ela se arriscou: fazer perguntas sobre as atividades dos Lordeiros é perigoso. Potencialmente letal.

Um risco que a mãe de Ben está correndo, agora mesmo.

Quando elas começam a se despedir, subo novamente as escadas de volta ao meu quarto. O alívio pelo fato de a mãe de Ben não ter contado à mãe que

m e encontrou com Ben naquele dia m istura-se à com paixão. Ela se sente com o eu: a perda. Ben foi filho deles por m ais de três anos, desde que foi Reiniciado. Ele m e contou que eles eram m uito próximos os. Eu queria poder correr até ela e com partilhar essa dor, j untas, m as não ousou.

Abraço a m im m esma, com força. *Ben.* Sussurro seu nome, m as ele não pode responder. A dor m e arrebatava. Me esm aga. Me parte em um m ilhão de pedaços. Antes, eu tinha de im pedir esses sentimentos, ou m eu Nivom e faria apagar. Agora que ele não funciona, a dor é grande demais, e eu estou ofegante. É com o um a cirurgia sem anestesia: o golpe de um a lâmina, lá no fundo.

Ben se foi. Meu cérebro funciona m elhor agora, não im portam as m emórias perturbadas que estão ali. Ele se foi e nunca irá voltar. Ainda que tivesse sobrevivido à retirada de seu Nivo, não há chance de ter sobrevivido aos Lordeiros. Com m inhas m emórias veio a constatação: quando os Lordeiros pegam alguém, eles nunca retornam.

Dói tanto que quero m e livrar disso, m e esconder. Mas a m emória de Ben é algo que devo m anter. Esta dor é tudo o que m e resta dele.

A m ãe de Ben sai pela porta alguns m omentos depois. Senta-se no carro e permanece alguns m inutos curvada sobre o volante antes de partir. Quando ela se vai, um a chuva fina começa a cair.

Assim que ela some de vista, abro a j anela toda, debruço-m e e estico os braços para a noite. Gotas geladas caem levemente sobre m inha pele, j unto com lágrimas quentes.

Chuva. Isso parece im portante, se aguça em m inha m emória, e então se vai.

CAPÍTULO 4

Me inclino sobre o esboço, desenhando com fúria folhas e galhos, sem m e esquecer de usar a m ão direita. O novo professor de arte finalmente chega e não parece perigoso, nem inspirador. Ele não se parece com nada. Ele não é páreo para Gianelli, a quem substituiu. Mas, desde que eu possa desenhar, qualquer coisa, m esmo que sejam apenas árvores, com o pedido, não m e im porto o quão insípido seja o professor.

Ele anda pela sala, fazendo com entálios aqui e ali, até que para olhando sobre m eu ombro.

— Hum ... bem ... isto é interessante — ele diz, e segue adiante.

Olho para minha folha de papel. Desenhei uma floresta inteira de árvores raivosas e, nas sombras abaixo delas, uma forma escura, com olhos.

O que Gianelli faria com isso? Ele teria dito para que eu fosse devagar e tomar um cuidado, e teria razão. Mas ele também teria gostado da selvageria. Com a cabeça de novo, relaxada, pelo som do carvão sobre o papel. As árvores estão menos raivosas. Desta vez, o próprio Gianelli olha para mim, sob suas sombras. Ninguém, a não ser eu, o reconheceria: eu sei o que acontece quando você desenha alguém desaparecido, com o que ele fez. Em vez disso, eu o desenho com o imaginário que ele teria sido, um jovem perdido num esboço. Não o homem velho que os Lordeiros levaram embora.

Uma hora depois, escaneio meu identificador na porta da sala de estudo e entro. Sigo para o fundo...

— Ky la?

Eu paro. *Essa voz: aqui?* Eu me viro. Nico está recostado na mesa da frente da sala. Ele sorri, um sorriso lento e preguiçoso.

— Espero que esteja se sentindo melhor hoje.

— Estou bem, professor — respondo, me afastando em direção à minha cadeira, sem me abalar.

Não devia ser uma surpresa a presença dele com o professor entediado e responsável por garantir que estudemos em silêncio. Eles mudam o tempo todo, então cedo ou tarde teria de ser Nico. Mas eu não esperava dar de cara com ele novamente tão cedo assim. Tive de segurar minhas mãos juntas em meu colo por um momento para que parassem de tremer.

Abro o trabalho de álgebra: algo que posso fingir estar fazendo sem me esforçar muito. E tento olhar para a página, enquanto seguro o lápis com cuidado em minha mão direita. Nico tem uma caneta vermelha e papéis para preencher na mesa à sua frente. Em breve eu possa ver que ele está fingindo tanto quanto eu, olhando para mim o tempo todo.

É claro que eu não saberia dessas coisas se eu não estivesse olhando para *ele*.

Eu respiro fundo e tento encontrar o valor de X em uma equação.

Mas os números se embaralham, não se comportam, e minha mente voa

enquanto os minutos passam. Rabisco os contornos da página e desenho vinhas e folhas ao redor da data que, com o sem pre, coloquei na parte superior. Mas então os números me saltam à vista: 3/11. *É dia 3 de novembro.*

Ouço quase um *estalo* dentro de mim, e então tudo se encaixa.

Hoje é o meu aniversário. Eu nasci há dezessete anos, mas sou a única que sabe disso.

Sinto arrepios nos braços. Sei a data *real* do meu aniversário, não aquela que me foi dada pelo hospital quando minha identidade foi modificada, quando meu passado foi roubado.

Meu aniversário? Tento me concentrar nessa ideia, mas não há nada mais.

Nada de bolo, festas ou presentes; essa data não significa nada. Mesmo assim, sinto que há mais dentro de mim, coisas que posso encontrar e aprender, se eu começar a sondar.

Algumas das memórias que recuperei são fatos que parecem distantes. Com o que eu tivesse lido arquivos sobre mim mesma e me lembro de certas partes e de outras, não. Não há sentimento envolvido.

Eu sei sobre o *site* das crianças desaparecidas, que eu era a Lucy, que desapareceu quando tinha dez anos, mas não consigo me lembrar de nada daquela vida. E então, de alguma forma, reapareço com o adolescente e ali está Nico. Foi a partir daquele momento que minhas memórias foram roubadas; não há nada antes disso.

Nico é o único que pode ter respostas. Tudo que tenho de fazer é contar a ele que me lembro de quem ele era. Mas será que eu realmente quero saber?

Quando o sinal para de tocar, ainda que eu diga a mim mesma para fugir dali e decidir depois se falo com ele ou não, até que tudo faça sentido, eu faço hora.

Um estremecimento de... empolgação? medo?... desce por minha coluna. Ando lentamente até a frente da sala. Nico está de pé ao lado da porta. O último aluno se foi. Estam os só eu e ele.

Vá logo embora, digo a mim mesma e passo por ele.

— Feliz aniversário, Chuva — ele diz, baixinho.

Eu me viro. Nossos olhos se encontram.

— Chuva? — sussurro. Digerindo aquele nome, tentando entender. *Chuva.*

Outra época e lugar passam por mim em um segundo, vívidos e claros: escolhi esse nome e para mim há três anos, em meu aniversário de quatorze anos: eu me lembro! Esse é o *meu* nome. E não Lucy, o nome que meus pais me deram quando nasci. Nem Ky-la, o escolhido desses atrás por uma enfermidade indiferente que preencheu o formulário de um hospital após eu ter sido Reiniciada. Chuva é o *meu* nome. E, assim que ouço o som do meu nome dito em voz alta, finalmente, explode qualquer resistência e qualquer barreira que ainda existissem.

Os olhos dele se arregalam e cintilam. Ele me conhece, e há algo mais. Ele sabe que eu sei quem é *ele*.

Perigo.

A adrenalina toma meu corpo, uma explosão de energia: lute, ou fuja.

Mas aquele olhar sombrio do rosto dele com o qual se nunca tivesse estado ali e ele dá um passo atrás.

— Tente se lembrar do trabalho de biologia para amanhã, Ky-la — ele diz, o olhar por cima dos meus ombros.

Eu me viro e vejo a senhora Ali. Sinto uma onda de ódio, depois de medo: mas é um medo que a Ky-la sente. Eu não tenho medo dela. Chuva não tem medo de nada!

— Tente se lembrar — repete Nico, desta vez sem se referir ao trabalho de casa, inventado para despistar os ouvidos da senhora Ali. Ele desaparece pelo corredor.

Tente se lembrar...

— Precisamos ter uma conversinha — diz a senhora Ali, sorrindo. Ela é muito mais perigosa quando sorri.

Amas os dois. E retribuo o sorriso.

— Claro — respondo, tentando acalmar o turbilhão dentro de mim. Meu nome! Eu sou a *Chuva*.

— Não vou mais apanhar você entre uma aula e outra; você obviamente já conhece bem o colégio agora — ela diz.

— Bem, obrigada, então, pela ajuda — respondo o mais docemente possível. Os olhos dela se estreitam.

— Me disseram que você anda distraída durante as aulas, sem prestar atenção e entristecida. Mas você parece feliz hoje.

— Ah, desculpe. Mas me sinto muito melhor, sim.

— Você sabe, Ky-la, se alguma coisa estiver incomodando você, pode confiar em mim — ela sorri novamente e sinto um arrepio descer minha coluna.

Tenha cuidado. Oficialmente, ela pode ser uma mera professora substituta, mas é muito mais do que isso. Ela tem me observado, esperando por qualquer sinal, qualquer escorregão. Qualquer coisa diversa do rígido com portamento que se espera de um Reiniciado — qualquer indício de retorno aos meus hábitos criminosos — e eu seria devolvida aos Lordeiros. Exterminada.

— Está tudo bem. Sério.

— Certo, continue assim. Você precisa dar o seu melhor no colégio, em casa, na sua comunidade...

— Cumprir meu contrato. Aproveitar minha segunda chance. Sim, eu sei! Mas obrigada por me lembrar. Darei o melhor de mim — ofereço um sorriso largo, de bem com a vida a ponto de ser simpática com uma espiã dos Lordeiros. Não ter mais a senhora Ali com o meu ombro no colégio era um bônus inesperado. Sua fisionomia estava entre confusa e aborrecida. Será que eu tinha exagerado?

— Você consegue — ela diz, secamente; o sorriso desapareceu. Ela obviamente gosta mais quando eu estremeço em sua presença.

Mas que pena que *Chuva* não estremece.

Vermelho, dourado, laranja: o carvalho em frente ao nosso jardim cobriu a gramática de cores, e busco um ancinho no barracão.

Eu tenho um nome.

Ataco as folhas com o ancinho e as arrumo em pilhas, depois as chuto e com tudo de novo.

Eu tenho um nome! Um que *eu mesma* escolhi; era essa pessoa que *eu* queria ser. Os Lordeiros tentaram tirar isso de mim, mas, de alguma maneira, eles falharam.

Um carro estaciona na rua: um que eu nunca vi antes. Um garoto, mais ou menos da minha idade, ou um pouco mais velho, sai do carro. Calça jeans larga

e cam iseta am arrotada, com o se estivesse dirigindo por horas, ou estivesse dormindo — espero que não as duas coisas ao mesmo tempo —, em bora pudesse ser um estilo “não dou a mim mesma para o que visto”. Ele abre o porta-malas. Tira uma caixa e a leva até uma casa. Sai novamente, vê que estou olhando e acena para mim. Aceno de volta. Ky-la não faria isso; ela provavelmente ficaria corada ou algo assim. Chuva é corajosa. Ele pega outra caixa.

Ele finge descer do outro lado do carro, com o se estivesse em uma escada rolante, e me olha para ver se estou olhando. Eu reviro os olhos. Ele começa a esbanjar truques; eu embalo as folhas, as coloco sobre um carrinho de mão e as levo para os fundos de casa, entrando a seguir.

— Obrigada por recolher as folhas — diz minha mãe. — Estava um bagunça.

— Sem problemas. Eu queria fazer alguma coisa.

— Para se manter ocupada?

Concordo, fazendo que sim com a cabeça, lembrando-me de ir devagar, antes que minhas alterações de humor a fizessem me levar ao hospital para exames. Esse pensamento me dá uma sensação de desconforto e o sorriso desaparece do meu rosto.

Mãe coloca uma mão em meu ombro e o aperta.

— Jantarem os assim que...

A porta se abre.

— Cheguei! — grita Amy.

Logo depois estamos à mesa ouvindo um relato profundo de seu primeiro dia com o estagiária no consultório médico.

No final das contas, aquele local de trabalho é uma incrível fábrica de fofoca.

Em pouco tempo já estavam sabendo quem teria um bebê, quem tinha caído da escada após beber uísque demais, e que o garoto novo do outro lado da rua era o Cameron, que veio do norte para ficar com seus tios por razões ainda desconhecidas.

— Adoro trabalhar lá. Mal posso esperar para ser enfermeira — diz Amy, provavelmente pela décima vez.

— Você viu alguma doença legal? — brinca minha mãe.

— Ou ferimentos? — colaborei.

— Ah! Isso me lembrou de uma coisa. Você nunca vai adivinhar.

— O quê? — pergunto.

— Foi esta manhã, então eu não vi, mas ouvi TUDO a respeito.

— Conte logo, então — diz minha mãe.

— Um homem chegou extremamente ferido.

— Minha nossa — diz minha mãe. — O que houve?

Eu com o coração a ter um mau pressentimento. Um frio na barriga, que me causa um enorme mal-estar.

— Ninguém sabe. Ele foi encontrado na mata, no final do vilarejo, espancado quase até a morte. Com ferimentos na cabeça e hipotermia. Acharam que ele ficou lá por dias. É incrível que ainda esteja vivo.

— Ele disse quem foi que fez isso? — pergunto, lutando para controlar a respiração e parecer natural.

— Não, e talvez nunca fale mais nada. Ele está em coma induzido.

— Quem é ele? — pergunta minha mãe, mas eu já sei a resposta antes que Amy diga qualquer coisa.

— Wayne Best. Você sabe, o pedreiro assustador que fez o muro nos lotes.

Minha mãe nos diz para nos afastarmos da floresta e das trilhas. Ela tem medo de que haja um monstro por ali.

Mas eu sou o monstro.

— Podem me dar licença? — pergunto, me sentindo mal de repente.

— Você ficou pálida — minha mãe notou. Ela coloca a mão quente em minha testa. — Está suando frio.

— Estou um pouco cansada.

— Vá cedo para a cama. Nós lavaremos a louça.

Amy resmungou e eu sigo para a escada.

Encaro a parede no escuro; Sebastian é algo quente e aconchegante esticado às minhas costas.

Eu fiz aquilo. Coloquei um homem em coma. Ou Chuva fez: ela ressurgirá naquela mesma hora. Ou o quê? Somos a mesma pessoa ou duas em uma? Às vezes sinto que sou ela, com o se eu fosse dominada por suas memórias e por

quem ela foi. Às vezes, com o agora, ela desaparece, com o se nunca tivesse existido. Mas quem era Chuva na verdade? E de alguma forma a Lucy se encaixa no passado de Chuva, mas com o?

Amanhã a data de aniversário nos une: três de novembro. Guardo dentro de mim aquele dado, um segredo. Seja lá de que forma essas partes de mim se juntaram agora, esse foi o dia em que comecei a fazer parte deste mundo. Minha mente flutua, e eu adormeço. Mas então as datas se misturam com o num foco de luz e meus olhos se abrem de repente.

Faço dezessete anos hoje. Saí do hospital em setembro. Estou aqui há nove meses. Reiniciada, então, há meses de onze meses. Eu já tinha dezesseis anos. É ilegal reiniciar alguém com mais de dezesseis. É verdade que os Lordeiros infringem a lei uma vez ou outra, quando têm uma boa razão. Mas por que fariam isso no meu caso?

Ainda tenho todas essas lacunas dentro de mim. Sinto com o se quase com prendesse tudo, mas, se tento olhar com mais cuidado, tudo se esvai. Com o algo que eu só possa ver de viés, pelo canto do olho.

Nico talvez seja capaz de explicar, se ele tiver vontade; ao menos meu passado com o Chuva. Mas o que ele poderia querer em troca?

Talvez seja melhor esquecer Chuva e tudo o que ela foi. Posso dar conta daqui para frente, hoje, amanhã e nos dias que se seguirem, fazer deles o que quiser. Ficar longe de confusões e deixar o Nico para trás. Evitá-lo, fingir que nada daquilo aconteceu.

De qualquer forma, Wayne não pode estragar isso tudo.

Você deveria tê-lo matado.

Rápido.

CAPÍTULO 5

Na aula de biologia do dia seguinte há uma surpresa: um garoto novo, Cameron, aparece na porta.

Ele me vê e segue direto para a carteira vazia do meu lado esquerdo. Ele dá um sorriso bobo ao sentar.

O lugar de Ben. Cruzo os braços e pisco ferozmente, sem olhar para ele. O lugar vazio ao meu lado dói, mas ter alguém sentado ali é bem pior.

Nico se vira para o quadro branco. Todas as garotas estão com os olhos nele: na maneira com a qual a calça envolve seu traseiro, no contorno de suas costas e nos ombros, no movimento de seus músculos por baixo da camisa de seda quando ele ergue o braço para escrever.

Ele se vira novamente e encara a turma, juntando-se ao quadro.

— O que significa isto? — pergunta, apontando para as palavras que escreveu: “Sobrevivência do Mais Apto”.

— Apenas os fortes sobrevivem — arrisca um aluno.

— Pode ser isso. Mas você não precisa ser o mais forte para vencer, ou os dinossauros teriam comido nossos ancestrais no almoço — ele dá uma olhada pela sala até que seus olhos param em mim. — Para sobreviver, você só precisa ser... o melhor — ele me olha nos olhos enquanto diz aquilo, lentamente, enfatizando as palavras.

Finalmente ele olha para outro lado. Começa a falar de evolução e Darwin e tento tomar notas, para fingir que estou em outro lugar. Ou melhor, que sou outra pessoa. Apenas termine a lição e saia daqui, depois...

Algo a coisa aterrissa no meu caderno. Um bilhete? Desdobro o papel.

Está escrito: *E então nos encontramos novamente.*

Olho para Cameron. Ele pisca.

Fingo um sorriso. *Não nos conhecemos ainda*, escrevi abaixo da frase dele.

Depois, fingi-me espreguiçar e coloquei o bilhete no livro dele.

Ele volta andando momentos depois. Olho de relance para Nico. Não há reação.

Ainda fala sobre dinossauros. Desdobro o papel.

Sim, nos conhecemos: você é A Garota Que Pula Sobre Folhas. E eu sou O Garoto Que Levanta Caixas Pesadas Do Porta-Malas. Também conhecido como Cam.

Então é Cam e não Cameron, com o Amy descobriu ouvindo as fofocas. E ele é tão doido quanto pareceu ontem.

Mastigo o lápis por uns instantes. Ignorar ou...

Uma caneta cutuca meu braço. Irritada e impaciente. Na verdade, sei muito bem com o que é ser novo em algum lugar, não conhecer ninguém.

Está bem. Escrevo: *Dama da Folhagem, também conhecida como Kyla.*

Dobro o papel e o jogo para ele.

— Parabéns! — diz alguém à minha direita. É Nico, parado ao lado de nossas carteiras, me encarando. Seguido por cada par de olhos da sala.

— Ah...

— Você é a sortuda vencedora de uma detenção durante o horário de almoço.

Agora tente prestar atenção no resto da minha aula.

Sinto um calor subindo pelo meu rosto, mas não de vergonha pelos olhares. Era a fala de Nico, *Te peguei!* O leopardo dava o bote. E não há nada que eu possa fazer.

Cam, por sua vez, protesta, afirmando que a culpa é sua, mas Nico o ignora. A aula continua, e eu observo o relógio enquanto os minutos passam, torcendo para que outra pessoa seja detida por algum outro delito e me faça companhia. Mas sem chance. Não com Nico no comando.

O sinal toca, e todos começam a guardar os materiais. Cam se levanta com um olhar arrasado no rosto. “Desculpe”, ele move os lábios e segue os últimos alunos. A porta se fecha atrás deles.

Estou só.

Nico me encara, a expressão indecifrável. Os segundos se seguem após outros e por dentro me sinto... o quê? assustada? Mas parece ser outra coisa. Com o medo que surge quando algo é aterrorizante e excitante ao mesmo tempo, com o quando subimos uma montanha durante um tempestade ou descemos de rapel por um penhasco.

Ele movimenta a cabeça com o se dissesse *siga-me*. Deixam os o laboratório e seguimos pelo corredor passando pelas salas dos professores.

Ele olha para os dois lados, tira uma chave do bolso e destranca uma das salas.

— Entre — ele diz. Nenhum sorriso, nada. Frio.

Eu o sigo, quase me arrastando; não tenho escolha, mas o pânico cresce dentro de mim. Ele tranca a porta e num rompante agarra meu braço e o torce com força em minhas costas, empurrando meu rosto contra a parede.

— Quem é você? — ele pergunta em voz baixa. — Quem é você! — desta vez um pouco mais alto, mas controlado. Ninguém seria capaz de ouvir.

Ele puxa meu braço com mais força. E, com o se a dor em meu ombro

ativassem algo, *eu me lembro*. Estou longe dali. Em outra época e lugar. Onde esses testes do Nico poderiam ferir os meus incautos. Mas eu sei como escapar deste aqui! Com um rompante de meu ombro, dou um salto para soltar o braço, giro o corpo e enfio meu punho nos meus músculos fortes de meu estômago.

Ele me abraça e com ele a rir, esfregando a região atingida.

— Eu precisava ter certeza, me desculpe. Seu braço está bem ?

Um sorriso toma meu rosto. Giro meu ombro.

— Estou bem . Mas, se você quisesse me esmolar e segurar, teria puxado meu braço meus para cima. Isso foi um teste.

— Sim . Essa manobra foi típica da Chuva — ele ri novamente, o prazer cintilando em seus olhos. — Chuva! — ele torna a dizer, abrindo os braços; eu me aproximo e eles me envolvem , quentes e fortes. Sinto como se estivesse de volta a um local a que pertenço, a que sempre pertenci. Onde sei quem e o que sou, porque Nico sabe.

Ele então me afasta um pouco e analisa meu rosto.

— Nico? — pergunto, insegura.

Ele sorri.

— Você se lembra de mim . Que bom ! Eu sempre soube que você sobreviveria, minha Chuva especial — ele me senta em uma cadeira e se inclina sobre mim na mesa. Pega minha mão e olha para o meu Nível. — Funcionou, não foi? Isto é só um objeto inerte — ele o torce em meu pulso: não sinto dor, nada. Os níveis indicam felicidade moderada.

Dou um leve sorriso, que logo se vai.

— Funcionou? Nico, por favor. Me explique. Me lembro de coisas fragmentadas, mas é tudo muito confuso. Não compreendo o que houve comigo.

— Sempre tão séria. Deviam estar rindo! Celebrando — e o sorriso dele é tão contagiante, tão vivaz, que o meu logo se segue. — Você precisa me contar: o que finalmente liberou suas memórias?

Eu estremeço só de pensar nisso. Se ele sabe sobre Wayne, irá cuidar disso, com qualquer outra maneira em seu caminho. *Em seu caminho*. Guardo tudo para mim .

— Você passou bem perto algumas vezes, pude ver isso. Achei que o que

houve com Ben desencadearia isso.

Ben. Seu nome me faz sentir uma agonia. A dor deve aparecer em meu rosto.

— Livre-se da dor: ela torna você fraco. Você se lembra com o, Chuva? Você a leva até a porta em sua mente e a tranca.

Balanço a cabeça. Não quero esquecer Ben. Quero? Um relance de meus pensamentos de ontem à noite chega até mim: Nico e suas técnicas são perigosos.

Falo em voz alta o que estive ali o tempo todo, escondido em um canto de minha mente, ainda desconhecido.

— Você está do lado do TAG, Terroristas Anti-Governistas. Não está?

Ele ergue uma sobrancelha.

— Você não se lembra! — ele segura minhas mãos entre as suas. — Não use esse termo dos Lordeiros para nós, Chuva: somos os do Reino Unido Livre. A célula que o Partido da Liberdade do Reino Unido deveria ter na Coalizão Central, mas nunca teve. Somos o estilhaço que fere: eu sou, e você também. Os Lordeiros nos temem. Eles logo partirão em retirada e este maravilhoso país será livre novamente. Nós *venceremos!*

Um eco do passado ressoa em minha mente: *Queremos o Reino Unido livre!*

Queremos o Reino Unido livre!

E me lembro de Nico preenchendo o que as aulas de história deixaram para trás. Após o Reino Unido ter fechado as fronteiras com o resto da Europa, e todas as manifestações estudantis e destruições dos anos 2020, os Lordeiros enfrentaram os manifestantes com fúria, assim como as gangues e terroristas, não importava a idade: foram todos presos, ou mortos. Mas então, quando as coisas se acalmaram, eles foram forçados a aceitar um acordo com o Partido da Liberdade do Reino Unido na Coalizão Central, e penas severas foram impostas a menores de 16 anos. O processo de Reiniciação foi criado para dar a eles uma segunda chance, uma nova vida. Mas o Partido da Liberdade do Reino Unido se tornou um marionete nas mãos dos Lordeiros, que abusavam cada vez mais de seu poder. O R. U. Livre surgiu como resposta, para acabar com a opressão dos Lordeiros a qualquer custo.

Qualquer custo.

A célula é o terror. Eu balanço a cabeça, parte de mim rejeita o que sei ser verdade.

— Eu não sou um aterrorista. Sou?

Ele balança a cabeça.

— Nenhum de nós é. Mas você estava conosco em nossa luta pela liberdade, e você ainda estaria, se os Lordeiros não tivessem pegado você e a Reiniciado, roubado sua mente. Ou pelo menos era o que eles pensavam.

— No entanto, eu estou aqui. E eu conheço você. Me lembre de algumas coisas. Mas eu...

— É demais para uma única vez, não é? Escute, Chuva. Você não precisa fazer nada que não quiser. Nós não somos como os Lordeiros. Não obrigamos ninguém a *fazer* nada.

— Sério?

— Sério. Estou tão feliz de vê-la bem. Você é você mesma novamente — ele sorri e torna a me abraçar.

Mais me em órias me vêm à mente. Nico não é conhecido por seus abraços ou sorrisos. Eles são tão raros, que são como um presente quando você chama ou a atenção dele o suficiente para ter sua aprovação. Costumavam os lutar por sua aprovação. Seriam os capazes de me matar para conseguí-la. Todos nós. Fariam os qualquer coisa para ter um meu sorriso.

— Escute. Não é só isso. Preciso falar com você um pouco mais. Preciso saber como as coisas funcionaram com você, para que possam ajudar outras pessoas a sobreviver ao processo de Reiniciação. Você quer isso, certo?

— Claro que sim.

— Tenho algo para você — ele diz, abrindo uma das gavetas. O fundo é falso, há um pequeno objeto de metal escondido ali, fino e flexível. Ele me mostra. — Olhe. É um comunicador. Veja, você aperta este botão aqui e espera até eu lhe responder. E então podem os falar. Você pode me chamar se precisar de mim. Eu estou me perguntando onde esconderia essa peça altamente ilegal, quando ele me mostra. O pequeno aparelho desliza por baixo de meu Nivo e se prende a ele. Os controles não são visíveis por serem muito finos; mal posso senti-los.

— É indetectável. Mesmo que você passe por um escâner de metal, pensarão

estar captando seu Nivo.

Eu giro o meu Nivo; não dá para notar meus aís nada ali.

— Agora vá, com a alguma coisa. Falarem os novamente quando você estiver pronta — ele toca meu rosto. — Estou tão feliz que esteja conosco — ele diz. Sua mão quente em minha face incita eletricidade por todo o meu corpo.

— Vá — ele diz, destrancando a porta.

Caminho pelo corredor com o que entorpecida. Após alguns passos, olho para trás, ele sorri e fecha a porta. Se foi.

Quanto meus e afastado de Nico, meus o calor e a felicidade se dissipam, deixando para mim o frio e a solidão.

Surgem meus partículas e fragmentos. Aquele treino do meu sonho. *Era real.*

Treinamento com Nico: com o R. U. Livre. Escondidos na floresta com outras pessoas com o eu. Aprendendo a lutar. Armas. Tudo o que poderiam usar para enfrentar os Lordeiros, nós aprendemos. Pela liberdade! As garotas eram apaixonadas por Nico; os garotos queriam ser ele.

Apenas alguns minutos a sós com ele foram suficientes para que eu me sentisse novamente com o antes. Tive certeza de quem eu era ao me ver pelos olhos de Nico: isso me fez voltar a ser a Chuva que ele conhecera. Parte de mim quer que Nico assum a liderança; que me diga o que pensar, o que fazer. Assim eu não preciso tentar resolver nada por mim mesma.

Quanto meus e distancio dele, meus isso me apavora.

CAPÍTULO 6

— Ky la, você tem visita — diz meu irmão da escada.

Visita? Desço a escada e lá está Cam : um olhar acanhado em seu rosto e um prato bem seguro nas mãos. Seu cabelo cor de areia está bem penteado; ele usa uma camisa de colarinho e há um cheiro de colônia pós-barba no ar.

— Oi — ele diz.

— Ah, oi.

— Eu só queria me desculpar — ele diz, e me estende o prato. Bolo de chocolate? E eu pensando intensamente *não diga nada*, mas não funciona. — Aquela detenção que você pegou foi minha culpa.

— Detenção? — pergunta meu irmão.

Lancei um olhar de fuzilam ento para Cam .

— Ah, desculpe! Você não queria que ela soubesse, né?

Obrigada por verbalizar o óbvio. Eu respiro fundo.

— Ky la? — m inha m ãe insiste.

— Sim , peguei um a detenção na hora do alm oço hoj e, e, sim , foi culpa do Cam . Feliz agora?

— Já vi que você não terá segredos com Cam na vizinhança — m am ãe com enta rindo.

— Sinto m uito — ele repete, parecendo ainda m ais desesperado.

— Tudo bem . De verdade. Obrigada pelo bolo — respondo e pego o prato, torcendo para que Cam entenda a indireta e vá em bora.

— Entre — convida m am ãe. — Acho que precisam os de um chá para acom panhar o bolo.

Que sorte a m inha.

A palavra “bolo” é tão tentadora que Am y sai da frente da TV e se j unta a nós.

Um bolo de chocolate bem escuro e cintilante com cobertura am anteigada.

— Está um a delícia — eu digo, com o bolo com eçando a derreter assim que tiro um pedaço. Um a delícia de chocolate m eio am argo, doce apenas o suficiente. — Você quem fez?

— acredite, se eu tivesse feito, você não ia querer com er. Meu tio fez.

— Por que você veio m orar com eles? Ficar á por m uito tem po? — pergunta Am y.

— Am y ! — m am ãe lhe cham a a atenção.

Cam dá um a risada. Covinhas aparecem quando ele sorri — um a em cada bochecha.

— Tudo bem . Não sei bem por quanto tem po. Minha m ãe está fazendo um trabalho de pesquisa num a plataform a do Mar do Norte. Depende de quanto tem po eles vão levar para descobrir algo im portante, eu acho.

— E o seu pai? — pergunta Am y.

— Eles se separaram no ano passado — diz Cam , sem pensar m uito, e com um a expressão no rosto que sugere que Am y se aventurou por um território proibido. Mam ãe rapidam ente m uda de assunto, perguntando por seus tios.

Elas finalmente deixam a cozinha quando Cam pergunta o que já estudam os em biologia até agora. Com o se eu estivesse prestando atenção. Mas eu saio para pegar minhas anotações.

— Desculpe. Não serei de muita ajuda. — Passo para Cam meu caderno e ele o folheia, mas logo se dá conta de que só há coisas sem sentido. — Tenho problema para me concentrar em aula — admito.

— Você estava no mundo da Lua esta manhã — ele diz. — Eu só lhe passei aquele bilhete para desviar seus olhos do Deus Professor Que Anda Entre Nós.

— Isso é ridículo — eu digo, preocupada com o quanto ele poderia ter percebido, com o quanto os outros teriam notado.

— Ah, deixe disso. Você e todas as outras garotas estavam totalmente maravilhadas com a magnificência arrogante dele: eu percebo essas coisas. Mas Hatten me dá arrepios, se você quer saber.

— Com o assim ?

Ele tira um pedaço de papel do bolso. Desdobra-o para mostrar um desenho com a frase “Sobrevivência do Mais Apto”.

Primeiro um coelhinho fofo; depois uma raposa perseguindo o coelho; a seguir um leão perseguindo a raposa. E, perseguindo o leão, um dinossauro: um *Tyrannosaurus rex*? Que é finalmente perseguido por Nico. Coberto por peles com o um homem em das cavernas, segurando uma clava com um olhar maldoso e perverso no rosto.

Eu ri.

— É assim que você o vê?

— Ah, sim. Ele é um animal. Com o foi que ele conseguiu licença para lecionar? Tenho a impressão de que a qualquer momento ele vai nos levar em minha arca para um *freezer* e nos transformar em salsicha ou algo assim.

Com o foi que ele *conseguiu* licença para lecionar? Embora pareça saber mais de biologia do que eu, tenho certeza de que Nico não tem uma licença. Talvez em algum momento ele tenha sido realmente o senhor Hatten, professor de biologia, mas não é mais. Meu sorriso desaparece.

Distraída, começo a rabiscar alunos com o uniforme do colégio Lord William : salsichas marrons e pretas marchando.

— Uau, você realmente sabe desenhar!

— Obrigada. Você também desenha bem .

— Nada, são só rabiscos. Coisa boba.

— Não, é sério; são bons. Mas posso ver que precisa de algumas aulas.

— É?

— Para com isso, isto — dou um a batidinha no desenho dele. — Não é a sobrevivência do mais apto. Está mais para a cadeia alimentar.

— E...?

— Dinossauros não estão mais na cadeia alimentar.

Ele fica por mais uma hora ou um pouco mais. Ele poderia falar pela Inglaterra: sobre nada ou sobre tudo. Seguem-se mais desenhos de outros professores. Eu me pergunto com o ele desenharia a senhora Ali.

— É muito bom vê-la sorrir, Kyli — diz mamãe quando subo para dormir. E eu penso: não seria bom continuar sendo essa garota? Que não tem nada mais na cabeça além do colégio, brincadeiras sobre professores e garotos que trazem bolos. Cam é legal, divertido; descomplicado e bobo. Nada a ver com Ben.

Ben. Aflita, me pergunto o que ele acharia de Cam . Ele provavelmente acharia que Cam não estava apenas sendo amigável. E provavelmente ele teria razão.

Onde eu estava com a cabeça? Num instante a noite se esvaiu, a sensação de uma outra vida possível. A culpa e a dor me corroem . Eu não estava pensando em Ben. Mamãe disse que foi bom me ver sorrindo. Mas como posso sorrir, mesmo para Cam , quando Ben está... está... está o quê?

Na outra noite, a mãe de Ben não sorria para nada. Mamãe não podia ajudá-la, e ela estava desesperada.

Talvez haja uma maneira de eu ajudar. Dar a ela algo que ela *possa* fazer: denunciar o desaparecimento de Ben no DEA, com as outras crianças desaparecidas. Algo assim talvez lhe desse esperança, a fizesse ser capaz de seguir em frente.

Talvez isso a impeça de me odiar quando ela souber a verdade.

Corro.

A areia desliza sob meus pés. A maresia invade minha garganta e eu engasgo, sem ar. Corro mais rápido.

Meu medo é tamanho que ainda ouço os gritos das gaivotas, vejo estrelas cintilantes na água. O barco atraca na praia.

Mais rápido!

Estou tão cansada agora, um pé não se ergue o bastante, acerta a areia e eu tropeço. Voo pelo ar e caio com força. Me falta o ar nos pulmões, que já mal conseguiam se manter para que eu continuasse correndo. Vejo tudo girar...

... e mudar. A noite é mais amena. Mais distante. Não sinto mais a dificuldade de respirar ou as batidas do meu coração, mas o medo está maior, mais completo.

— Jamais esqueça quem você é! — uma voz grita, e então desaparece. Se desconecta.

Tijolos se erguem em toda volta, tum tum, tum tum. Como uma pá acertando a areia.

E tudo que há é a escuridão.

O silêncio.

Denso e absoluto.

CAPÍTULO 7

Jaqueta escura, jeans e luvas grossas. Um chapéu escuro com duas utilidades, para cobrir os cabelos loiros que podem se destacar sob a luz da Lua e para aquecer: está frio esta noite.

Deslizo com o meu braço pelas escadas, e então, cuidadosamente e em silêncio, abro a porta lateral e saio pela noite. Meu espanto de andar sem fazer barulho. Não é mais um mistério, essas habilidades que estavam escondidas têm uma explicação: eram parte do meu treinamento no R. U. Livre. Elas foram muito bem escondidas e só apareceram quando necessárias. Quem sabe o que mais posso fazer?

Estou indo ver a mãe de Ben.

Mapas antigos que encontrei enfiados em uma prateleira da minha casa mostram os canais que ligam a parte de trás da casa de Ben com a trilha acima do nosso vilarejo, cruzando algumas rodovias no caminho. Pouco mais de nove

quilômetros. Talvez doze. Correndo eu chegaria lá em uma hora, e eu estou desesperada para correr. Para afastar o meu sonho. Um sonho com algumas variações que tem assombrado o meu sono desde que acordei no hospital após ter sido Reiniciada.

É um lento com eco, pelas sombras do vilarejo, para o caso de alguma pessoa insone chegar até a janela. Há um momento de tensão quando um cão sonolento dá alguns latidos, mas nenhum a porta se abre e nenhuma voz se segue, e logo tudo volta a dormir. Assim que alcanço a trilha, no final do vilarejo, com eco a correr: mais lento do que esperava, tomando cuidado para não tropeçar nas raízes das árvores mal iluminadas pelo luar, e então mais rápido assim que meus olhos se acostumam.

A trilha onde eu e Ben acabamos juntos.

O mirante, onde ele ri com a vista obstruída pela névoa, e estava prestes a me beijar. Antes de Wayne interromper.

Antes que os níveis de Ben entrassem em colapso e ele quase desmaiasse; o que aconteceria se ele não tivesse tomado a tal Pílula da Felicidade, medicação altamente ilegal. As pílulas que causaram toda a confusão. E foi tudo por causa de Wayne: o ataque, a incapacidade de Ben para ajudar. Os Reiniciados não podem usar de violência, nem mesmo para se defender. O que teria acontecido se Amy e Jazz não tivessem interrompido? Minhas memórias teriam voltado ali? Estremeço por dentro.

Não há nada a temer agora.

Não. Não desde que eu comeci a lembrar de tudo o que Nico me ensinou. Perguntem ao Wayne. Meu sorriso vacila.

Após um longo tempo, a trilha se bifurca. O caminho da esquerda, eu conheço; leva direto para a outra extremidade do vilarejo. O da direita é novo e leva para o destino desta noite.

A corrida, a escuridão, a noite: são extasiantes! Estive trancada por tempo demais. O ar frio, o ritmo dos pés e o vapor branco da respiração, o aqui, o agora foram tomando conta de mim. Até que tudo o que havia era a corrida.

Mas, conforme me aproximo, os pensamentos me invadem. O que vai acontecer quando eu chegar lá? A reação da mãe de Ben com alguém batendo a

sua porta dos fundos às quatro da manhã é difícil de se prever. O que eu devo dizer?

Só há uma maneira de lidar com isso: dizer a verdade. Tenho de contar o que realmente aconteceu.

Ela precisa saber que eu amo o Ben. Eu justifico o machucado, por nada neste mundo.

Mas você o machucou.

Não! Não foi nada disso. Ele ia arrancar o Nivo de qualquer jeito. Eu tentei impedir-lo.

Você deveria ter se esforçado mais.

Tenho de encarar isso agora: eu devia ter me esforçado mais. Sem prenos disseram que qualquer dano ao Nivo nos mataria, fosse pela dor, fosse pelos desmaios. E, sim, ele estava tão determinado a se livrar daquilo que não daria ouvidos a ninguém! Mas, embora a dor pela ausência de Ben seja intensa, pensar que eu deveria ter sido capaz de fazer algo, qualquer coisa, para impedir-lo, é muito pior.

Minhas razões para ajudá-lo pareceram corretas. Com minha ajuda, ele teria mais chance de sobreviver. Sem minha ajuda, ele provavelmente teria falhado.

Ainda assim ele falhou, não foi?

Falhou? O Nivo saiu rápido com minhas mãos firmes na serra, o pulso dele ainda preso num grampeio. Ele ainda estava vivo. Apesar da dor. O enorme toque em um Nivo em atividade dói com o ser atingido na cabeça por uma arreta; o corte deve ter sido com o um a amputação sem anestesia.

Não consigo esquecer o que houve a seguir, a última vez que o vi. A mãe de Ben chegando em casa inesperadamente, encontrando o filho se contorcendo, se esvaindo em dor, em meus braços, lágrimas rolando pelo meu rosto. O Nivo dele no chão, o corpo em convulsão. Não houve tempo para perguntas. Ela chamou os paramédicos e me mandou sair dali antes que eles chegassem. E foi o que fiz. Saí, para me salvar. Ben estava deitado lá, em agonia. Seu corpo em espasmos, seus lindos olhos fechados com força. Ao menos ele não me viu ir embora e deixá-lo.

E então vieram os Lordeiros, e o levaram embora.

Pisquei para me livrar das lágrimas enquanto corria. Foco: nos pés, na trilha, na noite, em ficar de pé. A mãe de Ben me erece saber a verdade.

Meus pensamentos sombrios e a corrida levaram a concentração em bora. A casa deles está próxima a agora, mas há algo errado. O ar parece diferente. Um pouco no início, depois piorando.

Fumença?

O cheiro fica mais forte, e eu diminuo o ritmo da corrida, passo a caminhar.

Está forte demais agora: o ar está denso e nebuloso, cortando a luz da Lua.

Meus olhos ardem e é apenas o desejo de me manter em silêncio que me impede de tossir.

Cuidado. Vá devagar e em silêncio.

A rua de Ben já está visível, as casas estão às escuras além das cercas de um lado da trilha do canal. Acima delas, a fumaça se ergue lentamente, se contorcendo no ar. É de uma tonalidade prata e vermelha irrereal, iluminada pela Lua com um brilho vermelho na parte de baixo. No entanto, aquilo já não é mais uma casa; agora estou perto, posso ver que a devastação é total. Os restos de uma casa em ruínas.

É a casa de Ben. Não pode ser. Olho as outras de cada lado e a de trás.

Nenhuma delas se parece com a dele, com a oficina ao lado, onde a mãe fazia suas esculturas de metal. Só pode ser essa.

O vento muda de lado, e eu coloco minha camiseta no rosto para respirar, engasgando com o ar, incapaz de continuar implorando a tosse. Não vejo bom-beiros, nem ninguém. Seja lá o que aconteceu, já está quase acabado; sobraram apenas ruínas, e cinzas chamuscando. Fumença. Mas com o...?

Fique distante. Volte. Deve haver observadores.

Será mesmo a casa de Ben? Será possível? O que aconteceu?

Saia daí. Não há nada a ser feito.

Nada a ser feito. Qualquer um que estivesse nessa casa...

Observo as ruínas. As casas em volta estão intocadas; e essa completamente destruída. Não houve chance para ninguém que estivesse lá dentro. Nenhum a.

Eles estariam lá dentro? Os pais de Ben? Sou dominado pelo horror. Não conheci o pai dele, mas a mãe era tão cheia de vida, com a sua arte. Agora está

tomada pela dor da perda de Ben.

Mas não me ajuda.

Saia daqui.

E a urgência e o medo me tomam. Meus pés começam a retornar, seguindo lentamente pela trilha do canal, margeando as árvores do entorno. Haverá olhos atentos nesta rua esta noite.

Paro. A trilha se inclina um pouco agora; posso olhar para trás e observar melhor.

Saia de vista!

Se posso ver abaixo, outros olhos podem ver aqui em cima. Deslizo por entre as sombras das árvores.

Meus instintos gritam para que eu corra, me esconda, mas não consigo *não* olhar. Não posso tirar meus olhos das ruínas de fumacê. Eles estariam lá dentro? Queimados até à morte? Estremeço. Não posso suportar isso, não posso... Mãos agarram meus ombros por trás.

CAPÍTULO 8

Dou um acotovelada para trás, acertando as costas de alguém, que tosse e se reclina contra uma árvore. Me viro rapidamente com o pé direito, o punho direito pronto para esmagar um crânio contra uma árvore, e...

Minha mão cai pesada.

Uma garota está curvada, tossindo e apertando a barriga, cabelos negros e longos caindo em cascata. Mal a vejo com aquela luz, em breve eu reconheça aquele cabelo.

— Tori?

Ela ergue o rosto. Feições familiares e perfeitas, olhos bonitos. Em breve não sejam mais os mesmos. Vazios. Bloqueados por lágrimas.

— Tori? — repito. Ela confirma e se lança ao chão. — O que faz aqui?

Com o...?

Ela balança a cabeça, incapaz de falar, e eu não consigo acreditar. Com o ela pode estar aqui? Com o ela pode estar em *algum lugar*. Ela foi devolvida para os Lordeiros. Tori era amiga de Ben: Reiniciada com o nós. Eu mal a conhecia, mas ela era namorada dele antes de mim, tenho certeza disso. Em breve ele tenha dito

que nunca a tinha beijado, já me acreditei nele. Com o ele poderia ter resistido a Tori? Mas ela foi levada pelos Lordeiros: ninguém retorna de lá.

— Vaca — ela finalmente consegue dizer. — Por que fez isso?

— Eu não sabia que era você — sussurro. — Fale baixo. Com o você conseguiu... — com eco a perguntar, mas minha voz trava. Eu não sei o que perguntar primeiro.

— Escapei, e vim ver Ben. Mas ele... — sua voz falha, as lágrimas começam a descer por seu rosto.

Saia daqui! Não é seguro.

— Tori, tem os que ir. Não podem os ficar aqui. Serem os pegos.

— O que importa agora? Sem Ben, eu... — e ela balança a cabeça. — Estão todos mortos. Eles não salvariam ninguém. Eu vi tudo!

Saia daqui!

Mas eu preciso saber.

— Me conte o que aconteceu.

— Cheguei há algumas horas; a casa estava em chamas, e eu me afastei quando carros de bombeiros vieram apressados, de sirenes ligadas. Mas não fizeram nada.

— O quê?

— Os Lordeiros já estavam aqui. Eles obrigaram os bombeiros a deixar queimar. Permitiram apenas que não deixassem que o fogo se espalhasse pelas outras casas. Eu ouvia os gritos deles, Ky-la. E eu não fiz nada. Pude ouvi-los gritando dentro de casa. Um dos bombeiros discutiu com os Lordeiros, e eles atiraram no homem.

— Eles fizeram o quê?

— Eles simplesmente atiraram — ela soluça ainda mais. — Ben está morto, e eu não fiz nada.

Eu sei com o ela se sente; a culpa generalizada. Ela não precisa disso.

— Tori, ele não estava na casa. Ele não estava lá — os ombros dela estão sacudindo, ela é incapaz de ouvir. — Escute: Ben não estava lá. Entendeu?

As palavras começam a chegar até ela, que olha para cima.

— Ele não estava? Onde ele está, então?

— Vou lhe contar tudo. Mas prim eiro precisam os sair daqui.

— Para onde? Não posso voltar para casa; é o prim eiro lugar em que irão m e procurar. Não tenho para onde ir.

— Venha.

Eu a faço se levantar rápido. Ela está em péssim as condições. Usando sapatos estúpidos e cintilantes, trem endo em roupas estraçalhadas, e m ancando. Os braços desnudos estão ainda m ais pálidos ante o luar, um farol para quem olha. Seguro sua m ão e a apresso, depois seu braço: sua pele está um gelo. E então, finalm ente, coloco um braço em sua cintura e a aj udo a andar.

— O que houve com você?

— Eu estava bem até você m e acertar com seu golpe de karatê.

— Mentirosa.

— Andei o dia inteiro. Não consigo m ais.

A voz dela está m ais fraca, e seu corpo, em bora sej a leve, se torna um peso m orto em m eu om bro.

— Pare. Preciso descansar — ela diz, e as palavras se arrastam .

— Não podem os parar. Vam os lá, Tori — eu digo, m as então seu corpo despenca. Só consigo pegá-la e colocá-la no chão.

Deus. O que vou fazer? Ela escapou dos Lordeiros: qualquer um que for pego aj udando-a será culpado. Estar perto dela é *perigoso*.

Deixe-a. Sobrevivência dos mais aptos!

Não. Não posso. Não vou!

E m e recordo do desenho de Cam , e Nico, o hom em das cavernas. Não há m esm o outra solução, há? Mesm o que ela conseguisse andar aquilo tudo. Não posso levá-la para casa. Não posso envolver m inha m ãe nisso. Mesm o que ela aj udasse, Am y não conseguiria guardar segredo, e não haveria com o escondê-la de Am y. E se papai chegasse em casa... Estrem eço. Ele ficou tão desconfiado de m im quando Ben desapareceu, am eaçou m e devolver para os Lordeiros se eu desse um único passo em falso. Isso daria a ele a desculpa para livrar-se de m im , finalm ente. Talvez Jazz e seu prim o, Mac, pudessem aj udar. Mas não há com o entrar em contato com eles, ou levá-la até lá. Ela não conseguiria andar tanto. Tem de ser o Nico.

Ele ficará furioso.

A fúria de Nico não é algo para se ignorar. Mas ele disse para eu telefonar se precisasse. Que motivo maior que esse para contactá-lo?

Passo o dedo por baixo do meu Nivo no escuro até encontrar o botão do comunicador. Eu o aperto. Esteja acordado, Nico!

Segundos depois ele responde, a voz alerta.

— Espero que tenha um bom motivo — ele diz.

CAPÍTULO 9

— Que coisa estúpida, Chuva! — Nico acomoda Tori no banco traseiro do carro. — O que vou fazer com ela?

Eu não respondo, evito pensar no que ele pode sugerir. Me acomodo no banco da frente, ao lado de Nico, exausta pelo esforço de arrastar e convencer uma Tori sem consciência pela trilha no escuro até a estrada mais próxima. O ponto de encontro arranjado às pressas.

— Obrigada, Nico — digo, e estou sendo absolutamente sincera. O alívio ao ver o rosto dele é tão grande que eu quero me jogar em seus braços. Mas ele não está num dia de abraços.

O carro ronca pela pista. Parece um carro com um motor, mas há algo mais no motor. Nico fica de olho quando chegam os à estrada principal. Que explicação dariam os se fossem os vistos, com uma garota inconsciente no banco de trás? Precisam os nos apressar.

— Você está com cheiro de fumaça.

— Estou? Que horas são?

— Quase cinco.

— Tenho de chegar logo em casa, ou serei descoberta. Mãe levanta cedo.

— Não cheirando desse jeito.

Ele dirige rápido. Tori choraminga, a seguir se cala novamente. Chegam os a uma casa escura com uma descida ao lado que vai até os fundos. A casa fica em uma colina, sem vizinhos por perto.

Ele a carrega sobre o ombro para dentro de casa. Eu o sigo. A casa é pequena, moderna e bem cuidada. Não o buraco-esconderijo normalmente usado pelo R. U. Livre.

— Você m ora aqui? — pergunto, surpresa. Ele olha para m im .

— Não há tem po de levá-la a outro lugar.

Ele coloca Tori no sofá. Fecha as grossas cortinas e acende um a lâm pada.

É quando eu realm ente vej o em que estado ela se encontra. Finas roupas coloridas em farrapos, com o se tivesse se arrum ado para um a festa, e não para sair no frio. Está coberta de m achucados e arranhões. Um tornozelo tão inchado que é um m ilagre que ainda conseguisse andar.

Ela desperta; seus olhos se entreabrem e observam tudo até chegar a Nico. Ela se senta, o pânico em seu rosto.

Eu seguro a m ão dela.

— Tori, está tudo bem . Este é... — eu faço um a pausa, em dúvida sobre qual nom e ele quer usar. — Um am igo m eu. Ele cuidará de você.

Nico se aproxim a sorrindo.

— Olá. Tori, não é? Eu sou o John Hatten. Preciso lhe fazer algum as perguntas.

— Isso não pode esperar? — pergunto em voz baixa.

— Tem o que não. Desculpe, Tori. Mas você sabe o risco que estou correndo por sua causa. Preciso conhecer m uito bem a sua história para saber o que fazer com você.

Meu sangue gela. Um a palavra errada, e o que ele fizer a ela pode ser perm anente.

— E então, Tori? — ele com eça, gentil.

Ela observa as próprias m ãos, virando-as de um lado para o outro, com o se não fossem dela, com o se não fizessem parte dela.

— Eu o m atei — ela diz, em voz baixa. — Com um a faca.

— Quem ?

— Um Lordeiro. Eu o m atei e fugi.

Ela fecha os olhos.

— Você está segura aqui. Descanse, Tori — ele diz. A cabeça de Tori se inclina para um lado: ela se desliga novam ente.

Nico ergue um a sobrancelha para m im . Ela não podia ter escolhido algo *melhor* para dizer, nem se eu a tivesse orientado. Ele provavelm ente se pergunta se eu a orientei.

— Vá, tom e um a rápida chuveirada. Vou cuidar dela. Mas você tem um a dívida comigo, Chuva. Das grandes. Este é um risco enorme, um a com plicação desnecessária que pode interferir nos nossos planos. Agora vá.

Corro para o chuveiro, pego um a toalha, um a camiseta escura indescritível e um short de ciclismo o que ele jogou para mim. *Nossos planos?* Será que ele se referia aos planos do R. U. Livre, aqueles que me dizem respeito de alguma forma? Lavo e seco meu cabelo o mais rápido possível, um a parte de mim anotando coisas sobre o Nico. Eu nunca estive em seu local particular antes. Ele gosta de um bom sabonete líquido, e tem o cheiro dele, não consigo parar de cheirá-lo profundamente. Será que ele tem secador? O cabelo dele está sem pre bonito, mas ainda assim. Esboço um sorriso, subitamente apavorada porque, enquanto admirar o estilo do seu banheiro, penso que a versão de Nico para cuidar de Tori poderia ser acabar com a vida dela de forma dolorosa em vez de outra coisa.

Mas então surto na sala; ele enrolou Tori em um cobertor, que sobe e desce lentamente com sua respiração. Ela dorme profundamente.

— Vam os lá — ele chama. — Levo você para casa.

— E se ela acordar enquanto estamos fora?

— Ela não vai acordar.

Estamos a meio caminho da estrada quando eu ousar perguntar.

— Com o que você sabe que ela não vai acordar?

— Dei um jeito nela.

— Um jeito?

— Não fique tão assustada. Foi apenas um sedativo e um analgésico, ela precisava dos dois — ele xinga entre os dentes. — Se algo der muito errado, é por sua conta, Chuva.

— Desculpe — prendo a respiração: angustiada e temerosa por ser a causa da infelicidade de Nico, tudo ao mesmo tempo.

— A propósito, pensei que você tivesse dito que ela era Reiniciada.

— Ela é.

— Bem, ela não tem um Nível.

Perdi o fôlego com o choque e parei para pensar. Eu havia segurado a mão

dela e a ajudado a andar. Nem percebi. Tinha outras coisas com que me preocupar. E fiquei tão acostumada a ignorar meus próprios níveis, que não dei importância aos dela. Mas o que ela enfrentou esta noite, e o que deve ter enfrentado antes, seria o suficiente para que ela apagasse com certeza. Se ela ainda tivesse um Nivo.

— O que houve com ele? — pergunto.

— Isso é só uma das muitas perguntas que ela terá de responder em breve.

Tenho algumas coisas para discutir com você. Mas, primeiro, me fale sobre o fogo.

As lágrimas chegam sem avisar e eu pisco diversas vezes.

— A casa de Ben, a casa dos pais dele. Queimou completamente. Tori viu tudo. Ela disse que eles estavam lá dentro, gritando, mas os Lordeiros não pediram que recebessem ajuda.

Ele sacudiu a cabeça.

— Pense, Chuva. Que dia é hoje?

— Cinco de novembro.

— Cinco de novembro. Guy Fawkes — ele diz, um pouco. — Este não foi o único incêndio da noite. Com eles a chegar comunicados quando você ligou. Os Lordeiros tomaram para eles este dia que costumava ser nosso. Lembra-se, Chuva. Guarde este dia.

Respiro ofegando enquanto uma série de imagens flutua por minha mente.

Fogos de artifício. Invasões. Fogueiras! Guy Fawkes: um dos responsáveis pela conspiração para explodir o Parlamento inglês, há mais de quatrocentos anos.

Nós haviam os usado aquele dia para lembrar aos Lordeiros que seu poder não era absoluto. Para lembrar aos cidadãos que eles tinham uma chance.

Agora os Lordeiros usavam isso para nos lembrar que Guy Fawkes foi enforcado por ter causado problemas.

— E pensar que eles ousam agir abertamente contra as pessoas às quais deveriam servir! As coisas estão ficando piores, Ky-la. O domínio dos Lordeiros está se acirrando. Muito em breve, ninguém ousará vir para o nosso lado, em oposição a eles. A hora de reavaliar as coisas é agora — ele para no final da nossa rua. — Você precisa fazer uma análise de tudo, Chuva. Falaremos os mais

disso am anã, após o colégio. Agora vá.

Saio do carro e m e em brenho entre as som bras, com cuidado, passando pelas casas. Ainda está escuro, m as são quase seis, as pessoas devem estar acordando. Sobrancelhas com certeza se ergueriam se alguém m e visse chegar m e esgueirando e vestida deste j eito. Mas não vej o ninguém . Quando chego a nosso j ardim , percebo algo: um m ovim ento na estrada? Me encolho num canto da casa e observo, m as não vej o nada. Mas tenho certeza de que algo se m oveu. Entro pela porta lateral e subo as escadas com cuidado e em silêncio até chegar ao m eu quarto: em segurança, finalm ente.

Por enquanto.

Sebastian está enroscado em m inha cam a, os olhos arregalados. Tiro rápido as roupas de Nico e visto m eu pij am a, então enfio suas roupas em m inha m ochila para m e livrar delas depois.

Só m e resta cerca de um a hora de sono, descanso de que preciso desesperadam ente, m as não há com o. Não com incêndios m e assom brando. A noite está cheia de perguntas. Com o Tori escapou dos Lordeiros? Ela foi devolvida a eles: Ben descobriu isso com a m ãe de Tori. O m otivo, nunca souberam os exatam ente — num dia ela estava lá, no outro havia sum ido. Tornou-se m ais um dos desaparecidos. Mas o que houve com o Nivo?

Não preciso m e perguntar o que houve com os pais de Ben: eu sei a resposta. Eles fizeram m uitas perguntas incôm odas. Os Lordeiros deram um j eito neles, foi isso o que aconteceu. Um dia depois de a m ãe de Ben vir até aqui pedir ajuda. Meu sangue gela quando m e lem bro do que m am ãe disse a ela: “Você não devia ter vindo aqui”. Será que m inha m ãe a entregou aos Lordeiros? O pai dela havia sido o Prim eiro Ministro dos Lordeiros, foi ele quem com eçou tudo isso.

Não consigo apagar a visão da casa deles destruída. O lar deles virou seu túm ulo. Será que vão tirar os corpos? Eles j á foram crem ados.

Segundo Nico, aquilo se repetiu em outros lugares hoj e à noite. Outras vítimas. Quero chorar por elas, m as não consigo. Me sinto gelada por dentro, cega de ódio pelo que aconteceu. Isso deixa toda a dor de lado.

E ela quer sair.

CAPÍTULO 10

— Ky la, espere! — paro diante da porta da biblioteca e m e viro. Cam chega apressado.

— Alm oça com igo? — ele olha para os dois lados e abaixa a voz. — Eu trouxe bolo.

— Hum ... sei lá. É de chocolate?

Ele olha dentro da m ochila.

— Hoj e é o pão-de-ló da rainha Victória. Meu tio é um *chef* frustrado, adora um forno.

— Está bem — respondo. Açúcar e distração podem m e aj udar a sobreviver a este longo dia. Tudo o que consigo pensar é nos pais de Ben, no que os Lordeiros fizeram a eles e a outros com o eles. E no encontro que tenho com Nico no fim do dia. Precisam os fazer *alguma coisa*.

Atravessam os o pátio e vem os que um dos dois bancos está vazio. Quando os garotos que estão sentados no outro veem que estam os nos aproxim ando, rapidam ente espalham suas coisas nos dois bancos.

— Legal — resm unga Cam .

— Estou acostum ada com isso. Tem certeza de que quer ser visto com igo?

— Está brincando? Você é um doce.

— Um doce Reiniciado, não se esqueça — digo, rindo.

— E isso é problem a deles? — ele olha para trás. — Quer que eu arranque eles de lá para você? — ele m ostra os punhos, m ovendo-se com o se lutasse boxe.

— Todos os três? O que você faria se eu dissesse que sim ?

Ele olha para os dois lados.

— Me esconderia. Mas tenho m eus próprios m eios de dar o troco nas pessoas, sabe. Quando eles m enos esperarem — e ele ri com o um vilão.

— Claro.

— O que eles fizeram chateia você, não é?

— Chateava. Mas... — eu paro.

— Mas o quê?

— As pessoas à m inha volta costum am desaparecer. Pode ser por causa disso, m as, se for, não tenho com o sair perguntando por aí.

— Desaparecer? — o rosto dele fica sério. Então ele sabe ser sério. — Isso

acontece em toda parte — ele diz, tão amargurado, que me pergunto o que há por trás daquilo.

— Olhe, aquele está vazio — aponto para um banco vago, atrás do prédio da administração. — Se você tiver coragem .

— Bom , deixe-me pensar. Você teria um triângulo das Bermudas portátil com você?

Olho de um lado para o outro e respondo:

— Devo ter deixado em casa.

— Você irá colocar um a poção da invisibilidade no meu sanduíche quando eu não estiver olhando?

— Não!

— Então, vou arriscar.

E eu não conto a ele a outra razão por que aquilo já não me incomoda mais. A lista de coisas que me incomodam diminuiu consideravelmente; e garotos idiotas do Ensino Médio não estão no topo dessa lista.

Comemos os nossos sanduíches em silêncio e a seguir ele pega o bolo.

— Há dois pedaços aí — observo. — Você tinha planejado isto?

— Quem ? Eu? Não. Sou um garoto em fase de crescimento. Sem prelevo dois pedaços de bolo. Mas não me importo de dividir — ele me passa um pedaço, e eu dou um a grande mordida.

Leve, doce. Delicioso!

— Queria que minha mãe gostasse de cozinhar.

— Há quanto tempo você mora lá?

Olho para ele de canto de olho.

— Não muito. Quase dois meses.

— Você já se perguntou sobre seus outros pais?

— Meus outros pais? — ganho tempo, em bora saiba o que ele quer dizer. A conversa está indo por um território perigoso, o tipo de coisa que não devo pensar, muito menos falar. Reiniciados não têm passado; eles estão começando de novo. Não é permitido olhar para trás.

— Você sabe, antes de ter sido Reiniciada.

— Às vezes — admito.

— Você procuraria por eles, se pudesse?

Desconfortável com o rumo o que a conversa está tomando, ocupo minha boca com o bolo. Investigar minha vida passada é definitivamente ilegal. Pode ser perigoso para nós se formos ouvidos tendo essa conversa. E quem sabe quem nos ouve, ou com o que faz? Eu não duvido que os Lordeiros colocariam escutas em todos os bancos do colégio — eles e seus espiões, com o a senhora Ali, estão por todo canto.

— E você? — pergunto, quando só me sobram farelos de bolo.

— O quê?

— Você disse que seu pai partiu. Você ainda o vê?

O olhar sério está de volta e a pausa é longa.

— Ky la, escute — a voz dele fica muito baixa. — Sabe o que eu disse antes, que pessoas desaparecem por toda parte?

Balanço a cabeça positivamente.

— Meu pai não se separou da minha mãe. Os Lordeiros o levaram. Eles invadiram nossa casa no meio da noite e o arrastaram com eles. Eu não o vejo ou tenho notícias dele desde então.

— Oh, Cam — eu olho para ele, chocada. Ele parece tão despreocupado, tão descomplicado. E, ainda assim, ele sabe com o que é quando alguém importante para você desaparece. Alguém como o Ben.

— Sim. Ele estava envolvido em coisas que não agradavam aos Lordeiros.

Algo relacionado a encontrar pessoas desaparecidas. *Sites* ilegais e coisas do tipo. DEA?

Nervosa, olho de um lado para o outro. Não há ninguém perto o suficiente para ouvir, ainda que uma parte de mim não ache segura essa conversa. Mas não consigo evitar.

— E sua mãe? — pergunto.

— Acho que ela teria ido em bora, assim como eu, se não fosse pela pesquisa dela. Eu não sei muito, mas eles queriam que ela continuasse. Eles se livraram de mim para mantê-la na linha.

— Que horrível. Sinto muito, eu não devia ter perguntado.

— Não é sua culpa. Você não estava por perto para usar sua habilidade secreta

do desaparecimento. A menos que seus poderes se estendam por alguns quilômetros ao norte.

E Cam está de volta às brincadeiras. Mas ele já não me engana. Há mais coisas acontecendo com ele do que eu poderia imaginar.

— Escute — ele diz. — Quer dar um a volta de carro mais tarde? Realmente preciso conversar. Aqui não é um bom lugar.

A curiosidade luta com a precaução. Mas não preciso decidir, não agora.

— Hoje não posso. Ficarei aqui até tarde.

— Por quê?

— Tenho coisas a fazer.

— O quê?

— Coisas.

— Que tipo de coisas?

— Escute aqui, senhor curiosidade, estarei ocupada; e ponto-final.

Ele faz uma pausa.

— Eu espero. Posso lhe dar um a carona para casa?

— Não sei quanto tempo vou demorar.

— Não importa. Não tenho nada para fazer.

Tento dissuadi-lo. A última coisa que quero é ver meus “poderes do desaparecimento” se manifestando nele se algo acontecer. A mãe dele já sofreu o bastante. Mas ele insiste que irá esperar no carro até que eu apareça, então, a não ser que eu queira que ele espere até a manhã seguinte, é melhor eu aceitar. O corredor está vazio. Bato uma vez; a porta de Nico se abre. Eu entro, e ele a fecha.

— Com o está Tori? — pergunto.

— Ela está se saindo bem — ele diz. — Só precisa de algumas refeições quentes e descansar o tornozelo torcido. Essa é a parte física.

— Ela não está lhe dando trabalho?

— Não. Ainda não. Se der, você saberá. Terei de enviá-la para outro local em breve; só falta acertar algumas coisas. Mas ela disse que sabe cozinhar. Talvez eu fique com ela.

Ela está se saindo bem; ela sabe cozinhar. O enorme monstro verde dentro de

mim vê mim agens dos dois sentados para um jantarzinho romântico. Usando as velas que notei em sua mesa, terminando a garrafa aberta de vinho da sua bancada.

Nico sorri, com o se soubesse exatamente o que estou pensando, um sorriso que diz *se você não gosta disso, a culpa é toda sua*.

Sinto meu rosto queimar, e, quando ele aponta para a cadeira ao lado de sua mesa, eu me sento.

— Ontem à noite, me dei conta de uma coisa — ele diz, puxando uma cadeira e colocando-a adiante da minha; ficam os dois de frente para o outro. Meus olhos estão cravados nos dele. Os longos cílios que parecem escuros demais para as íris de um azul tão pálido. A mecha de cabelo que cai em sua testa e que tenho de me segurar para não afastá-la com a mão.

Engulo em seco.

— O que foi?

Ele se inclina para mim.

— Chuva está de volta — ele sussurra em meu ouvido, e suas palavras, seu hálito, dão choques em minha pele.

Ele sorri e se recosta na cadeira, uma cadeira escolar pequena que parece ridícula sob ele.

— Ela realmente está de volta. Eu não tinha certeza do quanto dela ainda havia em você. Mas o que você fez ontem à noite foi típico dela, não foi? Saindo pela noite para xeretar. Ky-la não teria feito isso.

— Não, não teria — eu digo, e me dou conta de que ele está certo. Eu me udei, e muito. Ainda estou mudando. Minha cabeça está girando. A sala é como um caleidoscópio, tudo se mexendo, se revolvendo. Pisco os olhos, e o mundo, Nico no centro, entram em foco.

— Mas alguma coisa ainda não está certa.

— O que há de errado? — pergunto. — Eu dou um jeito.

— Mesmo? — ele sorri. — Essa história toda com a Tori. A Chuva que conheço não arriscaria expor todo o R. U. Livre para salvar uma garota. Ela teria resolvido isso, e não haveria Tori, ou problema.

A segurança do grupo é imprescindível: qualquer risco de atrair a atenção dos

Lordeiros deve ser tratado com os meios necessários. Mas será que ela — ou melhor, eu — de fato poderia simplesmente ter torcido o pescoço de Tori? Ou esmagado seu crânio? Tenho uma visão de Tori, com a cabeça esmagada contra uma árvore; me encolho. Não. Eu não seria capaz de fazer algo assim. Seria? Mas eu quase fiz, só parei porque a reconheci. Pensando bem, as memórias estão fluindo em minha mente — armas, gritos, sangue —, e elas dizem *sim*, Chuva teria feito *qualquer coisa*. E eu nem mesmo gostava da Tori: por que ajudá-la? — Me diga o que você está pensando — diz Nico, em um tom de voz que não permite rodeios.

— Meus pensamentos estão em conflito — tento explicar. — Com o se houvesse duas vozes na minha cabeça, com ideias diferentes.

Ele balança a cabeça, os olhos pensativos.

— Por favor, explique o que houve comigo — imploro. — Não consigo preendo. Ele hesita. Sorri.

— *Eu* tenho algumas coisas para perguntar ainda. Mas irei explicar um pouco.

Às vezes você é mais Ky la, outras vezes mais Chuva. E isso faz sentido. As coisas estão se realinhando. No seu tempo. Chuva irá prevalecer, ela é mais forte.

Uma visão surge sem ser convidada: Lucy, com dedos ensanguentados. E Nico... segurando um tijolo.

Ofegando, ergo minha mão direita num gesto expressivo. Viro-a de um lado para o outro.

— Você fez isto? Para que eu fosse destra?

— Fiz o quê?

— Esmaguei os meus dedos — hesitei. — Os dedos de Lucy.

Os olhos dele se desviam. Há uma pausa: uma batida, duas. Ele torna a olhar para mim.

— Você se lembra de quando era Lucy?

— Não. Não exatamente, apenas alguns sonhos que não fazem sentido. Por favor, Nico: é tudo tão confuso dentro de mim. O que houve com Lucy? O que houve com a garotinha de dez anos que *eu* fui?

Ele hesita, pensa, e então acena afirmativamente.

— Tudo bem. Você era importante para mim, Chuva. Mas, por estar lutando

pela liberdade, havia sem pre o risco de ser pega. Eu sabia que precisava encontrar uma maneira de protegê-la se os Lordeiros colocassem a mão em você.

— Com o?

— Separando você em duas partes, por dentro, para que alguma delas sobrevivesse se você fosse Reiniciada. Chuva era mais forte que Lucy ; ela sobreviveu.

Quando ele disse aquelas palavras, eu soube. Eu sempre soube. Eu era uma que se tornou duas: Lucy, com suas memórias de infância, e Chuva, cuja vida era com Nico e o R. U. Livre. As peças do quebra-cabeça se encaixavam . Lucy foi feita para ser destra: ela não cooperaria, então Nico a forçou. Chuva era canhota. A forma com a qual alguém é Reiniciado depende da mão que costumava usar: a memória é acessada pelo hemisfério dominante e ligada ao uso das mãos. Mas quem era eu quando fui Reiniciada?

— Ainda não compreendo. Se Chuva era mais forte e estava no controle, por que os Lordeiros não a reiniciaram , com o se eu fosse canhota?

— Aí é que está a beleza de tudo isso. Chuva escondeu-se quando foi capturada; você foi treinada para fazer isso. Então a parte Lucy dentro de você era dominante.

— Então, até onde os Lordeiros sabiam , quando me reiniciaram no ano passado, eu era destra. E eles não sabiam sobre Chuva. Quando eles pegaram minhas memórias, só pegaram parte delas.

— Perfeito. Lucy se foi, ela era fraca. Mas você, Chuva especial, sobreviveu ao processo: escondida aí dentro. Esperando o momento certo para se libertar.

— E isto — digo, girando-me no Nível. — Não funciona mais porque sou Chuva novamente: canhota. E ele está ligado ao lado errado do meu cérebro.

— Exato — ele segura minha mão esquerda. Gentilmente beija a ponta dos meus dedos. — Me perdoe por ter ferido você naquela época. Mas era a única maneira de proteger você.

Lucy havia partido para sempre. É por isso que não consigo me lembrar daquela vida. A dor da perda me consome, se espalha pelo vazio que há dentro de mim . Tanta coisa da minha vida destruída, esquecida. Mas parte de mim ainda

está aqui: Nico me salvou. Se não fosse por ele, eu teria desaparecido completamente. Eu não teria sequer sabido o que perdi.

— Obrigada — sussurrei. E me perguntei: se Chuva é mais forte, Ky-la desapareceria também? Tudo pelo que ela ansiava e se preocupava? Com o Ben? Posso sentir as lágrimas pingando de meus olhos e pisco furiosamente. Não chore. Não na frente dele. Não! E então o medo luta com a dor: Nico não gosta de fraqueza.

Mas, em vez de ficar zangado, ele segura minha mão.

— O que foi? — ele diz, gentilmente.

Agarro sua mão. Ela é grande, forte. Ele poderia esmagar a minha em um instante.

— Ben — sussurro.

— Me diga. Eu sei um pouco, mas me diga. O que realmente houve com ele?

— ele enfatizou o *realmente*, com o se soubesse que havia mais do que a história oficial.

— Foi tudo culpa minha. Fui eu — finalmente falo em voz alta o que estava me assombrando e apodrecia dentro de mim.

— O que você fez? Me conte.

— Eu cortei o Nivo dele. Com um esmeril.

E, conforme vou contando a ele os fatos, os acontecimentos, Nico puxa sua cadeira para o lado da minha e passa um braço pelos meus ombros. E as imagens preenchem minha mente. A agonia de Ben. Eu fugindo, deixando-o à própria sorte. E o que foi aquilo, exatamente? O que houve com ele? Teria morrido por causa do que fiz? Ou depois, pelas mãos dos Lordeiros?

— O que houve com ele? — pergunto, meus olhos implorando por uma chance, uma esperança.

— Você sabe a resposta para essa pergunta — diz Nico. — Você sabe o que os Lordeiros teriam feito com ele se lhe restasse um mínimo de vida.

Concordo por entre as lágrimas.

— E você sabe o que eles fizeram com os pais dele.

— Sim.

— Você sente isso, Chuva? Por dentro. A raiva.

E isso ganha vida, um fogo, com o se o próprio Nico tivesse jogado um fósforo para acendê-lo. A fogueira queimava em minha mente, mais quente e violenta do que as chamas que consumiriam a casa deles. Do que todas as fogueiras que os Lordeiros acenderam naquela noite.

— Agora me escute, Chuva. Isso não significa que você tenha de esquecer Ben ou o que ele significava para você, ou o que os Lordeiros fizeram aos pais dele. Nada disso. Apenas use isso; use da forma correta.

Use a raiva.

E ela chega com o um a onda — um fogo que queimava percorrendo cada músculo, cada osso. Cada gota de sangue ferve em minhas veias.

Aperto os braços da cadeira.

— Tem os de fazer os Lordeiros pagarem pelo que fizeram. Eles precisam ser punidos!

Nico segura meu rosto com as mãos e o inclina. Seus olhos me estudam, buscando por algo, avaliando. Por fim, ele balança a cabeça. Seu olhar é afetuoso. Uma onda de formigamento passa por minha pele, toma o meu corpo.

— Sim, Chuva — ele sorri, inclinando-se para mim. Seus lábios tocam levemente minha testa. — Mas há uma pergunta que você ainda não respondeu. Quando conseguiu suas memórias de volta?

O ataque na floresta. Wayne. As palavras comecem a se formar em minha garganta, para contar a ele o que houve, mas eu paro. Ele fará algo com Wayne se souber. Mas por que estou protegendo Wayne? Não é isso que ele merece?

— Deveria ter sido quando você deixou Ben e os Lordeiros o pegarem. Teria sido isso; é o tipo exato de trauma. Então por que não aconteceu ali? — Nico fala com o se para si mesmo, com o se tivesse esquecido que estou ali.

Eu me contorço, desconfortável com sua análise, seu exame para avaliar meu “trauma” e seus efeitos. Mas, se minhas memórias não voltaram naquele dia, por que não desmaiarei e morri? Olhei para meu Nível inútil.

E então me lembrei.

— Eu sei — digo. — Foram as pílulas.

— Que pílulas?

— Pílulas da felicidade. Ben as conseguiu em algum lugar — explico.

Om itindo onde ele as conseguiu, nem m esm o sei por quê. Elas vieram de Aiden, que está no DEA: eles coordenam o *site* dos Desaparecidos em Ação que vi na casa do prim o de Jazz.

Nico balança a cabeça.

— Faz sentido. Elas bloquearam a experiência com pleta. Depois, quando elas perderam o efeito, Chuva apareceu.

Ele dá um largo sorriso e ri.

— Chuva! — ele m e abraça. — Você sem pre foi m inha favorita, você sabe disso.

Meu coração se alegra. Nico nunca se relacionara com um a garota dos cam pos de treinam ento — não que eu tivesse percebido. Seu poder era absoluto, m as todas nós o desej ávam os.

— Agora escute — ele m e afasta. — Há algo que você pode fazer por m im . Você ainda vai às consultas no hospital de Londres, não vai?

Faço que sim .

— Todo sábado.

O hospital Nova Londres, onde fui Reiniciada, é um sím bolo do controle dos Lordeiros, um alvo frequente do R. U. Livre; foi para onde m e levaram , assim com o inúm eros outros além de m im , e onde deliberadam ente apagaram nossas m em órias.

— Quero m apas. Tão precisos quanto possível, de cada pedaço do hospital. Por dentro e por fora. Você pode fazer isso por m im ?

— Claro — respondo, ansiosa por atingir os Lordeiros, ainda que de form a tão insignificante. Posso ver o desenho em m inha m ente sem m e esforçar; m inha m em ória e capacidade de m apear as coisas estão tão engrenadas por dentro que...

Um a m em ória m e vem à lem branca. Um treinam ento longo e tedioso.

— Você m e ensinou isso — digo lentam ente. — Com o m em orizar posições e lugares, com o desenhar m apas. — As consequências eram terríveis se errássem os: eu m e lem bro, e estrem eço por dentro. Mas não com eto m ais erros.

— Sim — ele sorri. — Isso foi parte do seu treinam ento. Você consegue.

— Consigo.

— Agora vá.

Eu me levanto, ele abre a porta e olha para os dois lados.

— Caminho livre. Vá.

Corro pela pista do colégio, sem me sentir segura para encontrar Cam e pegar carona com ele até que me acalm e. Durante os momentos em que estive com Nico, me segurei por dentro.

Eu era sua favorita!

Ele me abraçou. Minha testa ainda está formando onde seus lábios a tocaram .

Ele me salvou.

Tinha tantas razões para estar zangado, mas não estava.

E acima de tudo: *eu sei quem eu sou*. Eu sei de onde vim , e a onde pertenço. O que preciso fazer. Os Lordeiros falharam . Eu me lembro.

A alegria intensa em minha serenidade e eu aumento o passo dando voltas na pista, até que um assóvio me tira do devaneio. Me viro.

Cam .

Ele bate palmas e eu diminuo o passo, dou mais uma volta para desacelerar e ando até ele.

— Nossa, você corre muito. Era isso que precisava fazer tão desesperadamente depois da aula?

Minha respiração está acelerada. Dou de ombros.

— Às vezes, eu realmente preciso correr — eu digo, sem responder exatamente à pergunta. O que não deixa de ser verdade. Eu apenas costumava correr para manter meus níveis altos. Curiosamente, olhei para o meu Nivo. Ainda em torno dos 6: correr costumava fazê-lo subir para 8, mas agora é uma peça sem utilidade.

— Hora de ir para casa?

Faço que sim com a cabeça.

— Desculpe, estou toda suada — digo, com um risinho irônico, depois me lembro de parecer mais gentil. Pelo menos eu tenho a corrida com o desculpa para estar atordoada.

CAPÍTULO 11

— Está pronta? — pergunta m am ãe.

Afasto os olhos do exercício do caderno, que finj o estar fazendo na m esa da cozinha.

— Para quê? — pergunto, m inha m ente em branco.

— Que dia é hoj e? — Ela ri.

E tudo que posso pensar é em Guy Fawkes. Difícil acreditar que ainda é o m esm o dia que com eçou antes de o sol nascer com um a casa queim ada, e Tori.

— É quinta-feira — ela diz.

— Quinta? — Olho para ela sem entender.

— Grupo, certo?

— Ah, desculpe — m e apresso para escovar os cabelos e m e calçar. Com o fui esquecer? Tanta coisa passando por m inha cabeça. O grupo se encontra toda quinta à noite. Todos os Reiniciados da redondeza se encontram com a enferm eira Penny para receber apoio na transição do hospital para a sociedade. Bah! É m ais para nos espionar e observar cada desvio que precise de aj uste. Mergulho em m eus pensam entos. Isso pode até ser verdade, m as Penny é legal. *Ainda assim, é um teste.*

Sim . Eu tenho que ser com o os outros. Penny ou qualquer outro ouvido escondido não pode notar nada de diferente ou errado. Rebusco em m inha m em ória. Na quinta passada, eu estava tão aborrecida por causa de Ben que m al conseguia regular os níveis o suficiente para m e m anter consciente. Ela estará esperando o m esm o.

Foco naquele dia, em ser aquela pessoa, em purrando Chuva e suas m em órias para um canto.

Kyla, é com você agora.

O m acação de Penny é de um verde-lim ão cintilante com listras roxas, seu rosto está ilum inado. Ela está falando com um a m ulher e um a garota, não reconheço nenhum a das duas. A garota deve ter uns catorze anos e sorri com o um a lunática: recém -Reiniciada. São todos assim no início. Cheios de felicidade porque os Lordeiros roubaram suas m em órias, seu passado; porque, não im portam os crim es que eles tiverem com etido, eis um a segunda chance em um a nova vida. Eu tam bém era daquele j eito, em bora m enos que a m aioria.

Teriam sido as m em órias de Chuva escondidas em m im que sem pre m e fizeram ser diferente?

Os outros nove estão com o sem pre. Não existe m ais Tori; nem Ben. E eu não preciso m e lembrar de ser apenas Ky la, de agir e parecer com o ela. Aqui eu sou ela. Chuva não pertence a este lugar.

Colocam os nossas cadeiras em círculo e com eçam os.

Penny está na frente da sala.

— Boa noite, pessoal!

Todos se olham , indecisos.

— Boa noite — algum as poucas vozes respondem , a seguir o resto as acom panha.

— Esta noite quero que deem boas-vindas à Ângela. Ela está se j untando a nós.

E o que vocês fazem agora?

Ela olha para todos, e eu resm ungo por dentro, m e lembrando do m eu prim eiro dia ali. Foi Tori quem revirou os olhos e disse a todos para se apresentarem , sarcástica. Ben chegou atrasado.

A m em ória m e invade. Salta com o um a pedra sobre a água. Eu posso vê-lo, irrom pendo pela porta. De short e um a camisa de m anga com prida, colada em seu corpo por causa da corrida. Sem pre correndo. Suspiro.

— Ky la?

Penny se aproxim a, a preocupação em seus olhos.

— Você está bem , querida? — ela pergunta.

— Desculpe, m e distraí por um m om ento — ela verifica m eus níveis, ergue um a sobrancelha quando vê que estão bem , em 5.8. Ela retorna para a frente da sala.

Eu m e dou um a sacudida por dentro. Não devo sorrir em exagero, nem m ergulhar em tristeza. O que im porta é m e m anter no *nível*. O que todos os Reiniciados devem fazer, em bora não sej a m ais o m esmo para m im .

Penny está sorrindo para a garota nova, cuj o sorriso é ainda m aior. Ela parece tão feliz que não corre perigo de desm aiar com níveis baixos com o costum ava m e acontecer às vezes. O resto deles, tam bém : todos parecem *tão* felizes. Felizes por terem sido pegos pelos Lordeiros, que os fizeram parar de fazer ou dizer o

que não agradava. Lanço um olhar para os rostos extasiados. Será que algum deles era um criminoso *de verdade* com o deveriam ser? Assassinos ou terroristas. Com o eu. Estão felizes. Será que se importam com quem foram? Se minha Reiniciação tivesse funcionado com o deveria, eu estaria sorrindo com eles.

Eu também estaria feliz.

Levo um susto quando uma mão quente aperta meu ombro. É Penny.

— Você pode responder à minha pergunta? — ela reclama.

— Ah...

— Por que estão os aqui?

— Por ser nossa segunda chance?

— Exato, Ky-la.

Eu realmente tenho uma segunda chance — não a mesma que ela se refere.

Ela não sabe que eu voltei, que os Lordeiros falharam. Minha Reiniciação falhou.

Guardo o segredo dentro de mim, uma pequena satisfação interior.

Voltando-se para o grupo novamente, Penny nos diz que vamos praticar uns jogos. Ela abre um baú, pega desenhos, cartas e um tabuleiro de jogos. Estamos em número ímpar e ela decide que eu e ela faremos um par. Ainda de olho em mim?

— Você já jogou algum desses antes? — ela pergunta, e eu olho no baú para ver o que há lá.

— A maioria deles. Gosto de xadrez. Costumava jogar tarde da noite no hospital: um vigilante me ensinou.

Ela tira a caixa de xadrez, me entrega para arrumá-la enquanto verifica os outros alunos. A caixa é de madeira trabalhada; ela se abre e as peças estão acomodadas lá dentro, um grupo em madeira clara, outro em escura. Eu os retiro e os alinho no tabuleiro. As torres nos cantos, depois os cavalos, os bispos, o rei e a rainha. A longa fileira de peões na frente, alinhados e dispensáveis. No entanto, com a estratégia certa, o jogo certo, um peão pode fazer a diferença. Penny retorna e coloca uma cadeira para que possamos jogar.

Minha mão é atraída para uma das minhas torres: eu a pego. Um *castelo*, diz algo dentro de mim. Você costumava chamar de castelo.

Não. Faço cara feia. O vigilante — entediado, obrigado a dar um a de babá tarde da noite quando eu tinha pesadelos — me ensinou a jogar. Ensinou os nomes corretos para cada peça, seus movimentos, e ficou surpreso com o aprendizado rápido. Quando deixei o hospital, já havia até ganhado algumas vezes.

— Ky-la? — Penny olha para mim com curiosidade.

Faço esforço para ficar atenta e coloco a peça de volta em sua casa.

Comecem os.

— Teve uma boa noite? — pergunta minha mãe.

— Foi tudo bem — ela ainda me olha, querendo mais. — Jogamos xadrez.

Penny e eu.

— Quem ganhou?

— Ela.

Não dei tudo de mim no jogo. Continuei tendo essas sensações estranhas conforme tocava as peças. Havia algo no modo com o qual as sentia nas mãos. Eu continuava querendo pegá-las, passar meus dedos pelos cantos e contornos para perceber suas formas apenas pelo toque.

Fingi um bocejo.

— Estou cansada. Vou me deitar.

Mas, já em meu quarto, meu cérebro está a mil.

Minha segunda chance, mas não com os Lordeiros queriam. Minha segunda chance com o R. U. Livre. Para com bater os Lordeiros.

Ainda assim ... o que eu fiz antes com o R. U. Livre? Sem pre que *tento* me lembrar daquela vida, com Nico, ela se acanha e se esconde. As coisas parecem retornar quando não caço ou não procuro. Tento relaxar, deixar a mente flutuar. Posso ver o campo de treinamento — sim. Mas nada mais. Eu saía em ataques? Os Lordeiros me pegaram de alguma forma, então devo ter ido. Mas não me lembro de nada.

O rosto de Nico parece pairar e não vai em bora. Com ele, esta tarde, foi difícil pensar, saber o que dizer ou fazer. Eu só fui o que ele quis.

Balancei minha cabeça, confusa. Não. Não está certo. É isso o que *eu* quero também.

Em bora esta noite, jogando xadrez, eu me sentisse mais *eu*, seja lá o que

signifique isso. Em minha própria pele. Com o se segurar um a torre na mão fizesse, de alguma forma, as coisas comecem a se acertar por dentro, a fazer sentido.

Eu me concentro no tabuleiro, as peças trabalhadas, cada uma em sua casa.

Mordo meu lábio. Cada movimento que posso ver terminará na captura de uma das minhas peças. Não me sobraram muitas. Estico a mão e a retraio novamente.

— Não sei o que fazer — admito, finalmente.

— Quer uma dica?

Coloco meus dedos em uma peça e depois em outra. Olhando para os olhos dele.

Ele pisca quando toca no castelo ao lado do rei. Mas não há para onde ir, há poucas casas entre ele e o rei. O rei está numa posição desprotegida e logo estará em perigo. A não ser que...

— Qual é aquela coisa especial que o castelo pode fazer? — pergunto.

— É uma torre, Lucy.

— Parece um castelo!

— Parece, não é? — ele sorri. — Ele pode deslizar até o rei. E então eles trocam de lugar.

— Eu me lembro! — faço como ele diz, eles trocam de lugar, e meu rei está salvo.

O jogo continua. Eu finalmente venço.

Sei que ele me deixou ganhar. Seguro o castelo em minha pequena mão, levo-o para o quarto quando vou dormir. Ele está na mesinha ao lado da minha cama, quando papai me dá um beijo de boa-noite.

Acordo lentamente; aquecida, feliz, segura. Abro os olhos. A torre desapareceu. Sento rápido, em choque; o quarto se dobra e se contrai, mudando, se tornando o quarto de Ky la novamente. E não o de Lucy.

Com o posso ainda ter essa memória? Deveria ter sido apagada com o resto delas, com o disse Nico. Me sinto confusa. Tive sonhos com Lucy antes, mas nunca algo tão real.

Nunca algo com ela em casa, segura e feliz.

Eu me agarro ao sonho, mas ele já está desaparecendo, tornando-se irreal. Cam baleio pelo quarto e acendo as luzes. Pego meu bloco de desenho e meus lápis, e tento diversas vezes desenhar o rosto dele. Para me antê-lo ali. Mas ele se vai. Eu não consigo. Tudo o que resta é vago e incerto, um amana era percepção de tamanhos e proporções. Sem detalhes, sem características que pudessem ser reconhecidas com o individuais. Desisto da tarefa impossível de desenhar o pai de Lucy. Meu pai. Em vez disso, com o com Ben. Agora que os pais de Ben se foram, não há mais ninguém para se lembrar dele. Olharei para o desenho dele todos os dias. Dessa forma eu não o esquecerei: sempre vou me lembrar dele quando vir seu rosto. E há algo mais que eu posso fazer. Lucy me lembrou. Há uma última chance. Uma última maneira de tentar descobrir o que houve realmente com Ben: DEA.

CAPÍTULO 12

— Você não quer ir com o Cameron? — Amy sorri. Na verdade, é mais uma risadinha debochada. — Ele é um fofo, você não acha?

— Não! Quero dizer, não, não quero ir com o Cameron.

— Então você concorda que ele é um fofo.

Eu reviro os olhos e me sento no banco traseiro do carro de Jazz.

Eu tinha dito a eles que não me esperassem ontem, que eu voltaria para casa com Cam. Mãe não sabia e provavelmente não aprovaria. Não necessariamente por causa dele, mas por Amy e Jazz ficarem sozinhos: eu sou a dama de companhia deles. Bah! Eu já expliquei isso ao Cam para que ele não pense que passou a ser meu motorista. Principalmente hoje, quando tenho planos dos quais ele não faz parte.

Pegamos a estrada antes que eu pergunte.

— Jazz, você acha que podem os visitar Mac hoje e depois do colégio?

— Claro — ele responde, e é só isso. Mac é o primo de Jazz; foi no computador ilegal em seu quarto dos fundos que eu descobri sobre Lucy e sobre o DEA. Será que eles podem encontrar Ben?

Amy começa a tagarelar sobre as fofocas de ontem no consultório médico. Eu

m e desligo, mas algo chama minha atenção.

— Am y, o que foi isso? — pergunto, na dúvida se ouvi direito; se queria ouvir.

— Sabe aquele homem de quem lhe falei, o que eles encontraram espancado e que estava com ela? Ele acordou lá no hospital.

Meu coração parece parar por um instante, uma agitação no fundo do peito.

Tente parecer despreocupada.

— Ele disse alguma coisa? Sobre o que aconteceu com ele?

— Ele estava bem fora de si, segundo a enfermeira do centro cirúrgico, que tem uma amiga que trabalha no hospital. Deve ter tido uma névia por causa dos ferimentos na cabeça. Os Lordeiros foram falar com ele, mas desistiram porque ele falava coisas sem sentido.

Conte ao Nico!

Mas e depois, o que vai acontecer? Depois que passar a raiva por ser a primeira vez que ele ouve a respeito. Após ele superar que eu não tenha contado sobre o ataque ao Wayne quando me perguntou o que havia desencadeado a volta de minhas memórias. Wayne é um risco: se ele falar sobre o que eu fiz, os Lordeiros virão me pegar. Nico cuidará dele de um jeito ou de outro. E, nesse caso, cuidar significa me atar. E depois ele terá que cuidar de mim.

Não farei isso.

Meus instintos protestam contra um risco tão grande. Melhor esperar para ver, talvez Wayne não se lembre de nada.

Mas talvez se lembre.

Naquela tarde, nos enfileiram os no corredor para a reunião do segundo ano.

Cada um pega o seu lugar sem correria, num silêncio mortal. Na frente da sala está a razão: Lordeiros.

Sinto um arrepio gelado que desce pela minha coluna quando olho para eles.

Não encare.

Luto para desviar o olhar. Esses Lordeiros eu conheço: agente Coulson e seu ajudante. O olhar frio de Coulson varre a sala, e eu luto para afastar o meu, mas ele está travado. O que Coulson está fazendo aqui?

Coulson não é um Lordeiro qualquer; ele é algo mais. Ficou óbvio quando eles vieram me interrogar assim que Ben desapareceu. Para comê-los, eles tiveram

cuidado em escolher quem enviariam por causa da mãe. Eles queriam ter certeza de com o seria tratada a filha do herói dos Lordeiros — William Arm strong, Primeiro Ministro, antes que o R. U. Livre o explodisse junto com a esposa. Mãe podia não estar envolvida em política agora ou não explorar seus contatos (pelo menos, que eu tenha visto), mas, ainda assim, eles não fariam ou diriam algo que não pudesse ser explicado se necessário. Ela tinha sido a única razão, tenho certeza, para eu não ter sido arrastada para uma inquisição nada gentil.

Mas, mais do que isso, Coulson exala certo poder cauteloso. Ele não é só um valentão desagradável, em bora eu tenha certeza de que ele seria se a ocasião o permitisse. Tudo nele era friamente calculado.

Os olhos dele descansavam sobre mim. Gotículas de suor brotavam em minha testa.

Olhe para o outro lado!

Desviei o rosto e baixei os olhos. Resisti ao impulso de olhar novamente, para ver se ele estava encarando.

Ele é só um homem. Um homem desagradável.

Ele sangraria vermelho como todo mundo. E era isso que deveria acontecer com ele!

Comença a reunião. O diretor fala em tom monótono sobre as conquistas dos alunos, depois passa seus avisos de sempre. Conselhos para alcançar o seu potencial... ou algo assim.

Mas estou longe dali.

Em minha imaginação, é Coulson quem arrasta o corpo destruído de Ben para longe de sua mãe.

É Coulson quem segura o fósforo. E o lança sobre a casa de Ben.

É Coulson quem arranca Lucy de sua família.

O ódio me toma por dentro. Ódio ardente, perturbado. Do lado de fora, meu rosto está calmo, atento; por dentro é bem diferente.

Se eu tivesse uma arma em minha mão agora, eu a levantaria. Atiraria nele.

Ele merece. Todos eles merecem.

A dureza do banco onde estou sentada, a monotonia da voz do diretor e o

corredor cheio de estudantes atentos com eçaram a se esvanecer. Minhas mãos seguram firme e em um metal gelado, meus olhos me iram cuidadosamente no alvo. O dedo indicador puxa o gatilho. Uma explosão, a arma dá seu coice de volta em minhas mãos. A munição voa pela sala rápido demais para que olhos normais a sigam, mas os meus assistem ao seu trajeto até o alvo.

Ela atinge o peito dele. Seu coração explode: uma onda vermelha se espalha em todas as direções, com o quando uma pedra é lançada em águas tranquilas. Ele cai.

Eu sorrio, e então me dou conta de que a reunião acabou; estão todos saindo da sala. Eu me levantei e os segui sem perceber. Cam se afastou do seu tutor e caminha ao meu lado. Ele deve pensar que sou totalmente louca para sorrir, aqui e agora.

E sou.

O feitiço — se houve um feitiço — se quebrara. Nos aproximamos das portas do corredor. O outro Lordeiro está lá, olhando os alunos saírem, um por um. Coulson está na frente, de guarda na porta. Estou aliviada. E então o almoço revira em meu estômago conforme as imagens do corpo ensanguentado de Coulson se repetem em minha mente.

— Você está bem? — sussurra Cam quando saímos do corredor. — Você ficou pálida.

Apenas balanço a cabeça, corro para o banheiro do prédio seguinte e vomito, várias vezes. Quando tenho certeza de que não há nada mais para sair, jogo água em meu rosto e olho para o espelho.

Que diabos houve aqui?

Minhas mãos estão tremendo. Eu não sou essa pessoa, eu não poderia fazer aquilo. Poderia? Eu não choraria se ele morresse, mas não por minhas mãos. Mas então para que foi todo aquele treino?

E as visões flutuam por minha mente com o um filme em velocidade acelerada. Aula de tiro. Alvos. Facas e seus usos. Girando rápido. Foi um tiro, o melhor da minha unidade. Uma unidade que, por si só, já era a melhor.

Não!

Sim. O que é ser uma terrorista? Discussões políticas em uma mesa de chá? Os

Lordeiros são maus. Ele merece morrer. Todos eles merecem.

Olho para minhas mãos. Posso sentir o peso gelado de uma arma ali. Eu sei o que fazer com uma. Ele merece morrer. Por que não?

CAPÍTULO 13

— Vou lhe contar um segredo — Jazz está sorrindo, então deduzo que não sejam más notícias.

— Qual?

— Antes de você pedir esta manhã, eu já estava planejando ir ao Mac de qualquer forma. Ele tem uma surpresa para você.

Meu estômago dá saltos. Jazz ainda está sorrindo, ele deve saber o que é, e deve ser coisa boa.

— Não é o Ben, é? — sussurro. Sabendo que não seria, que não poderia ser, mas incapaz de impedir a mim mesma de fazer essa pergunta.

O sorriso de Jazz se desfaz.

— Sinto muito, Ky la. Se eu descobrir algo sobre ele, você será a primeira a saber.

Me recosto em seu carro, incapaz de controlar a onda de desapontamento, ainda que irracional. Aiden prometeu que enviaria notícias através de Mac se descobrisse algo sobre Ben — então meu cérebro instintivamente deduziu isso. *Grande erro.*

Am y aparece no estacionamento. Ela vem até nós e coloca o braço em volta de Jazz. Ele se vira e a beija, enquanto tento não olhar.

— Você está bem? — ela me pergunta.

— Estou.

— Uma amiga minha viu você correndo para o banheiro, parecendo enojada.

— Ah. Eu só tive uma dor de estômago, nada demais. Estou bem agora.

— Tem certeza de que não quer ir direto para casa?

— Tenho!

— Não fique tão zangada! Já estão indo.

— Às suas ordens, senhoras — anuncia Jazz, abrindo a porta do carro.

Seguimos pelas rodovias, através de campos gramados. Passamos por fazendas e bosques até a casa de Mac. Ela fica depois da descida de uma pista

estreita, isolada. Seu enorme quintal dos fundos está cheio de pedaços de carros que ele desmonta e salva por partes, para construir novos carros. Com o que ele fez para Jazz. Mas ele não é apenas um mecânico.

Qual seria a surpresa?

A surpresa se lança sobre mim quando entram os pela porta da frente na casa de Mac.

Sky e! A cadela de Ben, uma linda golden retriever que salta e cobre meu rosto com beijos lambedos e entusiasmos. Eu me ajoelho e a abraço, me ergulhando meu rosto em seu pelo. Pelo que cheira a fumaça.

Jazz leva Amy para uma caminhada, para ficar a sós com ela, com o sempre.

Mac observa a mim e a Sky e, o rabo dela batendo no chão, meio esparramada em meu colo. Algo se esconde por trás do olhar cuidadoso no rosto de Mac.

— Com o? — pergunto. Uma única palavra com tanto significado. Com o foi que ela sobreviveu? Com o a cadela de Ben foi parar na casa de Mac?

Mac se senta ao nosso lado, no chão. Ele acaricia as orelhas de Sky e ela se esparrama entre nós, sua cabeça em meu joelho.

— É a primeira vez que vejo esta cadela feliz desde que chegou aqui ontem à noite.

— Você sabe o que houve?

— Em parte. O resto posso deduzir. O que não consigo entender é com o você não parece surpresa de vê-la aqui e por que você é quem está me perguntando se sei o que aconteceu.

— Eu ouvi coisas — explico, cauteloso.

Mac levanta uma mão.

— Você não precisa me contar com o sabe sobre os pais de Ben. Você sabe, não sabe?

Afirmo com a cabeça e me abraço a Sky e novamente.

— Sky e é uma cadela de sorte.

— Sim. Primeiro perde o garoto que ama, depois o resto de sua família: muita sorte.

— Ela é uma sobrevivente. Não sei se ela estava do lado de fora, se saiu, ou o quê. Mas o amigo de Jazz a encontrou no dia seguinte, e Jazz a trouxe para cá.

Nenhum dos vizinhos queria ser visto com ela no caso de algum oficial se ofender por ela ter escapado — pela forma com o ele diz isso, percebo que ele pensa sobre isso tanto quanto eu.

— Espere aqui — ele diz, se levantando para ir à cozinha. Retorna um momento depois com uma tigela nas mãos. — Veja se consegue fazê-la comer. E então eu sento no chão com Sky e com metade do corpo no meu colo, e alimento com pedacinhos de carne. Ela come um pouco, depois fecha os olhos e dorme.

O calor de seu corpo e o cheiro de cachorro, misto com um toque de fumaça, são gostosos, reais, e não quero sair dali. Mas tenho outros assuntos com Mac. Eu tiro das minhas pernas com cuidado e o encontro na cozinha.

Prendo a respiração ao ver a coruja no topo de um armário: a escultura de metal que a mãe de Ben fez para mim a partir de um desenho meu. Tão linda, e mortal. Ela tinha tanto talento, e isso é tudo que restou agora. Passo as pontas dos dedos pelas penas; por dentro, a dor está brotando, querendo sair.

Luto para contê-la, segurá-la dentro de mim. Estou aqui por uma razão.

— Posso ver o DEA? — pergunto.

Mac me olha desconfiado, depois concorda. Eu o sigo até o quarto dos fundos e ele descobre seu computador altamente ilegal, não governamental. Ele não bloqueia os *sites* que os Lordeiros não querem que sejam vistos, como fazem os computadores legais. Logo o *site* do DEA preenche a tela: Desaparecidos em Ação. Cheio de crianças desaparecidas.

Foi quando perguntei ao Mac sobre Robert que ele me mostrou esse computador pela primeira vez. Robert, o filho da minha mãe que está no memorial do colégio com o tendo sido morto em um ônibus com trinta outros alunos no meio de um ataque do TAG. Mas Mac também estava lá. Ele sabe que Robert não morreu no ônibus, e acha que ele provavelmente foi Reiniciado. Foi quando ele estava me mostrando no DEA quantas crianças desaparecem sem explicação neste país que vi Lucy pela primeira vez. Eu.

Preciso fazer isso, verificar novamente. Entro na caixa de busca: garota, loira, olhos verdes, dezessete anos. Clico no botão de busca.

Páginas de resultados aparecem e não demora para que eu a veja e clique em

sua imagem para aumentar a visualização.

O rosto dela — meu rosto — enche a tela. Lucy Connor, dez anos de idade, desaparecida da escola, em Keswick. Já se passaram sete anos, mas ainda se pode ver que sou eu. Ela parece absurdamente feliz, sorrindo para a câmera, com seu gatinho cinza no colo.

Um presente de aniversário.

Prendo a respiração ao me dar conta. O gatinho era o presente dela — o meu presente — de aniversário de dez anos.

— Você está bem, Kyler? — pergunta Mac.

Meus olhos se enchem de lágrimas. Nunca tinha tido uma lembrança assim; a vida de Lucy era apenas uma imagem em minha mente. Sem sonhos. A maioria pesadelos horríveis, até o sonho sobre o jogo de xadrez da outra noite. Mas os sonhos acessam o inconsciente. Desta vez eu estava acordada. Ela deveria ter desaparecido, por completo; foi o que Nico disse. O que isso pode significar?

Mac coloca a mão sobre a minha.

— O que foi?

— É que por um instante achei que me lembrei de algo. Aquele gatinho — suspirei. — Devo estar ficando louca.

— Você mudou de ideia sobre o DEA? — ele pergunta e olha para a tela. Eu acompanho seu olhar. Há um botão para “encontrado”. Um clique com o *mouse* e eu poderia descobrir. Quem deu queixa do desaparecimento de Lucy? Talvez meu pai. Talvez possam jogar xadrez novamente.

Balanço a cabeça. Não. Minha vida já é bagunçada o suficiente, e não ser por alguns fragmentos de sonhos, não sei nada sobre minha família real. De qualquer forma, não posso arriscar que o R. U. Livre ou os Lordeiros me sigam e cheguem até eles. Eles estão melhor sem mim.

Hora de ir ao assunto que me levou até ali.

— Você está envolvido com o DEA?

— Eu sou mais um ... propagador do que qualquer outra coisa. Por quê?

— Eu estava pensando. Você poderia colocar o Ben no DEA?

Mac olha para mim. Ele sabe a história de Ben, mais ou menos. Mesmo que

ele não saiba meu papel nisso tudo. Que Ben foi levado pelos Lordeiros. Ele deve pensar que será uma perda de tempo, que não sobrou nada de Ben para ser encontrado. Ele provavelmente está certo.

Mas ele concorda.

— Claro. Você tem uma foto?

— Não. Mas eu tenho isto — digo, tirando do bolso o desenho que fiz. Levei horas, para que ele ficasse o mais realista possível. — Você acha que está bom o bastante?

Ele assovia.

— É mais do que bom; é ele. É perfeito. Mas tenho de escanear, e não tenho com o fazer isso aqui. Vou pedir ao Aiden. Tudo bem?

Forço uma reação em meu rosto, escondendo o desânimo.

— Obrigada — é tudo o que eu digo. O amigo de Mac, Aiden, foi quem deu a Ben a ideia de cortar o Nivo. Foram as pílulas da felicidade de Aiden que tornaram aquilo possível. Também foi ele quem quis que eu me reportasse com o encontrada para o DEA, o que seria quebrar uma das regras dos Reiniciados, e o que certamente me levaria à sentença de morte se os Lordeiros descobrissem. Ele disse que não era um terrorista, mas um ativista, tentando mudar as coisas de outra forma.

Um inútil.

Talvez. Mas ao menos ele não mata pessoas. Mais cedo, ao pensar no Robert, me lembrei de todos aqueles estudantes que morreram. Atingidos por bombas do TAG destinadas aos Lordeiros. Tive pesadelos com aquele ataque ao ônibus quando soube disso, mas eu não poderia ter estado lá! Eu tinha apenas dez anos de idade quando aquilo aconteceu.

Mas pode ser que Nico estivesse.

Não. Nico jamais faria aquilo, não em um ônibus escolar cheio de crianças.

Ele não faria. Sua luta é contra os Lordeiros. *Minha luta.*

Convenço Mac de que estou bem e ele me deixa sozinha para que me recomponha. Fico olhando para Lucy na tela. O que houve com ela? Não consigo entender. Num minuto ela é uma garotinha feliz com um gatinho e um pai que a deixa ganhar no xadrez. E no minuto seguinte? Balanço a cabeça. A menina de

dez anos desaparece e então, de algum a maneira, há um enorme salto, um vazio no tempo. Assim em férias de Chuva não comem até os catorze anos, treinando com Nico e outros adolescentes, em algum acampamento na floresta.

Aprendendo a atirar e explodir as coisas.

O que houve com ela nos quatro anos antes de ser levada para aquele lugar?

Am y e Jazz voltam de sua caminhada. Ao sair, toco na coruja que a mãe de Ben fez para mim. Ela guarda um segredo em seu interior. Um bilhete de Ben, ainda escondido ali. Sabendo para onde olhar, posso ver a pontinha branca, o canto do papel que, se puxado, revela as últimas palavras dele para mim. Mas não consigo suportar olhar para isso, não hoje.

Mac segura Sky e quando ela tenta vir conosco. Olho para trás. Seus olhos ternos nos seguem até que ela esteja a longe de vista.

Árvores verdes, céu azul, nuvens brancas, árvores verdes, céu azul, nuvens brancas...

Mas diferente.

Campos de grama alta. Margaridas. Tantos detalhes, movimentos e sons, como nunca vi antes. Árvores, mas não por baixo: galhos altos passam por mim conforme mergulho. Um barulhinho sugere que haja um camundongo por ali, mas, quando me aproximo, ele desapareceu.

Não faz mal.

Bato minhas asas e subo novamente, o sol aquece minhas penas. Eu deveria me esconder, esperar pela escuridão para caçar melhor.

Mas quero voar até o sol. Deixar esta terra para trás. O quão alto posso voar?

Voo a céu aberto: planando em uma massa de ar quente, depois bato as asas para alcançar a próxima. Praticamente não me esforço, subo cada vez mais alto. Posso voar para sempre.

As árvores se fundem com os campos e formam um verde uniforme. É quando acontece. Primeiro um senso cada vez mais forte de obstinação, que faz com que minhas asas trabalhem mais. Depois uma armadilha. Como se meu corpo estivesse dentro de uma caixa em forma de coruja que gradualmente se comprime e diminui, ficando mais apertada e pesada, não importa o quanto eu lute. Até que não é mais carne e asas dentro de uma armadilha, mas tendão e sangue e

músculo, todos se afinando lentamente, enrijecendo. Transformando-se em metal.

A armadilha não está a minha volta. A armadilha sou eu.

O céu não é mais meu amigo. O ar passa assoviando, e as árvores se aproximam rapidamente. Começo a cair, cair, cair...

CAPÍTULO 14

Na manhã seguinte, mãe está nos levando de carro pelas ruas de Londres, que agora vejo com outros olhos.

Vejo o perigo. Próximo ao hospital há Lordeiros de uniforme preto em cada esquina. Estão em dupla ou trio: há mais deles agora do que da última vez que estive ali. Com metralhadoras. Vejo os sinais de conflito: janelas lacradas, prédios destruídos e abandonados entre outros cheios de vida. E, acima de tudo, vejo os danos reais, os olhos de um povo assustado. Na forma com os seus cidadãos se controlam, para onde eles olham, para onde não olham. É bem pior em Londres do que no interior.

— Tudo bem? — pergunta mãe, e eu faço que sim. — Seu pai estará em casa quando voltarmos; ele ligou mais cedo — ela fala com casualidade, tanta casualidade que parece planejado.

— Há algo errado? — pergunto, as palavras saindo antes que eu possa impedir.

— Por que pergunta?

— Você fica engraçada quando fala dele, só isso — lembro com o ela mudou de assunto da última vez em que o nome dele foi mencionado.

Ela não responde, seus olhos estão direcionados para o trânsito em frente; começo a achar que ela não irá responder.

— Coisas de adultos — ela suspira. — É complicado, Ky — é tudo o que ela diz.

Seguimos em silêncio até que o hospital surge à nossa frente. Uma enorme ferida na paisagem, entre prédios antigos e ruas sinuosas: uma monstruosidade moderna. Esse hospital é um símbolo do poder dos Lordeiros: é um alvo óbvio, onde o processo de Reiniciação ocorre.

Estudo os números e as posições das torres no perímetro. Prometi a Nico mais precisos de dentro e de fora. E é o que vou fazer. Qualquer um poderia

fazer anotações sobre aquele lugar, e tenho certeza de que isso já aconteceu. O meu trabalho para a organização interna. Alguém do corpo médico ou outro funcionário poderia ser o culpado. Nico quer confirmação de olhos que ele tenha treinado; olhos em quem confia. Os meus.

Seguimos para a entrada principal e entramos na fila. Lordeiros revistam os carros junto aos portões. Os visitantes são obrigados a sair e passar a pé por um detector de metais antes de voltar para o carro e dirigir até o estacionamento. Sinto meu estômago dar voltas. E se Nico estiver errado e o comunicador da parte interna de meu Nível não for indetectável? Talvez eu devesse tê-lo tirado antes de vir. Será que é possível tirá-lo? Eu não tentei.

Seguimos em frente devagar. Finalmente é a nossa vez; o Lordeiro deste lado do portão ergue a mão para pararmos. Ele faz um gesto de deferência para mim, com a filha do Lordeiro heróico: a mão toca o coração, depois se ergue. Um ar de desculpa em seu rosto por desta vez termos de obedecer, com o todo mundo.

Saímos do carro; meus pés são como chumbo quando ando até o detector de metal. Um alarme dispara quando me aproximo, e quase entro em pânico, até me dar conta de que se trata de meu Nível. Um Lordeiro com um escâner de mão me faz estender os braços e o passa pelo meu corpo. O aparelho apita novamente próximo ao meu Nível, e o homem me faz sinal para seguir em frente.

Foi só isso? Por dentro, solto um suspiro. Não é óbvio que o único local para se esconder de metal em um Reiniciado é no seu Nível? E se fosse um explosivo? No entanto, o comunicador está bem disfarçado. Se eu não soubesse que ele está aqui, eu não conseguiria encontrá-lo ao tocar. E acho que não seria possível ter algo assim na maioria dos Reiniciados. Se o Nível deles estiver funcionando direito, colocar o comunicador causaria dor e queda dos níveis.

Retornamos para o carro e damos uma volta no hospital para estacionar. Meus nervos estão à flor da pele: será que passo pela inspeção da doutora Lyssander? Eu a vejo todo sábado; ela vasculha minha mente. Faz uma sondagem, buscando por frestas. Lugares onde sou diferente dos outros Reiniciados.

E estou *tão* diferente agora. Com o disfarçar isso?

Ela é inteligente, a pessoa mais esperta que já conheci. Ela vê o que tentam os esconder.

Simples. Não esconda nada. Fale com ela sobre a terrorista dentro de você.

Ah, claro.

Eu preciso ser Ky la, a garota que ela conhece, e apenas ela. Ninguém mais.

Foco, me concentro, penso em Ky la.

— Ky la? — doutora Lysander está de pé em frente à porta de seu escritório.

— Entre.

Eu me sento na cadeira oposta à mesa dela, feliz pela porta fechada atrás de mim : há um guarda na sala de espera com o da outra vez. Eles devem estar em alerta para o caso de um novo ataque.

Quando o último aconteceu — muitas semanas atrás —, a doutora Lysander foi arrastada dali ao primeiro sinal de problema. Ela desapareceu antes que os terroristas viessem com sua matança. Um deles me apontou uma arma e seu colega lhe disse para não desperdiçar uma bala em uma Reiniciada. Para onde a levaram e a esconderam tão depressa?

Ela dá alguns toques na tela de seu computador. Olha para cima.

— Você parece pensativa. Talvez possam os comçar hoje e com você me contando o que a preocupa.

A verdade, mas não muito; mentir para a doutora Lysander é por sua conta e risco.

— Eu estava pensando em toda a segurança que vim os pelo caminho até aqui.

— Ah, entendo. Isso preocupa você?

— Sim .

Hoje, realmente isso me preocupou.

— E por que você acha que isso acontece?

— Eu me sinto como se eles fossem me arrastar e prender.

— Consciência pesada? — ela ri, pensando ser engraçado. Reiniciados nunca fazem nada errado. Quase nunca, mas... e Ben? De qualquer forma, se ser Reiniciado significa não oferecer perigo a si mesmo nem aos outros, então por que somos observados e monitorados com tanto cuidado?

E sou diferente. Agora ainda mais, mas eu sempre fui. É por isso que ela é

minha médica? A doutora Ly sander é famosa; a inventora do processo de Reiniciação. Em todas as vezes em que a encontrei, nunca houve outro paciente em sua sala de espera. E, mesmo sem entender o motivo para eu ser diferente, ela de alguma forma sabe que há algo errado, e tenta descobrir com o e por quê. Nem mesmo ela é capaz de compreender o grau de diferença, as implicações. A bomba-relógio que eu era, que sou.

Uma bomba terrorista, como aquela que atingiu o ônibus de Robert.

Meu estômago dá voltas.

— O que foi, Ky-la? Me diga o que está incomodando você.

— O ataque terrorista que houve aqui — respondo.

Ela inclina a cabeça para o lado, analisando minhas palavras.

— Você ainda está pensando naquele dia? Não tenha medo. Você está a salvo aqui, eu garanto. A segurança aumentou consideravelmente — a forma como ela diz isso: ela pensa que eles irão longe, sendo tão cautelosos. Ela está errada.

Descubra.

— Você está falando dos novos portões de segurança pelo qual passam os a pé?

— Sim, entre outras coisas. Coisas tecnológicas. O hospital está totalmente protegido.

Como?

Mas não posso perguntar. Curiosidade excessiva não é uma característica de um Reiniciado.

Então eu vejo. Noto que o telefone e o interfone que estão sobre a mesa mudaram: não são mais sem fio, muito pelo contrário. O computador também: uma serpente de fios desce por ele e passa por toda a sala, atravessando a parede em um canto. Mas isso não é uma tecnologia antiga?

Ela digita algo na tela. E olha para mim.

— Recebi relatórios conflitantes do seu colégio.

— É?

— Aparentemente você tem estado tanto distante e deprimida, quanto feliz e transbordando energia, às vezes, tudo ao mesmo tempo — ela dá um risinho. — Se importa de me explicar isso?

— Eu não sou mais a mesma pessoa o tempo todo — a coisa mais verdadeira que

disse até agora.

— Ser adolescente pode ser duro às vezes. Ainda assim, gostaria de agendar alguns exames, ver com o estã as coisas. Talvez na próxima vez.

Eles devem conseguir ver que os padrões de memória mudaram. Exames devem ser evitados!

Mas com o?

Doutora Ly sander fecha o computador, cruza as mãos e me olha.

— Me diga, Ky la. Você tem pensado ainda nos assuntos que conversamos nas últimas visitas?

— Com o assim? — tento ganhar tempo.

Ela ergue uma sobrancelha.

— Estávamos os falando sobre ser diferente. Um desvio. O que está acontecendo dentro e fora de você que foge do comum. Você disse que pensaria a respeito e conversaria comigo.

Dê algo a ela.

— Às vezes... — engulo em seco. — Acho que me lembro de coisas. Que não deveria lembrar.

Ela reflete.

— Isso não é incomum com os Reiniciados. É humilhante abominar o vazio, a ausência de acessibilidade da memória. Inventar coisas para preenchê-la. No entanto...

Ela faz uma pausa, pensativa.

— Me diga do que se lembra.

Sem querer, sem pensar ou escolher algo real ou inventado, vou direto para o tema que quero guardar comigo e não dividir. A doutora Ly sander causa esse efeito.

— Me lembro de jogar xadrez com o meu pai. Meu pai verdadeiro. Foi há muito tempo, minhas mãos são pequenas. Eu era muito nova.

— Me fale sobre isso — ela pede, e eu obedeço. Conto tudo.

A sensação da torre em minha mão. A sensação de calor e segurança quando acordei.

— É apenas um sonho, provavelmente — ela diz.

— Talvez. Mas foi tão detalhado. Parecia tão real.

— Os sonhos podem ser assim às vezes. De qualquer forma, fico feliz que tenha deixado os pesadelos de lado — ela sorri e olha para o relógio. — Quase na hora — ela diz. — Há algo mais que queira falar?

Deixe-a curiosa.

Hesito um instante. Depois balanço a cabeça.

— Tem alguma coisa: me conte.

— Foi um pouco antes desse sonho, eu estava jogando xadrez. E fiquei pegando a torre, para senti-la.

Ela se inclina para a frente.

— Você se sentiu atraída para segurá-la?

Fiz que sim .

— Isso é interessante. Talvez um resquício de memória física? Que desencadeou o sonho, uma invenção do subconsciente, mas, ainda assim, muito interessante.

— Não entendo. Se um a m em ória se foi, se foi. Não é? — eu sei que deveria deixar isso de lado, não deveria fazê-la dar m uita atenção a isso, m as não posso evitar. *Eu quero saber.*

— Isso é o que a m aioria das pessoas acha que acontece aos Reiniciados. Mas não é m uito preciso — ela se recosta. — É m ais ou m enos isto, Ky la: sua capacidade de acessar conscientem ente as m em órias é que foi destruída. As m em órias ainda estão lá, você só não consegue alcançá-las.

Ainda estão lá? Presas com o Chuva atrás da parede. Isso significa que Lucy está em algum lugar dentro de m im ainda, gritando para sair? Dou de om bros.

— É por isso que as coisas aparecem nos sonhos? Minha m ente consciente não chega até lá, m as quando durm o... — eu paro, não gosto do rum o que isso está tom ando; não gosto do que ela pode pensar. Reiniciados não têm m em órias, acordados ou dorm indo. Têm ?

— É m uito raro isso acontecer. É m uito m ais provável que seus sonhos sej am inventados nessa sua im aginação fértil — ela tam borila os dedos na m esa por um m om ento. — Vam os deixar os exam es para lá. Por enquanto. Agora vá.

Só depois de voltar ao carro com m inha m ãe e depois de nos afastarm os do hospital, consegui pensar direito. O que houve? Num m inuto a doutora Ly sander queria exam es, no outro não queria m ais.

Se estou acessando antigas m em órias, e esses cam inhos aparecem nos exam es, ela não teria escolha a não ser m e denunciar. Eu seria exterm inada.

Mas, se a doutora Ly sander percebe que algo deu errado com a m inha Reiniciação, o que ela pode fazer? Penso em nossa conversa, o que foi dito, e não dito; as expressões do rosto dela. Tudo o que pude perceber é que ela está curiosa.

Ela não pode me estudar se eu estiver morta. Ela quer saber o que me faz funcionar.

Funcionar fazendo tique-taque com o um a bom ba.

CAPÍTULO 15

O carro de papai está em frente de casa quando chegam os. Ele e Am y estão de braços dados no sofá segurando xícaras de chá quando entram os.

— Minhas outras duas garotas! — ele diz, sorrindo e estendendo um a m ão. Eu

vou até ele. — Dê um beij o na bochecha do seu pai — ele diz, e, sem alternativa, obedeço.

Ele está de bom hum or hoj e.

— Sente-se, Ky la. Vou fazer algum a coisa para a gente beber — diz m am ãe, entrando na cozinha. Nada de beij os na bochecha da parte dela.

Lá vem a tortura.

— E então, com o está no colégio?

— Legal.

— Quem é esse garoto novo sobre o qual tenho ouvido falar? — ele pisca um olho.

Eu m e viro para Am y. *Muito obrigada*, digo com os olhos. Mas ela apenas sorri, desviando-se do olhar que lanço a ela.

Am y não parece entender que algum as coisas devem ser ditas, outras não.

Logo quando cheguei aqui, costum ava ser eu a ter esse problem a em relação a ela e Jazz, antes de eles terem perm issão oficial para se encontrar. Mas, quanto m ais eu entendo, m enos com preendo o que há com Am y.

— Que garoto novo?

— Cam eron, é claro — ela solta uns risinhos.

— Ele é só um am igo, nada dem ais. O tio dele faz bolos incríveis.

— Você podia fazer um bolo para nós de vez em quando — ele diz, falando na direção da cozinha. Mam ãe não responde, m as xícaras de chá batem um as nas outras na bancada.

— Onde você estava? — pergunto, antes que ele m e faça outra pergunta.

— Ah, aqui e ali. Trabalhando, sabe — ele sorri; percebo que ele está m uito satisfeito, e qualquer coisa que o anim e tanto assim m e deixa nervosa.

Alguém bate à porta quando m am ãe chega com nosso chá. Ela se vira para atender, m as papai se adianta.

— Pode deixar.

Ela se largou num a cadeira de braço, as m ãos segurando a xícara com força.

Ela não está *nem um pouco* feliz.

Sebastian está dorm indo no sofá preto. Eu o pego e coloco no m eu colo. Ele protesta sonolento e então se larga, seus olhos encontram os m eus. Um sorriso

sem graça. Terapia felina.

— Ora, ora, vej am quem está aqui — papai retorna, seguido por Cam . Eu resmungo internamente. Ele é um mestre da hora certa.

Ele tem um capacete de ciclista pendurado na parede.

— Está um dia lindo; quer dar uma volta de bicicleta? Você pode usar a da minha tia se não tiver uma.

Um pretexto?

Melhor parecer neutro.

— Acho melhor eu ficar. Papai acabou de voltar.

— Não, não; pode ir — diz papai. — Divirta-se — ele sorri, amigável, aberto, atencioso. Esse é o mestre pai que me entregou aos Lordeiros quando Ben desapareceu?

— Você pode pegar minha bicicleta no barracão — oferece-me-me. — Não se esqueça de usar capacete.

Meu pai nos acompanha até a porta.

— Você pode pegar a bicicleta de Kyli? — ele pergunta para Cam , apontando o barracão ao lado da casa. — Ela já vai encontrar você.

Cam faz o que ele disse, e papai e eu ficamos sozinhos no *hall*. Agora vêm as recomendações?

— Kyli — ele comenta, sorrindo. — Acho que comemos com o pé esquerdo. Se eu pareci muito duro antes, foi apenas porque estava preocupado que você se metesse em confusão. Você sabe que estou aqui por você, para ajudá-la no que precisar. Não sabe?

— Claro — respondi, surpresa. Ele está sendo mais pai agora do que no início, quando cheguei aqui. Será que está arrependido de suas atitudes exageradas?

— Pode ir. Tenha uma ótima tarde — ele diz, abrindo a porta.

— Acho que não sei andar de bicicleta — digo a Cam , mas, ao segurar o guidão e levá-la pelo jardim até a rua, percebo que sei.

Cam coloca sua bicicleta na garagem e segura a minha bem reta. Ele me ajuda a subir e pedalar lentamente na calçada enquanto acompanha, com a mão no guidão. Eu rio e pedalo com mais força, até ele cair para trás. Desço o meio-fio e continuo pela rua.

Mais rápido!

Mas me antenho a velocidade até que ele pegue a bicicleta dele.

— Você aprende depressa!

Eu rio.

— Vam os ver quem consegue pedalar mais rápido — e com êgo.

O dia está fresco, o céu limpo. O ar ameno de novembro toca meu rosto e corpo, mas pedalo rápido o suficiente para me aquecer. Liberdade!

Me seguro um pouco para que Cam me alcance. Quando começamos a subir uma colina, ele grita para pararmos um pouco e descansar. Eu desvio para uma trilha ao lado da estrada e paro.

Ele respira ofegante quando me alcança.

— Você não apenas está em forma, Ky-la. Você ARRASA! — ele fala com dificuldade.

Eu rio. Nós largamos as bicicletas na grama e nos sentamos em um muro de pedra em ruínas. Desse lugar alto podemos ver a zona rural de Chiltern se desdobrando em todas as direções: uma área de inacreditável beleza natural, pelo menos é o que dizem.

Lucy desapareceu do Distrito de Lake: deveria haver montanhas onde ela morava, e não apenas colinas. Uma vez, sem estar prestando muita atenção no que eu estava desenhando, fiz uma imagem dela com montanhas atrás. Mas, se eu tentar pensar nelas de propósito, não consigo nada. Seria outra memória presa dentro de mim?

— Está tudo bem? — pergunta Cam, me encarando com curiosidade, e eu me pergunto quanto tempo estive olhando para o nada.

— Desculpe. Sim, tudo bem.

Olho para ele e me dou conta de algumas coisas. Ele me olha nos olhos; está sentado bem perto. E eu gosto disso. Mas de repente, do nada, eu não gosto.

Me afasto um pouco e olho em direção às colinas.

— Escute, Ky-la. Acho que precisamos conversar.

— Sobre o quê?

— Sobre Ben.

Ouvir esse nome me fere por dentro.

— O que você sabe sobre isso?

— Que ele desapareceu. Ouvi algum as coisas, que você esteve envolvida de algum a form a. O que houve? Você pode m e contar. Ninguém pode nos ouvir aqui.

Fecho m eus olhos com força. Há um a parte de m im que anseia falar sobre isso, contar tudo. Ele irá entender. O pai dele foi levado pelos Lordeiros, não foi? Há um a outra parte de m im — Chuva — que diz *não*. Não confie. Não confie nunca.

Balanço a cabeça e olho para Cam novam ente. Parece desapontado.

— Bem , se você quiser falar, estou aqui. Já entendi um a outra coisa.

— O quê?

— Nós som os am igos, e isso é tudo. Não se preocupe. É óbvio que você ainda está sofrendo por causa desse outro cara. Não vou forçar nada. Está bem ?

Olho para ele novam ente, e tudo que vej o é preocupação de am igo.

Até parece.

Mas vou acreditar nele. Por enquanto.

— Am igos, então? — digo, sorrindo, e estico m inha m ão.

Mais tarde, à noite, a casa está em silêncio. Papai se foi. Ele j antou conosco, m as, quando eu e Am y subim os para dorm ir, ele e m am ãe discutiam na cozinha. As vozes estavam baixas, m as dava para perceber o tom . Depois o telefone tocou e ele saiu.

Sinto com pulção para desenhar: o hospital, as torres, os novos seguranças nos portões, tudo com eça a tom ar form a no papel. Estou curiosa sobre os com putadores e telefones com fio. Mam ãe disse que seu celular não funcionou lá hoj e, e, quando perguntei, ela disse que sem pre funciona.

Meu Nivo tem seus próprios segredos: será que o com unicador teria funcionado lá, se eu tivesse tentado? Eu o giro e não sinto nada. Morto, com o tem estado desde que m inhas m em órias voltaram .

Algum as m em órias, na verdade. Em bora eu tenha m e lem brado do gatinho do aniversário. Eu não teria com o m e lem brar, se Lucy tivesse realm ente desaparecido com o Nico disse, não é? Olho para m inha m ão esquerda, m ovo os dedos, aqueles que foram quebrados, assim com o fui por dentro. Um a m ão é

um a coisa; o que seria necessário para partir um a pessoa ao m eio? Estrem eço ante a visão de um tijolo e aperto meus dedos com força.

Talvez, se eu não tivesse visto Lucy no DEA, suas memórias teriam continuado escondidas. Nico deve saber mais, mas algo dentro de mim diz: *não pergunte*. Ele ficou meio estranho quando perguntei sobre Lucy — meio surpreso por eu saber quem ela era, mas não era só isso.

Ele disse que fez aquilo tudo para me proteger, porque eu era especial: ele se esforçou para ser gentil. Mas por que eu sou especial? Por que ele me arrastou para essa nova vida? Não consigo imaginar nada que eu possa fazer pelo R. U. Livre que valha o esforço. Deve ser outra coisa. Preciso descobrir.

Eu hesito. Por que não? Deslizo da cama e fecho a porta do quarto. Toco o botão sob o meu Nivo. Passam-se alguns segundos.

Ouçoo um clique bem baixo.

— Sim ? — ele atende.

Sinto um arrepio ao ouvir sua voz dizer onde devo encontrá-lo amanhã. Estou animada para encontrá-lo, ridiculamente animada. Noto que ele não está mais chateado por eu ter largado Tori com ele. Ele parece feliz, relaxado, e eu estou tão aliviada. Ouço a risada de Tori do outro lado.

CAPÍTULO 16

— Tem certeza de que não se importa? — mamãe aguarda na saída de casa, com o guarda-chuva na mão.

— Tenho. Pode ir.

Mamãe vai para a casa da tia Stacey para um longo almoço de domingo: um amigo veio buscá-la, com uma garrafa de vinho na mão. Ela não vai voltar tão cedo. E Amy foi passar o dia com a família de Jazz. Uma casa vazia, sem necessidade de fugir.

Penso em ligar para Nico e pedir a ele que me pegue em algum lugar por perto, mas desisto. Está chovendo um pouco, e é improvável que ele seja com preensivo.

Procuro por capas de chuva no andar de cima quando ouço batidas na porta da frente.

Olho pela janela, encolhida em um canto fora de vista. Consigo perceber que é

Cam debaixo daquele guarda-chuva.

É difícil se livrar dele. A casa está quieta e às escuras. Vou deixá-lo pensar que não estou aqui. Espero em silêncio até que ele acaba desistindo e atravessa a rua.

Dobro os desenhos que fiz para Nico na noite passada, os mapas do hospital.

Embrulho em plástico para que não se me olhem e os coloco num bolso interno da roupa.

Mordo um mapa de caneta por um momento e então deixo um pequeno recado: “Saí para um mapa de caminhada” — para o caso de meus amigos ou Amigos chegarem cedo em casa e não entrarem em pânico ou ficarem preocupadas.

Acho melhor sair pelos fundos, pois Cam pode estar de guarda e querer saber por que não atendi a porta. Mas a saída dos fundos não é convidativa com esse tempo. Suspiro. Já do lado de fora, caminhei pelo nosso longo jardim lamacento e alagado, depois avanço para a cerca espinhenta e me desvencilho do arbusto para chegar ao caminho que dá a volta até o fim da rua.

— Você está encharcada — diz Nico, me fazendo esperar na chuva enquanto pega um mapa de toalha no banco de trás e a coloca sobre o banco do carona.

O carro anda e seguimos em silêncio, exceto pela música baixa no som.

Clássica. Eu não imaginava que Nico gostasse, mas, afinal, o que eu sabia sobre Nico de verdade, com a pessoa?

— Está tudo bem, Chuva? — ele pergunta.

Balanço a cabeça afirmativamente.

— Sim. Só estou exausta; as últimas semanas têm sido difíceis.

Ele ri.

— Você está ficando mole. O que você precisa é de uns dias de curso de resistência na floresta.

— Está bem: irei se você for.

Ele balança a cabeça de um lado para o outro.

— Se pudessem os. Aquela foi uma boa época, não foi, Chuva? Com os Corujas.

Meus olhos se arregalam. *Corujas*. Era assim que eram os chamados, o nome e segredo da nossa equipe. Era por isso que eu era tão fascinada por corujas? Por desenhá-las e segui-las, não importava para onde me levassem? Imagens flutuam

em minha mente.

Os Corujas eram os melhores!

Havia sete de nós. Bem, na verdade, oito, mas um morreu cedo em um acidente com explosivos, e eu evitava pensar nela. Três garotas e quatro garotos. Eu era a mais jovem, meus de quatorze anos quando me juntei a eles. O mais velho tinha quinze anos. Eram os muito unidos: melhores amigos, ferozes com petidores. Deixam os para trás nossas identidades originais e escolhem os nomes novos ligados à floresta quando nos unimos: o meu era Chuva. Um rosto surge diante de meus olhos, e desaparece. Quem era ele? A melhor coisa que havia até que... até que... alguma coisa saiu errada. E então ele passou a ser o pior. O que aconteceu? As memórias falhavam.

— O que houve com todo mundo?

Ele olha para os lados.

— Alguns foram capturados, com o você, e provavelmente Reiniciados. Outros morreram em missões. Quer saber quem ...?

— Não. Não me diga — eu o interrompo. — Não quero saber quem morreu, me lembrar de seus nomes apenas para saber que eles se foram.

— Eles lutavam por aquilo em que acreditavam — ele diz. — É uma morte boa.

É fácil dizer isso quando se está vivo.

Chegam os à casa de Nico debaixo de chuva. Com ele a me afastar da porta do carro e Nico me segura por trás.

— Não saia pingando por toda parte — e eu sacudo o casaco e as botas, ainda me olhada e tremendo.

Tori está no sofá, enroscada, lendo, aquecida e seca. Seus arranhões e hematomas estão menos aparentes e seu cabelo escuro está brilhante.

— Oi — ela diz, voltando-se para seu livro.

Eu não sei exatamente o que esperar de Tori. Nunca fomos amigos. Ela não gostava muito de mim antes, e isso provavelmente tinha algo a ver com Ben. Mas mesmo assim eu arrisquei meu pescoço para salvar o dela, então, de alguma forma, eu esperava mais do que isso.

— Tenho de fazer algumas ligações. Por que vocês duas não colocam as

notícias em dia? — diz Nico, que desaparece pelo corredor.

Eu me apoio na ponta do sofá.

— E então, com o estão as coisas?

Ela dá de ombros.

Tento me achar algum as vezes, mas não chego a lugar algum. De certo me odeio, eu quero quebrar esse gelo. Quero saber com o ela se livrou do Nivo. Depois do que houve quando cortei o de Ben... Estremecer. Talvez ela saiba com o sobreviver a isso. Talvez ela saiba se há algum a chance de ele estar vivo.

Ben: é essa a maneira de chegar até ela.

— Sky e está viva.

Os olhos dela se arregalam.

— A cadela de Ben? Onde ela está?

— Ela está... — com o ela a dizer, mas paro, não sei se devo dizer o nome e de Mac. — Ela está com o primo de um amigo.

— Ben me avia aquela cadela — ela diz, os olhos lacrimejam antes. Depois os ergue novamente. — Ben me avia — ela diz, um tom de desafio em sua voz. Não há nada a ganhar com discussões do tipo *ele amava a mim, não a você*.

Ela está sofrendo. Deixe-a guardar a mim em memória que quiser.

— Você sabe o que houve com o Ben? — pergunto.

Ela abaixa a cabeça. Depois faz que sim.

— Nico me disse que ele cortou o Nivo e os Lordeiros o levaram. Mas não com preendo. Por que ele faria isso? Ele nunca foi do tipo que fazia perguntas, não fazia nada para se meter em apuros. Por quê? Se ao menos eu estivesse lá. Eu poderia tê-lo impedido.

Não digo nada, me esmoço com vontade. Tenho medo da reação dela se eu lhe disser que eu estava lá. Com o ela não perguntou sobre isso, Nico não deve ter contado a ela essa parte da história. Ela não sabe o quão próximos eu e Ben éramos.

— O que Ben disse quando eu desapareci? — ela pergunta.

E eu me lembro que ele não se deu conta disso no início. Até que eu perguntasse a ele onde ela estava e então ele tentou descobrir. Mas ela não precisa saber disso.

— Ele foi ver a sua mãe.

— Ele foi? Ele lhe disse o que houve?

Eu hesito.

— Se sabe de alguma coisa, mãe diga. Por favor. Preciso saber — ela segura minha mãe. A minha está fria, e ela coloca sua mão sobre nós duas.

— Tudo bem — eu digo, mãe aconchegando. Conheço a agonia de querer saber as coisas e não conseguir. — Ben disse que perguntou a ela onde você estava e ela disse que você não me orava mais lá. Acho que ele pensou que ela queria dizer que você tinha ido me orar com seu pai em Londres.

Ela fungou.

— Até parece. Ela não me deixaria chegar perto dele. E depois, o que houve?

— Ela disse que você tinha sido devolvida.

— Devolvida? Que palavra engraçada para isso. — Ela abaixa a cabeça.

— O que houve, Tori?

— Bem, eles não colocaram uma etiqueta “devolver ao remetente” em minha testa e deixaram na caixa do correio. Uma noite, minha mãe estava fora, e eles vieram e me levaram. Eu estava dormindo. De repente aqueles dois Lordeiros estavam no meu quarto e me arrastaram com eles.

Coloquei minha mãe em seu ombro, mas ela a afastou.

— Ela falou isso? Que eu fui devolvida? — os olhos dela se encheram de lágrimas.

— Desculpe, eu não devia ter dito nada. Desculpe.

Tori se curvou e colocou a cabeça entre os joelhos.

— Costumavam ser tão amigas, mãe e eu. Quando fui me orar lá, ela costumava me vestir com roupas parecidas com as dela. Me levava para todas as festas com as amigas. E então, no ano passado, tudo acabou. Foi com o se eu exigisse tanta atenção dela, que ela não me queria por perto.

Com o meu boneca com que ela não queria mais brincar.

Tori balança a cabeça de um lado para o outro. Sua voz sai entre soluços:

— Eu gostava de ser o centro das atenções; eu pregava peças nas amigas dela.

É minha culpa, eu não devia ter feito isso! Mas ainda assim. Uma parte de mim ... realmente esperava... quero dizer, eu nunca pensei que ela fosse fazer isso. Eu

m e perguntava se ela sabia o que aconteceu com igo, entende? Se ela estaria chorando por eu estar desaparecida e... — ela joga o livro do outro lado da sala. — Aquela vaca — ela diz.

Ela se descobre e vai até a cozinha, mancando.

— Chá? — ela pergunta.

— Ah, sim .

Ela remove as xícaras, sem cuidado. Nico aparece por uma porta do corredor, um olhar tranquilo em seu rosto. De curiosidade.

— Está tudo bem ?

Mas ele não pergunta isso para mim . Vai direto para Tori e coloca a mão em suas costas. E está lá, nos olhos dela: ela já o adora.

Ela balança a cabeça, dizendo que sim .

— Estou bem . Obrigada, Nico. Você quer chá?

— Mais tarde — ele responde, e se vira para mim .

— Quando terminarmos, venha conversar com igo no escritório — e desaparece pelo corredor.

Ela ouviu de Nico. Ele deve ter dito a ela que John Hatten não é seu nome verdadeiro. Com o que ela fez isso? Nico não confia nas pessoas, não confia. Foram meses de tortura e treinamento na floresta até que ele *começasse* a confiar em mim . E então ele tinha dito a ela seu nome verdadeiro.

Balança a cabeça.

— Açúcar? — ela pergunta.

— Olha, eu não estou com muita sede.

— Você quem sabe — ela coloca minha xícara na pia, pega o livro do chão e começa a ler novamente, com o chá na outra mão.

Havia tantas outras perguntas que queria fazer a ela. Com o que conseguiu fugir dos Lordeiros? O que houve com o seu Nivo?

Mas ela se fechava novamente. A conversa tinha acabado.

Bato à porta de Nico.

— Entre.

Abro a porta. Há um sofá, uma mesa com um computador saindo de um canto dela. Deduzo que o aparelho desapareça no interior da mesa de

um a form a inteligente, com o se não existisse. Prateleiras aparentem ente cheias de livros de biologia. Para m anter o disfarce de professor.

E ali está Nico. Ele sorri.

— Mostre-m e o que você conseguiu.

Tiro os desenhos do hospital do m eu bolso interno. Ele os desdobra em um a m esa baixa em frente ao sofá, acena para que eu sente ao seu lado. E com eça a m e interrogar sobre as posições e defesas desenhadas, além da segurança da entrada.

— Você j á deve saber de tudo isso.

— A m aior parte. Mas a segurança da entrada foi reforçada. Mais algum a coisa?

— Acho que há algo novo. Um a pessoa disse que há defesas tecnológicas.

— Algum detalhe?

— Não. Mas os telefones e com putadores m udaram . Agora têm cabos e fios que entram pelas paredes. E o telefone da m inha m ãe não funcionou lá. Ela disse que sem pre funciona.

— Interessante. Será que instalaram bloqueadores de sinal por todo o hospital? Os com unicadores serão inúteis.

— E controles rem otos?

Ele m e olha sem entender.

— Com o os explosivos detonados por controle rem oto.

Ele sorri.

— Você é esperta, Chuva. É verdade. Em bora nada que não possam os carregar, de um a form a ou de outra, tenho certeza.

— Há algo m ais.

— O quê?

— Deve existir um a passagem secreta. No últim o ataque, alguns Lordeiros tiraram os m édicos de vista rapidam ente. Rápido dem ais. Com o se estivessem escondidos bem à vista.

— Interessante. Você deve ficar de olho, observar. Descubra o que puder.

— Está bem .

— Talvez possam os planej ar um ataque, um a am eça, em um m om ento que

você esteja lá, e poderá ver o que consegue.

O último ataque ao hospital vem a mim em uma hora. Minha cabeça fica tonta e eu balanço. Bom trabalho. Tiros. Morte: escorregando no sangue grudento e gelado pelo chão. Meu estômago dá voltas e tenho de lutar para respirar, muito calmo em frente, evitando desmaiar.

— Chuva! — ele me chama, sacudindo meus ombros. — Fique comigo.

Com a pressão firme e da mão dele, o calor começa a atravessar as roupas minhas olhadas para a pele, as minhas anchas das extremidades desaparecem. Tudo fica claro e firme.

— Sim. Farei o que você quer, qualquer coisa. Prometo.

— Bom. Minha Chuva especial! — ele me abraça e me sinto aquecida. As perguntas que eu tinha para ele desaparecem.

Ele me solta.

— Agora, vamos falar da Tori.

— O quê?

— Ela pode ser útil para nós. Vamos ver. Ela tem muita raiva; não sei se ela é capaz de aprender a controlá-la, canalizá-la. Mas lembre-se disso. Ela ainda é um risco e foi você que a trouxe. Se alguma coisa der errado, cai tudo sobre você — ele beija minha testa. — Já deve estar na hora de levar você para casa.

Naquela noite, repasso tudo em pensamento: o que foi dito e feito. E tudo ainda está confuso.

Por que sou especial para Nico e seus planos? Por que não perguntei a ele o que quero perguntar? É com o sei, quando estou com ele, minha vontade desaparecesse.

E, quando pensei no ataque que presenciei no hospital, eu quase a perdi.

Mesmo agora, não consigo pensar nisso sem enjoeirar, o pânico subindo novamente. *Sangue*. O toque de Nico — chamando meu nome, *Chuva* — e tudo passa. A calma e o controle retornam.

Sei que o hospital é um lugar ruim. O que eles fazem, roubar a mim e a mim em uma hora das pessoas, é maldade. Os Lordeiros são maus. Eles precisam ser impedidos.

Eles serão impedidos.

Mas o que eu fiz antes, com Nico? E os Coruj as. A lem branca do sangue no chão do hospital durante o ataque do m ês passado é forte, clara. O horror que vem dali. Mas ainda nada sobre antes... nada além de um vislum bre.

O cam inho de Nico é o correto. Meu cam inho. É verdade, ele pode ser cruel. Ele não valoriza a vida. Não apenas as dos Lordeiros, ou transeuntes inocentes — m as m esm o a dos seus seguidores. O que foi que ele disse? Que aqueles que m orreram tiveram um a boa m orte.

Mas e Ben, ele teve um a boa m orte, tentando se libertar de um a vida ditada pelos Lordeiros? Me encolho, parte de m im ainda rej eita a possibilidade, enquanto a m aior parte está soterrada pela dor.

Na m esinha ao lado da m inha cam a há um a torre. A casa ainda estava vazia quando retornei esta tarde. Descansada, peram bulei pelo andar inferior e encontrei um j ogo de xadrez em poeirado em um a prateleira de livros. Não é tão legal quanto o da Penny ; as peças são de plástico, e não de m adeira. Mas peguei um a das torres e a segurei na m ão. De algum a form a, era tranquilizador. Eu a m antive em m eu bolso depois de m am ãe e Am y voltarem para casa, e durante o j antar eu dava tapinhas no bolso de vez em quando para ter certeza de que ela continuava ali.

Agora a retiro da m esinha de cabeceira e ponho entre as m ãos.

Eu corro. A cada passo, a areia escorrega sob meus pés, mas corro o mais rápido que posso. O pavor me dá forças que normalmente não tenho. Corro, mas há limites. A energia se acaba.

— Mais rápido!

Tropeço e escorrego, arfando por oxigênio. Caí em uma pilha.

Ele tenta me levantar.

Sacudo a cabeça.

— Não posso. Vá embora. Salve-se — respiro com dificuldade.

— Não. Nunca vou deixar você — ele passa os braços ao meu redor. Braços que me fazem sentir aquecida e protegida pela primeira vez em muito tempo. Mas apenas por alguns segundos.

O terror se aproxima.

Ele é levado embora. Onde havia quentura, só restou o frio.

Eu grito.

Abro bem os olhos. Está escuro, silencioso. Nenhum som, exceto pelas batidas frenéticas do meu coração. Não há movimentos ou passos que indiquem que gritei alto em meu sonho, com o faço às vezes. Ninguém está vindo para me confortar.

Sinto dor em minha mão esquerda. Meus dedos estão fechados com força e não consigo esticá-los. Conforme meu coração se acalma, abro os dedos uma a uma.

A torre está na palma de minha mão. Eu a segurei com tanta força que as pontas do topo do castelo me feriram. Ficou um círculo perfeito de seis pontas na pele, preenchidas por pontilhados de sangue.

Já tinha tido esse pesadelo muitas vezes antes. Mas desta vez foi diferente.

No início, quando corro apavorada, os detalhes são sempre tão claros quanto cristal: posso sentir a areia escorregando sob meus pés. Sinto minha respiração durante a corrida. O medo que me faz seguir em frente, passando dos limites. Mas, depois que caio, tudo *muda*.

No passado, tudo ficava nebuloso, vago. Ainda estou apavorada, mas os detalhes se tornam distantes e irreais. Sem um contorno claro. E alguém está gritando para que eu não esqueça e levante uma parede: a parede de tijolos. Uma representação concreta do que escondeu Chuva dentro de mim. Teria sido aí que fui levada pelos Lordeiros e Reiniciada? O que mais poderia ser tão assustador?

Mas esta noite foi diferente. Tudo se me anteviu claro até o fim. O homem que estava comigo também era diferente. Ele não gritava, ele me abraçava, e eu estava agarrada a ele até que ele foi tirado de mim à força. Meus olhos permaneciam fechados, mas pude sentir a aspereza da areia, a brisa fria e salgada do ar. Pude ouvir a batida do meu coração e o quebrar das ondas. Foi tão *real*.

Quem era o homem que corria comigo, que disse que nunca me deixaria?

Esse nunca se transformou em segundos; ele foi levado praticamente na hora em que disse isso. E o que houve com ele, e comigo? O que veio a seguir?

O medo que ainda resta em mim após o sonho se converte em frustração,

depois em raiva. Dou um soco no colchão. Por que não consigo lembrar o que *realmente* aconteceu, agora que tenho todas essas outras lembranças de volta? Por quê?

São tantas coisas que ainda estão faltando. Me sinto vazia por dentro, com o se existisse um buraco. Sentindo-me e me lembro de repente, me enfio na cama, as lágrimas com o rosto a descer por meu rosto, e eu não me preocupo em limpá-las.

CAPÍTULO 17

Bzzzz!

Acordo de repente com uma vibração no pulso, confusa. Meu Nivo...? Mas ele não funciona mais. Espio os números no escuro: 5.6. Mesmo o que ainda funcionasse, meus níveis não estão baixos o suficiente para fazê-lo vibrar.

Bzzzz!

O comunicador na parte interna. Só pode ser. Chamada de Nico? Meu estômago dá voltas de nervoso.

Cutuco a parte de baixo do Nivo até apertar o botão escondido.

— Alô? — sussurro.

— Até que enfim! — a voz de Nico parece tensa.

— Desculpe. Não percebi que era você.

Ainda mais porque foi esperto o bastante para fazer meu Nivo vibrar. Ninguém perceberia, a não ser que vissem que os números não estavam baixos.

— Você pode falar?

— Sim.

A casa está silenciosa, escura. Estão todos dormindo, menos eu e Sebastian. Ele está esparramado na cama, olhando para meu Nivo, mantendo distância segura com o se houvesse algum perigo à espreita.

— Estam os com um problema.

— O que aconteceu?

— Tori desapareceu.

— O quê?

— Eu tive um compromisso. Acabo de voltar e ela não está aqui. Ela parecia muito determinada desde que você saiu daqui ontem. Sobre o que vocês

conversaram ? Para onde você acha que ela foi?

Nico está se controlando agora, mas sua voz parece no limite. Tudo o que ela fizer é minha culpa. Seja lá o que ela disser, forçada ou não, no local onde esteja, ou com quem. É minha culpa ela ter desaparecido.

— Não sei. Falam os sobre Ben e sua cadela. Foi isso.

Ele fala um palavrão.

— Se lembrar de algo, me ligue — ele desliga num rompante, depois é só silêncio.

Eu deito e olho para o teto. Onde ela pode estar? Relembro o dia anterior e o pouco que conversamos. Tori me antevia-se fechada a maior parte do tempo, contida. A única vez que se desarmou foi quando falamos sobre os Lordeiros a terem tirado de casa, e sobre sua mãe.

Sento direito. Eu disse a ela que Ben tinha ido ver a mãe dela e que ela lhe dissesse que a tinha devolvido. Tori estava furiosa com ela. Deve ser isso, não?

Ela foi confrontar a mãe. Ligue para o Nico!

Eu devia ligar para ele. Mas já estou de pé, tirando roupas das gavetas e me vestindo no escuro.

Eu sou a responsável por isso, e não vou fazer do jeito dele.

Com cuidado e em silêncio, desço as escadas e saio de casa. Não há tempo para mais nada; pego a bicicleta de mãe no barracão. A porta bate quando vou fechá-la e meu coração dispara pelo susto; estou nervosa. Mas nenhuma luz se acende, nenhuma cortina se move.

Não há tempo para descrição. Desço a rua de bicicleta o mais rápido possível, torcendo para que ninguém me veja.

Ben tinha me mostrado a rua de Tori uma vez enquanto corriam os: do outro lado do prédio onde tem os reuniões de grupo. Não sei qual é a casa, mas me lembro de Ben dizendo que era a maior no final da rua. Espero que seja o suficiente para encontrá-la.

Se Nico tiver o endereço dela, será um dos primeiros lugares que irá procurar.

E, se ele ainda não souber, logo saberá. Eu pedalo mais rápido.

A noite cai. Se ela estiver lá, posso entender o motivo. Ela achava que a mãe sentia sua falta, sem saber o que houve com ela, e eu destruí sua esperança.

Idiota! Ela queria saber a reação de Ben quando ela foi levada. Aquilo era verdade, mas por que eu não disse que ele tinha ido procurá-la em vez de dizer que ele foi conversar com a mãe dela? Ben ficou falando dela. O suficiente para me deixar com ciúmes. Foi por isso que não contei a ela?

Chego à rua dela e diminuo a velocidade, tentando controlar minha respiração após aquela esticada. Já passa da meia-noite, mas a casa grande do fim da rua ainda está com luzes acesas. Há carros estacionados por toda parte, e ouço um piano ao fundo. Alguns convidados estão espalhados pelo gramado e há vozes e risadas. Escondo minha bicicleta em uns arbustos e me aproximo com cuidado, pelas sombras. Há muitos olhos por ali, mas talvez isso tenha impedido Tori. Ela não seria doida de se aproximar com todas aquelas pessoas ali. Seria?

A rua termina depois da casa grande; há uma placa na calçada apontando para a floresta. Foi lá que ela se escondeu.

Do outro lado da rua, me esgueiro por trás das cercas do jardim, torcendo para que os vizinhos estejam dormindo, apesar do barulho da festa, e não olhem pelas janelas.

Foi fácil encontrar Tori entre as árvores escuras que cercam sua antiga casa, num casaco de capuz azul-claro que quase brilha no escuro. Chego até ela e toco seu ombro. Ela dá um salto, se vira e vê que sou eu. Volta a olhar para a casa.

— Você precisa aprender a se vestir para esse tipo de coisa.

Ela não responde, seus olhos estão fixos. Eu os acompanho: há um grupo de meia dúzia, conversando, dando risadas. Uma única mulher entre homens de *smoking*. Ela deve estar congelando naquele vestido preto e justo, os braços de fora. Ela ri de algo que um deles disse, a cabeça inclinada para trás.

— É ela? — pergunto, num sussurro.

Tori confirma com a cabeça.

Ela é bonita, como Tori. As duas têm cabelos escuros e com pridos. Será que ela pediu uma Reiniciada com características similares às dela? Ouvi dizer que algumas pessoas fazem isso, pedem um filho ou filha com características específicas. Talvez, quando Tori fosse mais adulta, desviaria muitos olhares de sua mãe: sua versão mais jovem e mais bonita.

— Por que está aqui, Tori?

Ela não responde. Pego sua mão, está gelada.

— Vam os em bora. Venha com igo. Não há nada para você aqui.

Ela não reage. Seus olhos estão fixos para a frente. A seguir uma lágrima se forma e desce por sua bochecha.

— Tori?

— Eu só queria vê-la. Eu queria que ela me dissesse por que me devolveu, queria ouvi-la dizer isso. Ver qual é a explicação dela.

— Tem muita gente esta noite.

— Sim. Talvez seja até melhor. Em frente de todos os amigos. Imagine com o ela ficaria envergonhada!

— Os Lordeiros pegariam você novamente.

Ela estremece.

— Valeria a pena.

Seguro sua mão.

— Venha comigo. Antes que nos vejamos.

Ela desvia os olhos da mulher que tinha sido sua mãe.

— O que eu fiz de errado? — ela pergunta, e outra lágrima surge, encontrando a anterior em sua bochecha.

Eu balanço a cabeça de um lado para o outro.

— Nada. Você não fez nada.

Ela me deixa levá-la dali e obedece quando mando me abaixar para passar pelas cercas sem sermos vistos.

Chegam até onde deixei a bicicleta.

— Vam os, eu levo você — e ela senta no banco de trás. Eu pedalo de pé rua abaixo. Minhas pernas protestam após o esforço anterior.

— Para onde vamos? — ela pergunta, em meu ouvido.

— Para a casa de Nico. Aonde mais?

— Ele vai ficar muito zangado.

— Sim. Ele já está.

Nico não está em casa quando chegamos lá. A casa está fechada, mas Tori sabe a combinação da porta e logo estamos do lado de dentro.

Ela está tremendo. Eu encontro uma garrafa de uísque e lhe sirvo um copo.

Em seguida, tam bém tom o um gole.

Então ligo para Nico e digo a ele onde estão os.

Tori está adormecida no sofá.

— O que você deu a ela?

— Um sedativo. Vai segurá-la por um dia ou dois até que eu planeje o próximo passo — ele diz, friamente. — Essa foi por pouco. Você devia ter me dito onde ela estava.

— Eu não sabia; deduzi.

— Suas deduções são boas, Chuva. Você devia ter me dito — ele se aproxima; com o pé bem mais alto, olha para baixo e eu luto contra o ímpeto de me afastar. Mantenho-me no lugar.

— Ela era minha responsabilidade. Deveria ser eu a lidar com ela. O que você vai fazer?

Ele me observa em silêncio por alguns momentos e então balança a cabeça, com o seio para si mesmo.

— Ainda acho que ela pode ser útil. Enquanto isso, preciso levá-la para um local mais seguro — ele suspira. — O que farei com você? — seus lábios se curvam para cima no que parece ser um sorriso, mas o gelo ainda está lá, por trás.

— Sinto muito, Nico. Eu só queria consertar as coisas; foi tudo minha culpa. Ele me olha por um segundo, ou dois. Seus olhos ficam brandos. Ele coloca um a mão em cada um dos meus ombros, me puxa para perto e eu me aconchego em seus braços. Tenho receio de me mover, receio de respirar, de fazer qualquer coisa que possa destruir isso.

— Seu coração bate tão rápido — ele diz, finalmente. Me afasta e me olha nos olhos. — Não estou zangado com você, Chuva. Ao menos não com o que você acha que estou.

Sinto um alívio enorme.

— Não está?

— Não. Eu estava com medo.

— Com *medo*? — até mesmo o dizer a palavra parece errado. Nico não tem medo de nada.

Ele sorri.

— Sim . Até eu sinto m edo. Eu tive m edo de que algo acontecesse com você. E se você fosse pega? Você devia ter m e contado onde ela estava, para que eu pudesse tomar um a providência. Você precisa ficar em segurança, Chuva. Eu preciso que você esteja segura.

Eu o olho confusa.

— Desculpe.

— Não precisa se desculpar. Você foi corajosa. Mas me prometa uma coisa: não saia por aí salvando as pessoas sem falar comigo antes. Com binado?

— Com binado.

— Mais uma coisa antes de você ir. Aqueles mapas que você fez do hospital são incríveis, mas eu quero as pessoas também . Os rostos. Eu sei que você pode desenhá-los. Todos os rostos do hospital. Enfermeiras, médicos, seguranças. Todos com os quais você tiver contato agora ou que já teve no passado.

— O que você fará com eles?

Ele não responde, e eu só consigo pensar naquela enfermeira que morreu no último ataque do R. U. Livre ao hospital. O sangue dela em poço no chão. Sinto um embrulho no estômago e luto para que não aumente. Se eles puderem ser identificados fora do hospital, eles serão alvo fácil.

— Você sabe a resposta, Chuva, mas não perca seu tempo protegendo aqueles que servem aos Lordeiros. Lembre-se de que lado você está. Pense nisso. Se você não está conosco, então está com os Lordeiros e tudo o que eles representam . Você também podia ter entregado Tori aos Lordeiros. Segurado Ben e terminado com a vida dele. Acendido o fósforo que queimou os pais dele vivos. Pense nisso, Chuva. Agora vá.

Sigo para a porta, para a longa pedalada que me espera até em casa. Ansiosa para escapar por entre a noite. Mas me esforço para olhar para trás. O peito de Tori sobe e desce; seu rosto está adormecido e em paz, um contraste marcante com a dor que carregava antes.

— Ela vai ficar bem ? — não posso evitar a pergunta.

— Por enquanto.

Já em casa, sinto meus pés pedirem por uma caminhada de descida em um

terreno arenoso. Nico quer rostos. Mas dar isso a ele é com o decretar sentenças de morte para enfermeiras e médicos.

Eles não são inocentes!

Não. Eles me reiniciaram, e a incontáveis outros com o eu. A culpa pelo que houve com Ben pesa sobre os ombros deles.

Eles obedecem a ordens. E eu sei que isso não é o suficiente. Mas alguns deles são legais, mais do que legais. Mas o que mais eu posso fazer? Nico está certo. Todos fazem parte disso.

Não consigo dormir. Espalho várias folhas de papel ao meu redor. Toda vez que meu lápis toca o papel, um rosto surge em minha mente. Com o cabelo grisalho e desarrumado da enfermeira Sally, do décimo andar. O meu andar, e ela foi uma das que tomaram conta de mim no início. Ela sempre estava rindo, e me falou sobre seu novo neto quando ele nasceu. Me mostrou uma foto.

Um dia, ele pode estar em perigo. O neto dela — era Brian, Ryan ou algo parecido — pode dizer algo de que as autoridades não gostem e então desaparecer e ser Reiniciado também. Para depois ser devolvido ou exterminado se algo der errado. Com o Tori, cuja vida — sempre me iludir com as promessas superficiais de Nico — agora está por um fio.

Será que Sally sacrificaria a si mesma por seu neto? Eu poderia tomar aquela decisão por ela? Por seu neto e por todas as crianças e netos cujas vidas estejam limitadas, controladas e ameaçadas pelos Lordeiros?

Continuo desenhando, com a lápis. Não consigo parar.

CAPÍTULO 18

— Ky-la? Então, o que você acha? Ky-la? Ky-la...

— Desculpe. O que foi? — eu me viro para Cam, percebendo que estava ouvindo o eco do meu nome e já fazia algum tempo. Perdida em meus pensamentos enquanto comia o sanduíche. A voz de Cam era um som confortável, mas sem significado.

— Um simples sim ou não é suficiente — ele zomba.

— Hum, vamos ver: você poderia estar me oferecendo bolo, então eu deveria dizer sim. Por outro lado, você pode ter me sugerido *qualquer coisa*.

— Decida.

— Sim !

— Ok, eu pego você por volta das dez.

— Para quê?

— Para um a cam inhada am anã.

— E o colégio?

Ele sacode um a m ão em frente ao m eu rosto.

— Tem algo de m uito errado com sua m em ória — e então sua expressão

dem onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de
ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra
que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado
bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele
se deu conta de ter falado bobagem . —

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

[illegible]

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra

!

!

!

!

!

!

!

!

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de

!

!

!

!

!

!

!

!

!

monstra que ele se deu conta de ter falado bobagem. —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

monstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

monstra que ele se deu conta de ter falado bobagem. —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

monstra que ele se deu conta de ter falado bobagem. —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

monstra que ele se deu conta de ter falado bobagem. —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de

ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!
m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!
m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!
m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!
m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!
m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!
m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!
m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!
m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!
m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!
m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!
m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!
m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!
m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!
m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!
m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!
m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!
m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!
m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!
m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!
m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!
m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!
m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!
m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!
m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!
m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!
m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!
m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!
m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!
m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!
m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!
m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!
m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!
m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!
m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!
m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!
m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!
m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!
m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!
m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!
m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!
m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!
m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

[illegible]

[illegible]

[illegible]

[illegible]

[illegible]

[illegible]

[illegible]

[illegible]

[illegible]

[illegible]

[illegible]

[illegible]

[illegible]

[illegible]

[illegible]

[illegible]

[illegible]

[illegible]

[illegible]

[illegible]

[illegible]

[illegible]

[illegible]

[illegible]

[illegible]

[illegible]

[illegible]

[illegible]

[illegible]

[illegible]

[illegible]

[illegible]

[illegible]

[illegible]

[illegible]

[illegible]

[illegible]

[illegible]

[illegible]

[illegible]

[illegible]

[illegible]

[illegible]

[illegible]

[illegible]

[illegible]

[illegible]

[illegible]

[illegible]

[illegible]

[illegible]

[illegible]

[illegible]

[illegible]

[illegible]

[illegible]

[illegible]

[illegible]

[illegible]

[illegible]

[illegible]

[illegible]

[illegible]

[illegible]

[illegible]

[illegible]

[illegible]

[illegible]

[illegible]

[illegible]

[illegible]

[illegible]

[illegible]

[illegible]

[illegible]

[illegible]

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

monstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

monstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

monstra que ele se deu conta de ter falado bobagem. —

!

monstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

monstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

monstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

monstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

monstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

monstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

monstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

monstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado

bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!
m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!
m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!
m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!
m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!
m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!
m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!
m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!
m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!
m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!
m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!
m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!
m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!
m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

[illegible]

!
m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!
m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!
m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!
m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!
m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!
m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!
m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!
m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!
m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!
m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!
m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!
m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!
m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

monstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

monstra que ele se deu conta de ter falado bobagem. —

!

monstra que ele se deu conta de ter falado bobagem. —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

monstra que ele se deu conta de ter falado bobagem. —

!

monstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

monstra que ele se deu conta de ter falado bobagem. —

!

monstra que ele se deu conta de ter falado bobagem. —

!

monstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

[illegible]

!

monstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

monstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

[illegible]

!
m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!
m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!
m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!
m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!
m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!
m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!
m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!
m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!
m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!
m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!
m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!
m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!
m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —

!

[illegible]

! m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —
!
! m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . —
!

!

!

!

!

!

!

!

m onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de
ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra
que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado
bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele
se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado

[illegible][illegible]

se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onstra que ele se deu conta de ter falado bobagem . — m!onss

E pior. Mesm o lá, sob a custódia de Nico, em um a situação de grande perigo, perigo em que se colocou por m inha causa, ela ainda estava tentando m e aj udar?

Um a surpresa m e aguarda lá em baixo: m am ãe e papai tom ando café j untos.

— Levantou cedo hoj e — diz m am ãe.

— Sim . Acordei e não consegui dorm ir de novo.

Pego um pouco de chá e sento. Am y chega depois, se espreguiça e dá um abraço em papai. Ela é com o Lucy com o pai, e por dentro sinto um pouco de ciúm e. Am y encontrou um a fam ília em seus pais adotivos após ter sido Reiniciada. Ela é bem apegada a papai, em particular. Com igo, ele sem pre foi esquisito: às vezes m uito am igo, outras vezes frio e am eaçador.

Algo não está certo, algo em relação a papai e Am y. Mam ãe se agita pela cozinha, olhando para todo lado, m enos para papai. Ele faz tudo com o se estivesse prestando atenção às histórias de Am y, m as seus olhos estão em m im . Observando, analisando. Até m esm o curioso, m as cuidadoso, e ele não é assim . Algum a coisa *estala* dentro de m im . Talvez eu tenha entendido errado.

Quando subo, bato à porta do quarto de Am y. Ela está ocupada, arrum ando a m ochila do colégio.

— Am y, sabe aquele dia em que encontrou m eus desenhos? Do hospital e outras coisas. Você contou ao papai sobre eles?

Um a onda de culpa passou por seu rosto.

— Desculpe, ele ligou, e, sim , eu disse a ele. Ele m e pediu para cuidar de você e garantir que você não se m etesse em nenhum a confusão. Ele castigou você por isso?

— Não, não; está tudo bem — respondo. Não quero que ela corra para contar a ele. — E quanto à m am ãe? Você contou a ela?

Ela franze as sobrancelhas.

— Não, acho que não. Por quê?

— Por nada. Não se preocupe.

Vou para o m eu quarto e escovo o cabelo, olhando para o espelho sem m e ver.

Eu estava tão errada. Não pensei que pudesse ter sido ele; papai nem sequer estava em casa. Eu não contava com Am y m e dedurando pelo telefone. Então: ele foi até os Lordeiros. Foi por causa dele que eu e Cam fom os pegos aquele dia.

Pobre m am ãe. Eu quero correr lá em baixo e lhe dar um abraço, pedir desculpas por tê-la evitado. Mas é m uito tarde para isso. Barreiras foram criadas. A doutora Ly sander está presa por m inha causa e o guarda está m orto. Eu não posso m anter m am ãe em m inha vida, não m ais. Escolhi m eu cam inho com o R. U. Livre e não há volta.

Se eu estava tão errada sobre m am ãe, no que m ais posso estar errada?

Por que fui Reiniciada?

— Am y, Ky la — m am ãe grita das escadas. — Jazz está aqui.

Conform e o carro se afasta do vilarej o, o trânsito fica com plicado. Vam os seguindo e acabam os descobrindo a razão. Um a am bulância e alguns Lordeiros. A estrada está bloqueada em um a pista, um Lordeiro organiza o trânsito, e nós esperam os a vez para passar. Há um lençol cobrindo algo no chão. E um a van branca queim ada e esm agada contra um a árvore.

Eu fico gelada por dentro. Porque sei o que está escrito ali, posso ver o que restou de *Melhores Construtores* pintados na lateral.

Corro para o escritório de Nico na hora do alm oço. Ele tranca a porta.

— Chuva! — ele sorri, com o se estivesse em êxtase por m e ver ali, e m e agarra para um abraço. Eu não retribuo.

Ele m e solta.

— Ah, você está chateada com a pequena charada de ontem ? Desculpe, Chuva. Tudo pela causa. Sente-se — ele diz, e em purra um a cadeira na m inha direção. — É o m eu últim o dia aqui.

— No colégio? — pergunto, surpresa.

— Muitos planos em m ovim ento para perder m eu tem po aqui — ele pisca. — Cá entre nós, eu terei um a em ergência fam iliar que m e levará em bora.

— Com o está a doutora Ly sander? — pergunto, incapaz de evitar. — O que acontecerá com ela?

— Ela é um a m ulher fascinante — ele responde. — Muita força de caráter.

Ele não diz mais nada. Talvez não tenha conseguido tirar o que queria dela.

Será que fez algo a ela?

Ele deve ter visto isso em meu rosto.

— Chuva, lembre-se: ela é sua inimiga. Em bora esteja a salvo, por enquanto.

Mas chega de falar sobre ela: precisam os conversar sobre o que está para acontecer em Chequers. Se sua mãe adotiva não fizer o que é certo e não contar a verdade, o que acontecerá depois?

— Você disse que tem outro plano. Qual é?

— Você, minha querida, é o plano B.

— Com o assim ?

— Ou ela diz a verdade ao mundo, ou morre. E tem que ser durante aquela transmissão, ao vivo para todo o país.

Eu olho indignada.

— Eu sou o plano B... eu? Eu tenho de fazer isso?

— Não há outro jeito. Só você e sua família estarão presentes na cerimônia. E irão juntos em um carro do governo, assim como o Primeiro Ministro: eles não fazem revista de segurança. Você é a única que pode levar uma arma.

Eu entro em pânico. Eu, matar alguém ? E não uma pessoa qualquer... mas a minha mãe?

— Nico, eu...

— Você é a única pessoa que pode fazer isso, Chuva. A única que pode deter os Lordeiros. A liberdade está aqui, em suas mãos: agarre-a!

— Mas eu...

— Não se preocupe. Você não vai me decepcionar — ele diz, com certeza absoluta, seu olhar me transpassando. Olhos a que se deve obedecer. Se Nico diz que devo fazer isso, que consigo fazer isso, então assim será.

Algo ainda espreita dentro de mim, por trás de todo o horror: o que me trouxe aqui hoje? O *porquê* por trás de tudo.

— Posso fazer uma pergunta? — eu mal tenho coragem, mas de alguma forma as palavras saem. — Você dirá a verdade?

Ele fica imóvel.

— Você insinua que eu nem sempre digo a verdade — ele afirma, com um

tom perigoso na voz. — Você deveria me conhecer melhor agora. Posso não responder curiosidades inúteis, mas, quando respondo, é com a verdade.

Ainda assim, a verdade de Nico não é sem pre como as das outras pessoas.

Mas então ele sorri.

— Você, querida menina, após nos entregar o troféu de ontem, pode perguntar o que quiser que responderei — ele senta na beirada da cadeira, atento. —

Vam os lá.

Eu engulo em seco.

— Por que eu fui Reiniciada?

— Você sabe por quê.

— Sei?

— Ou, ao menos, sabia. Pense. Veja se consegue descobrir — ele diz. —

Protegem os parte de sua mente em ória de ser Reiniciada, não foi? Suas mentes órias estão voltando, cada vez mais.

E outra pergunta passa por minha mente, com o se sem pre tivesse estado ali: por que me preparar para ser Reiniciada a não ser que eu estivesse destinada a ser Reiniciada desde o início? Foi esse o verdadeiro *porquê* da doutora Ly sander?

Meus olhos se arregalam com o choque.

— O que foi? — ele pergunta.

— Eu estava destinada a ser Reiniciada. Não foi apenas um risco, ou minha sorte que me pegou, ou qualquer outra dessas coisas.

Ele inclina a cabeça.

— Bravo, Chuva: você se lembrou.

Eu recuo, o choque e o horror suplantando o medo suficiente para que eles não saiam do meu rosto.

— Mas por quê?

— Precisavam os mostrar aos Lordeiros que eles podem falhar; que podem os nos aproximar deles. Que em algum lugar, a qualquer momento, quando eles menos esperam, estão vulneráveis.

— Mas como você pôde fazer isso comigo?

— Agora, Chuva: você concordou com esse plano. Assim como seus pais. Eles nos entregaram você pela causa, para esse propósito.

— Não — sussurro. — Não. Eles não fariam isso.

— Eles fizeram . Seu pai verdadeiro fazia parte do R. U. Livre, ele sabia que em um país liderado pelos Lordeiros não havia futuro para sua filha, ou qualquer outra — o rosto dele estava cheio de com paixão. — Você pediu a verdade. Essa é a verdade.

Eu fecho meus olhos, bloqueio o rosto de Nico e suas palavras, e foco no sonho de ontem . Aquele homem não faria algo assim . Ele não entregaria sua filha para Nico. Nunca.

Torno a abrir os olhos, desta vez com cuidado para esconder a descrença.

Nico coloca as mãos nos meus ombros.

— Você fez essa escolha. E é a escolha certa. Você sabe, em primeira mão, que os Lordeiros e o processo de Reiniciação podem ser im pedidos.

— Eles precisam ser im pedidos — sussurro, e não estou fingindo. Verdade é liberdade; liberdade é verdade.

— Você não vai me decepcionar — ele se curva e beija minha testa. — E não se esqueça do que eles fizeram com o Ben — uma onda de dor passa por mim ao ouvir esse nome. Há tanta coisa se aglomerando dentro de mim que o deixei de lado por um tempo.

— Ben também estava do nosso lado, você sabe — lembra Nico. — Ele iria querer que você lutasse por ele.

Nico me conduz para fora do escritório. Suas palavras só se encaixam realmente um tempo depois, quando estou fora do prédio e em meio a um dia cinzento de novembro.

Ben estava do lado do R. U. Livre? Nico só poderia saber disso se estivesse recrutando Ben.

Minhas mãos se fecharam com rigidez. Eu simplesmente perguntei um outro *porquê*. Por que Ben decidiu de repente tirar o seu Nivo e pensou em entrar para o R. U. Livre? Só poderia haver uma resposta: Nico.

Ele tem recrutado outros do colégio, mas por que Ben? Um Reiniciado não é um recruta ideal: não são bons em guardar segredos e, tirando Tori, eles têm sérios problemas com violência. Ben só pode ter sido escolhido por minha causa. Mais tarde, naquela noite, não consigo dormir. Não mesmo. Ondas de raiva

passam por m eu corpo, um fluxo de m etal fundido pulsando em m eu coração, em m inhas veias, por tudo que Nico m e fez. E ao Ben. Um a raiva que não tem para onde ir, m as que cresce ainda assim .

Mas, no fim de tudo isso, estão os Lordeiros. Eles e o processo de Reiniciação ainda são o inim igo principal: foram eles que m e trouxeram aqui. Eles reiniciaram Ben, e o levaram em bora. Eles ainda são o alvo. Nico continuará. Um zum bido em m eu pulso m e assusta: o com unicador de Nico, com o se ele estivesse ouvindo m eus pensam entos, esperando pelo m om ento certo. Eu penso em não responder, m as aperto o botão.

— Sim ? — respondo, em voz baixa.

— É o Katran. Me encontre j unto à sua bicicleta em um a hora — e desliga.

CAPÍTULO 40

Eu m e esgueiro pelas som bras escuras por trás de nossa casa, depois subo a trilha. Tantos m istérios fazem os quilôm etros passarem rápido, andando com a cabeça cheia de perguntas e m eias-respostas.

Qual o m otivo do encontro? Talvez Nico tenha decidido que sou um risco m uito grande, e enviou Katran para m e elim inar. Meu estôm ago revira ao pensar no que Katran fez, e tem feito, e o que isso o torna: um derram ador de sangue. Um assassino frio.

Mas, anos atrás, era Katran quem m e abraçava no m eio da noite quando os sonhos m e faziam chorar de terror. Katran, que acredita com todas as suas forças que o que está fazendo sej a o cam inho para derrubar os Lordeiros e tornar nosso m undo um lugar m elhor.

Estou tão perdida em pensam entos que quase trom bo com ele.

— Oi — eu digo.

— Cuidado por onde vai — ele sussurra. — E tente não fazer barulho, eu ouvi você a um quilôm etro de distância.

— Mentiroso. O que foi?

— Nico m e enviou.

Ao ouvir esse nom e, a raiva irrom pe novam ente por dentro de m im e cerro os punhos com força. — Por quê?

— Ele quer que eu lhe entregue isso, m as eu não quero — ele enfia a m ão no

bolso e um a pequena arma brilha em sua mão sob o luar. Ele vai me matar. Eu dou um passo atrás.

Ele ri.

— Você deveria ver sua cara. Sua idiota. Isso é para o plano B do Nico: assim você pode matar sua mãe. Mas quem você está enganando? Você nunca seria capaz de fazer isso. Desista. Fugir enquanto ainda pode.

Eu estendo minha mão, desejando que esteja firme. Ele segura a arma, com o se fosse puxar o gatilho.

— Está vendo isso, Chuva? Você puxa aqui. De perto. Um único tiro. O dano que isso pode causar: destruir os tecidos, os músculos. Sangue, Chuva: um a chuva de verme, de sangue quente. Vai respingar por todo o seu corpo.

Meu estômago revira novamente; luto para não imaginar o que ele descreve.

Para me manter a mão firme.

Ele xinga em voz baixa, e a raiva em seu rosto muda para algo mais suave.

— Chuva, por favor. Pense melhor. Se você conseguir puxar o gatilho, o que vai acontecer com você? Você será morta em segundos.

— Me entregue. Agora.

Ele deixa a arma em minha mão. Balança a cabeça. Me mostra com o funciona corretamente desta vez — pequena, talvez único; um a tira que passa ao redor do braço para mantê-la escondida. Feita de plástico especial que deve passar pela maioria dos detectores. De curto alcance. Não há problema, pois estarei bem ao lado de minha mãe, pronta, para o caso de ela não fazer seu discurso do jeito que Nico quer.

— Nico também quer que eu verifique se você está do nosso lado. O que o preocupa?

— Eu percebi algumas coisas, e fui tola o bastante para falar disso com ele.

— Nossa! Com o quê?

— Você pode responder a uma pergunta primeiro?

— Pode perguntar. Só não sei se vou responder.

— Com os Lordeiros me pegaram? O que aconteceu para que eu terminasse sendo Reiniciada?

Katran fica quieto, e com efeito a achar que ele não vai responder. Em seguida,

ele suspira, passa os dedos pelo cabelo, com o sem pre faz quando está preocupado. Com o consigo m e lembrar de pequenas coisas com o essa, e não das grandes coisas?

— Honestamente? Eu não sei. Houve um ataque a um local de armazenamento de armas dos Lordeiros, mas eu não estava lá. Eu deveria estar, mas no último minuto Nico me enviou para uma missão estúpida. Eu estava com tanta raiva! Então, quando voltei... — ele sacode a cabeça. — Ouvi dizer que era uma emboscada. De alguma forma eles sabiam que estaríamos lá. Três mortos. Você e alguns outros que eram meus novos foram levados, deduzimos que Reiniciados. Eu não estava lá para protegê-la! Até reencontrar você aqui, dias atrás, era tudo o que eu sabia sobre o que tinha lhe acontecido.

Eu fico olhando para ele, chocada. Tantas vidas desperdiçadas.

— Não foi culpa sua. Além disso, o que você poderia ter feito se estivesse lá, mas fosse morto?

— Talvez. Eu não sei — ele diz. Mas Katran sem pre pareceu invencível, com o se, se ele tivesse estado lá, as coisas pudessem ter terminado de outra forma. Foi por isso que ele foi enviado para outro lugar?

— Não foi sua culpa, mas eu sei de quem foi.

— Dos Lordeiros.

— Eles fizeram o trabalho sujo, mas quem armou tudo?

— O que quer dizer?

— Ouça. O que eu descobri hoje é que eu sem pre estive destinada a ser Reiniciada. Não foi um ato aleatório, ou azar que me fez ser pega. Eu fui preparada para isso, e sem pre estive nos planos de Nico.

— Não. De jeito nenhum. Mesmo que seja verdade, não com todos os outros lá. Não!

— Ele não podia simplesmente me entregar aos Lordeiros e dizer: “Aqui está, por favor, Reinicie esta menina na qual tem os feitos experiências”...

Os punhos de Katran se fecharam.

— Se isso for verdade, eu vou matá-lo.

— É verdade. Ele me confirmou. Mas e quanto ao R. U. Livre e tudo pelo qual você tem lutado?

Seus olhos estão enfurecidos.

— Com o posso sim plesm ente continuar com o se nunca tivesse ouvido isso?

Com o posso confiar nele novam ente?

— Sim ples: não confie nele. Eu não confio. Mas isso não m uda o m otivo pelo qual estam os trabalhando: a m esm a coisa que Nico quer. Derrubar os Lordeiros — m e ouvi dizer as palavras, m e odiando por defender Nico quando o que m e aconteceu, o que houve com Ben, foi culpa dele. E pensar que eu culpava Aiden, quando era Nico que estava por trás das ações de Ben o tem po todo. Mas, ainda assim , foram os Lordeiros que reiniciaram Ben; Lordeiros que o transform aram sej a lá no que ele é agora. — Mas quando os Lordeiros se forem ... — falo, dando de om bros. *Depois será outra história.* Nico não vai sair disso im pune. Não agora que Katran sabe.

— Quando eles se forem ... — diz Katran e, em seus olhos, vej o a m orte de Nico.

— Você acha que isso realm ente é possível? Ganhar dos Lordeiros?

— Sim . Vam os conseguir desta vez. Estam os organizados com o nunca estiveram os antes.

— Sêrio?

— Há m uita coisa planej ada. Terem os ataques coordenados por todo o país. Assassínatos-chave, tam bém , e tudo no m om ento exato em que foi assinado o tratado que deu início à Coalizão Central e seu controle sobre este país. Mas ainda precisam os do apoio geral. Sem isso... — ele dá de om bros.

Sem isso, vamos falhar definitivamente.

— Precisam os do discurso da m inha m ãe, que ela diga a verdade. Mas e se ela não disser? O que acontece depois?

Ele m e vira, suas m ãos nos m eus om bros. Os olhos nos m eus.

— Nico diz que é o plano B. Apunhalar o coração dos Lordeiros m atando a filha de seu herói: m ostrar que ninguém está a salvo, que eles são vulneráveis em toda parte. Mas não faça isso, Chuva. Salve-se.

Eu engulo em seco.

— Tenho de fazer. Os Lordeiros precisam ir em bora. Lem brar as coisas, o que Nico fez, não m uda isso.

Os olhos escuros de Katran im ploram para que eu m ude de ideia. Sem pensar, estico a m ão com o fiz antes, para tocar levemente a cicatriz em seu rosto. Seu *porquê*. Desta vez, ele não se afasta.

— Katran, você estava certo, o que você disse no outro dia: eu preciso saber o que houve com igo, e por quê. Tudo.

— Você realmente está falando sério?

— Sim . Nico disse que meus pais me deram para ele. Que eles e eu concordamos que isso fosse feito com igo. Quero saber. *Preciso* saber a verdade.

— Tenho uma coisa para você — ele diz. — Mas só se você tiver certeza. Você quer se lembrar, não importa o que seja?

— Sim . Tenho certeza.

Ele coloca a mão dentro da camisa e puxa uma tira de couro que está ao redor de seu pescoço. Quando ele a coloca para fora da camisa, noto que há algo pendurado nela.

— O que é isso?

Ele a tira do pescoço e coloca em minhas mãos.

— É algo que você me deu, há alguns anos.

A luz é fraca, e eu sinto o objeto com os dedos: ainda com o calor de sua pele, uma peça esculpida em madeira, com poucos centímetros de comprimento. Uma torre. Meus dedos se lembram, e não é apenas uma torre qualquer, é *a* torre. Minha torre. Do meu pai. Respiro fundo.

— Você se lembra dela?

— Acho que sim . Algo da minha infância. Eu não entendo. Por que eu lhe dei isso?

— Seus pesadelos eram muito ruins. Você disse que, mesmo não querendo mais perder nenhuma peça de si mesmo, você não podia mais manter aquela. Precisava deixá-la ir, para esquecê-la. De alguma forma, tem relação com esta torre. Você me pediu para me livrar dela para você porque não suportaria fazê-lo. Mas eu simplesmente a guardei, Chuva. Para manter comigo uma parte do que você foi. Talvez ela ajude a se lembrar.

Eu olho com espanto para Katran. Parte do que fui, próximo ao seu coração?

— Obrigada — eu digo, e a coloco em volta do meu pescoço, debaixo das

m inhas roupas. Um pavor que eu não identifico m e invade quando a sinto contra a pele.

— Hora de ir — ele diz, m as não se m ove, e nem eu.

— Tenha cuidado am anã — eu peço. Com bata o bom com bate. — Ecos da voz de Nico em m eus ouvidos: *tenha uma boa morte*. Sinto um arrepio na espinha.

— Vam os ficar bem , você e eu — ele diz. Devagar, indeciso, ele estende as m ãos. As m ãos violentas de um assassino; m ãos gentis, que confortam e protegem . Eu m e aproxim o dele, ele m e abraça. Seu coração bate enlouquecidam ente no peito. — Vá — ele diz no m eu ouvido, e m e dá um pequeno em purrão. — Tente ser silenciosa desta vez.

Eu m e afasto, e m om entos depois ouço o som distante de sua bicicleta.

De volta à cam a, seguro a torre com força: m inhas m ãos são tam bém as de um a assassina? Por que a torre é tão im portante? Tudo o que eu sei sobre isso é a lem branca de um sonho feliz, j ogando xadrez com m eu pai.

Nós corremos. Ele segura minha mão, com força, como se nunca a fosse soltar novamente.

Mas minhas pernas estão falhando, minha respiração está tão ofegante que meu peito irá estourar com certeza, e não consigo ar o suficiente. A areia escorrega sob os meus pés, e ainda assim eu corro.

Até cair. Tropeço, caio e aterrisso com força na areia da praia, sem fôlego. Sem força, mais nada.

— Vá! — eu o empurro, mas ele se vira, me abraça.

— Nunca se esqueça — ele diz. — Nunca se esqueça de quem você é!

E o terror se aproxima. Eu consigo ouvi-lo, mas não posso olhar. Ele me dá cobertura, mas eu giro o corpo e dou cobertura a ele, e meus olhos se fecham com força. Eu não posso olhar, não posso.

Um eco de outra época, outro lugar. Terrores do meio da noite, e uma voz gentil: vá em frente e olhe, Lucy. Enfrente o que assusta você, e ele perderá o poder.

Abro os olhos. Mas, desta vez, não é como debaixo da cama.

Esse medo é real.

O terror me olha de volta. Grandes e pálidos olhos azuis brilham diante da

morte e do triunfo.

Dou um pulo da cama, o coração batendo dolorosamente contra minhas costelas. Um terror tão real e forte que preciso acender as luzes. Os cobertores estão puxados até o meu queixo, mas ainda assim estou tremendo. Nunca, em todas as versões desse pesadelo, eu tinha me atrevido a abrir os olhos e ver o que me perseguia.

Apenas um homem tem olhos com os aqueles.

Nico.

Eu amo a idéia do medo que me acordou, tão perto de saber... *o quê?*

Quem estava comigo? O que aconteceu depois?

CAPÍTULO 41

— Que tal estou? — Cam dá um a rodadinha para mostrar o terno. O Senhor Casual está surpreendentemente bem de paletó e gravata, mas as outras coisas ocupam minha cabeça.

Franzo a sobrancelha.

— Sua gravata está torta. Fique em casa, Cam. Você não quer ir. — Meus olhos im ploram .

Ele ajusta a gravata em nosso espelho do *hall* e me olha.

— O que foi, Ky-la? — ele pergunta. — Me diz.

— Nada. É só que vai ser chato com o inferno. Você não precisa ir; fuja enquanto pode.

Ele parece pensativo, como se notasse que há algo que eu estou tentando esconder. Ele entreabre a boca para dizer alguma coisa quando meu pai aparece.

— Vocês dois estão ótimos — ele diz.

Eu estava usando o que me mandaram, sem questionar. Um vestido verde escuro — chamativo e sedoso —, felizmente de mangas com pregas. Me caiu bem. Sapatos idiotas de salto alto não são meu calçado preferido em dia nenhum, mas hoje a velocidade pode ser útil e, se for assim, eles terão de sair. A fria sensação de algo cilíndrico e mortal contra a minha pele, amarrado em meu braço.

— Sua mãe ainda não está pronta?

— Eu vou ver — respondo, e subo as escadas. Bato na porta de seu quarto. —

Mam ãe?

— Entre — ela diz.

— Você está bem ?

Ela encolhe os ombros, passando pó no rosto.

— Odeio essas cerimônias.

— Por quê? Ela honra seus pais, lamenta a perda deles, para você e para o país

— repito, com o um papagaio, o lema oficial do Dia do Memorial Armstrong. Eu a observo de perto.

— Eu sinto falta deles, muito. Mas hoje, aqui, eu sou um marionete em um cordão. Isto não tem nada que ver com meus pais, ou comigo. Mas com *elas*.

— Lordeiros?

As sobrancelhas dela se movem ; ela confirma com a cabeça.

— Talvez seja a hora de cortar os cordões.

Ela olha para trás.

— Talvez — ela diz, finalmente, e suspira. — Se ao menos fosse assim tão simples.

— Você não pode simplesmente dizer com o que se sente? Diga a verdade. Não é sempre a coisa certa a se fazer?

— Saber o que é certo e errado não resolve tudo, Ky la. Eu vivi minha vida desse jeito: esqueça essa bosta toda, esqueça a política, fique fora disso. Cuido das pessoas com as quais me importo, quem está aqui, agora. Com o você — ela toca minha bochecha e sinto uma dor profunda por dentro. — Se todo mundo fizesse isso.

— Talvez, às vezes, o aqui e agora não seja tão importante quanto fazer o que é certo. Talvez as pessoas com as quais você se preocupa possam entender — e eu sei que estou forçando, que ela vai começar a se perguntar. Mas *não posso* deixar de dizer isso.

Ela me olha.

— Talvez.

— O carro já chegou — papai chama lá em baixo.

— Vam os lá — ela diz. — Hora do *show*.

Cam nos acompanha até nosso carro.

— Não é tarde demais para me ajudar de ideia — digo a ele.

— Sem chance! Vej o você lá.

Nossa limusine é um carro do governo, com o Nico disse que seria: bandeiras sobre o capô. Um a escolta de motocicletas com Lordeiros na frente e atrás.

Papai está na sua versão feliz, conversando com Amy. Mamãe está silenciosa; seus olhos estão cansados, tensos. Aparência de quem não tem dormido bem.

Aparência de quem está às voltas com uma decisão.

Por dentro, tudo me plora a ela: *conte a verdade*. Faça isso!

Não me faça me atar você.

Estam os perto dos portões da casa, e ao lado da entrada está uma van preta.

Segurança Lordeira. Uma onda de medo me sufoca: talvez isso acabe aqui. Eles vão me arrastar, revistar; encontrar a arma e me levar presa. Coulson nunca me deixaria passar por essas portas sem ter certeza, não quando ele suspeita do que, afinal, é verdade. Não quando ele não sabe se eu vou me ater ao combinado.

Entretanto, com o Nico tinha dito que seria, nossa limusine e a escolta passam pelos guardas direto pelos portões. Seguimos pela rua Vitória: uma pista de cascalho que dá a volta em um gramado com uma estátua quebrada.

— Estão vendo isso? — diz papai. — Estátua da deusa grega da saúde.

Quebrada por vândalos nas revoltas. Eles foram encontrados aqui e executados ao lado de sua afronta; que é muito antiga assim para nos lembrar pelo que lutamos. Executados aqui: na grama. Por derrubar uma estátua? Lordeiros fazem essas coisas. A decisão cresce dura e fria por dentro de mim.

Paramos na frente das portas principais. Guardas as abrem e nós percorremos um corredor de pedra. Seguimos um oficial para o Grande Salão, e eu recupero o fôlego. O teto é tão alto, o espaço tão desconunal, que nossos passos parecem pequenos ao caminhar ali. Pinturas enormes estão penduradas nas paredes: retratos de mortos nos observam. Um fogo crepitante queima em uma lareira branca, duas poltronas dispostas em um dos lados. Câmeras e microfones arrumados mostram que o discurso será aqui.

Um funcionário passa a ordem do dia. Primeiro: às 13:10, o momento em que a bomba explodiu matando os pais dela, mamãe fará o discurso televisionado ao vivo. Apenas a família estará presente: papai, Amy e eu. A seguir, nossos amigos

e familiares — Cam incluído — terão permissão para se juntar a nós, e vamos tomar um chá. Segundo: novidade este ano, para lembrar os 25 anos de suas mortes, o atual Primeiro Ministro se pronunciará para a nação, e a um seleto grupo de dignitários. Isso será nos jardins da casa. Nós estaremos ao lado dele, exatamente às 16 horas, momento preciso em que o tratado que acabou com as revoltas foi assinado, há trinta anos. E então eu saio com Cam, enquanto mamãe e papai ficam para uma recepção interminável e, mais tarde, o jantar. Amy, garota louca, optou por ficar para isso também.

Mas as coisas nunca passarão do *primeiro* ato do cerimonial, não é mesmo? De uma maneira ou de outra.

Eu fico olhando para o teto, bem acima. Será que tiro eco?

— Impressionante, não é? — diz mamãe. — No entanto, ainda me faz sentir em casa. Eu costumava adorar estar aqui. Há uma biblioteca tão grande que dá para jogar críquete lá.

— Você jogava?

Ela pisca.

— Eu não lia muito naquela época.

Somos chamados para nossos lugares. Mamãe em uma cadeira, papai em outra. Amy e eu temos que ficar de pé, atrás da mamãe, cada uma com uma mão descansando em sua cadeira. Luzes são verificadas; em seguida o som; e eu faço a minha própria checagem.

Lordeiros. Eles estão por toda parte, mas não muito perto, para que não apareçam na filmagem. Mas perto o suficiente para impedir o discurso de mamãe se eles acharem que há algo errado, e ela terá apenas segundos antes de a transmissão ser cortada. Eu estudo seus rostos, convencida de que Coulson estará aqui, que ele impedirá isso antes de começar. Mas ele não está.

Uma garota se aproxima e retoca o rosto de mamãe com maquiagem.

Mas e se ela não fizer o discurso que querem os?

Minha cabeça está leve. Eu olho para cima novamente e sinto como se estivesse flutuando sobre a sala, tudo está se arrastando, cada segundo — *tique, taque* — ficando mais lento.

Se ela não fizer o discurso que querem os, *então*: eu devo deslizar a mão pela

minha mangua e puxar a arma? Não. Estou ao lado dela, não é preciso me irar. Mão na mangua, seguro a arma. Atiro nela através da mangua; eles não terão chance de ver, de me impedir.

Não. Ela dirá a verdade. Ela dirá.

Se ela disser... o que fazer, então? Os Lordeiros ainda estarão aqui.

Transmissão interrompida. Será que eles vão prendê-la? Atirar nela? Eu pisco.

Nico disse que não. Eles não ousariam, eles têm de fazer coisas legais e adequadas, todo mundo estará observando com o ela será tratada. E, se for provado que o que ela disse é verdade, não existe traição. E ele encontrará o Robert, e provará que é verdade.

A menos que os Lordeiros reajam sem pensar, atirem nela para impedir suas palavras antes que a transmissão seja cortada. Meu estômago em brulha. O país iria vê-los em ação, ver o que eles realmente são.

Mas se ela não contar a verdade... eu tento alcançar a fria solução que senti mais cedo, guardada do lado de dentro. Concentre-se. Mão na mangua; arma; tiro. Eu posso fazer isso. Haverá sangue. Mas não até que eu tenha feito isso, e o que importa depois, se eu enlouquecer? Com todos os Lordeiros aqui eu estarei morta antes de ter uma chance. Nós duas estaremos mortas.

— Ky-la? — Amy me cutuca. — Sorria.

Eu recomponho meu rosto. Eles estão em contagem regressiva. Uma luz aparece na câmera, e então...

Ela comêça.

— Hoje faz 25 anos que houve uma terrível tragédia com a morte de William Adam M. Armstrong e sua esposa, Linea Jane Armstrong, nas mãos dos terroristas. Nossa nação perdeu seu Primeiro Ministro e sua esposa. Eu perdi os meus pais. Não foi por acaso que escolheram esse dia. Em 26 de novembro, há trinta anos, os tratados foram assinados nesta mesma sala para formar o nosso Governo de Coalizão Central. O governo liderado por meu pai que acabou com as revoltas, que trouxe a paz de volta a este país. Estou aqui diante de vocês com minha família agora, e eu me pergunto o que meu pai diria se estivesse aqui. O que ele faria.

Ela faz uma pausa. Há pequenos cartões brancos em suas mãos. Não estão

abertos.

Vej o o funcionário atrás da câm era trocando um olhar atento com outro. Ela não está mais seguindo o discurso preparado! A esperança cresce dentro de mim .

— Meu pai era um homem de princípios. Ele acreditava estar fazendo o certo, e lutou para tornar este país um lugar seguro para seus filhos, e os filhos de seus filhos, em um momento de caos, quando isso parecia um sonho impossível. No entanto, ele não conheceu seu próprio neto. Um filho que eu também perdi. Ela realmente vai falar. Sem pensar, minha mãe segura o seu ombro. A mão de minha mãe se estende e segura a minha.

O funcionário está sussurrando para um técnico, ouvindo, vigilante.

— Uma das minhas lindas filhas me lembrou hoje o que é importante: fazer o que é certo. Dizer a verdade. Mas a verdade para mim é esta: é hora de parar de se concentrar em tragédias passadas. Nós não podemos voltar atrás, só podemos ir para a frente. É hora de o nosso país se concentrar no que é bom : no que podemos fazer por nossos filhos e pelos filhos de nossos filhos.

Os Lordeiros estão em alerta; suas palavras estão chegando perto do limite agora.

Seus olhos passam por eles. Ela se vira para Amy e para mim , e sorri.

Um Lordeiro se aproxima dos técnicos da câmara.

O tempo está se esgotando! *Diga agora!* Im ploro por dentro. *Diga o que houve com o Robert.*

Ela se vira e encara a câmara.

— Obrigada — ela diz.

Estou gelada. Isso é tudo? Estava nos olhos dela, naquele momento em que ela se virou para mim e Amy. Ela não ia fazer ou dizer nada que nos colocasse em perigo. Foi isso. Ela ainda segura a minha mão, a mão que deveria estar escorregando por minha manga, agora, buscando os meios de acabar com a vida dela. A minha também .

Um funcionário se aproxima. Estamos na frente da câmara ao lado dele; ainda transmitindo ao vivo. Ele agradece à minha mãe e começa a explicar a ordem do dia. E todo o tempo eu poderia largar a mão dela. Buscar a arma dentro da minha manga. Ainda há tempo. Os segundos estão se esgotando, cada tique-taque

do relógio soa mais distante, cada um é um a eternidade de decisão.

Pense.

Arranque o coração dos Lordeiros. Isso foi o que Katran disse; repetindo o que disse o Nico, sem dúvida. Suas palavras eu reconheço.

Precisam os de apoio popular: novamente Katran. Mas com o mesmo atar a mesma mãe, a filha do herói Lordeiro, conseguiria isso? O buraco na lógica está se abrindo na minha frente. Poderia ter o efeito oposto, afastar a opinião pública de nós.

Certamente Nico percebe isso.

Nico diz que devem os atacar as Lordeiros onde e com o podem os: mostrar sua vulnerabilidade...?

Não.

Afasto as palavras dele. Sou apenas eu, sozinha, neste momento.

Aqui, agora: eu decido. Eu não sou quem eu era, ou quem Nico quer que eu seja. Eu quase suspiro alto quando percebo:

Eu sou o que eu escolho fazer.

Assim com o mesmo mãe. Quem ela é, em sua essência, é a soma de todas as decisões que ela toma. Ela fez o que achou certo: extrapolou os limites do que disse, mas não muito. Para nos proteger.

Eu não posso fazer isso.

Eu não vou fazer isso.

A luz da câmara se apaga. Muito tarde. É muito tarde para ela dizer o que deveria ter dito.

Tarde demais para eu fazer o que eu nunca conseguiria.

— Está tudo bem, Ky-la? — pergunta a mãe. — Você está tão concentrada.

— Estou com dor de cabeça — eu digo, com sinceridade. As pessoas agora se espalham pelo salão principal para chá e bolos. Alguns poucos rostos familiares, mas muitos mais que não são. E Lordeiros, em toda parte: olhos atentos, que prestarão mais atenção na minha mãe, agora.

Tudo está se movendo, tremendo por dentro. Ela não pôde fazer nada que nos colocasse em perigo, não importa o que ela pensava. Eu não poderia machucá-la, também. Todo este sentimento: é uma armadilha? Os laços que nos prendem às nossas lealdades, Nico diria. Ele estava errado sobre mim: eu não era capaz de

fazer isso.

— Pode ir, se quiser — diz a mãe. — Você não precisa ficar para a segunda cerimônia. Você só precisava realmente estar aqui para a primeira, para a foto oficial da família — ela revira os olhos. E acena para Cam. — Por que vocês dois não vão agora?

— Claro — ele diz. — Este terno me dá coceira. Vamos, Ky.

Som os instruídos a seguir um funcionário: pelos corredores até uma porta.

Através de um gramado até o estacionamento, onde está o carro de Cam.

Conforme caminham os meus pensamentos se agitam. O que acontece agora?

Nico disse que os ataques do R. U. Livre seriam ao mesmo tempo do discurso da minha mãe sobre os Lordeiros terem Reiniciado o filho dela, ou de sua morte.

Nada disso aconteceu. Isso é tudo?

Nico ficará indignado com o meu fracasso. Eu suspiro. Não apenas zangado; mas letal. Eu estou morta.

Talvez Katran tente impedir-lo. Mas...

Katran. Ele disse que os ataques foram sincronizados para ocorrerem quando o tratado foi assinado: a segunda cerimônia. Nico disse que seria na primeira. Eu entendi algum deles errado? Franzo a testa. Não, tenho certeza de que não entendi errado. O que Katran disse? Os ataques e assassinatos cronometrados juntos, na segunda cerimônia: ela começa às 16 horas.

Assassinatos... isso inclui a doutora Lyander? A dor cresce por dentro.

Chegam ao carro de Cam e entram os. Um funcionário sinaliza para esperarmos. Outra limusine está chegando, mortos na frente e atrás. Ela para, e a porta é imediatamente aberta; tem o vislumbre dos cabelos loiros desarrumados antes que os seguranças cerquem o Primeiro Ministro, escondendo-o de vista. Eles caminham até os degraus e entram. Assim que a porta se fecha, nos fazem sinal para ir.

— Você perdeu sua chance de conhecer o Primeiro Ministro — diz Cam, conforme seguimos para fora do portão. Eu não respondo. — O que há de errado? — ele pergunta.

Eu balanço a cabeça, fecho os olhos, me recosto no banco. A doutora Lyander foi em purrada dos meus pensamentos por todo o resto. Ou talvez eu estivesse

evitando pensar no que aconteceria com ela.

Ainda assim, mãe quando eu não entendia o que ela estava fazendo, ela estava mãe e protegendo. Ao ponto de falsificar registros hospitalares. Ela infringiu regra após regra para mãe e dizer o que eu precisava saber. E a mãe aior de todas, ao mãe encontrar fora do hospital. Nico disse que, para ela, eu sou a filha que ela nunca teve. Sim, ela faz parte de todo o regime e de Lordeiros que eu odeio. Mas, por mãe inha causa, sua segurança está mãe orto, e ela é uma prisioneira.

A doutora Ly sander é com o parte da mãe inha família. Ela, com o mãe inha mãe, mãe e protegeria, se pudesse. *As palavras da minha mãe, mais cedo, em casa: cuide das pessoas com as quais você se importa, que estão aqui, agora.*

Eu olho para o mãe eu relógio: 14:20.

— Ky la?

— Cam? Lembra quando disse que, se tivesse qualquer coisa que você pudesse fazer para ajudar, você faria?

— Claro.

— Você pode dirigir rápido para casa, para que eu possa trocar de roupa? Então mãe e deixar em outro lugar. Mas o mãe aís importante: sem perguntas.

Ele sorri e pisa no acelerador.

Em casa, subo correndo as escadas, tirando os sapatos e abrindo o vestido ao mãe esmo tempo. Jogo o vestido no chão do mãe eu quarto, enfio um jeans e uma camiseta escura. Odeio a sensação da armadura de Nico na mãe inha pele, mas a deixo presa ao mãe eu braço. Eu posso precisar dela. Com efeito a correr para a porta e paro em seguida.

O comunicador de Nico. Pode ser um rastreador também, e eu não quero que ele saiba para onde estou indo. Eu paro, passo o dedo debaixo do mãe eu Nivo para tentar soltá-lo. Xingo, estou prestes a desistir, quando mãe inha unha finalmente encontra uma borda. Um toque e o retiro. Eu o jogo em uma gaveta de roupas e corro para baixo.

Cam já está no carro, também trocou de roupa.

— Isso foi rápido — ele diz. — Algum tipo de emergência?

— Sem perguntas, lembra? — repito, e então cedo. — Digam os que eu só preciso ajudar uma amiga.

Explico a ele o caminho conforme e nos dirigimos para lá, o tempo todo me perguntando: o que estou fazendo? Vou me atrever? Posso me opor a Nico?
Sim.

Por muito tempo fui em purrada para um lado, depois para o outro; entre quem eu era, e quem eu sou. Mas quem eu quero ser?

Quem eu sou agora e o que eu faço, agora, será decidido por mim, e apenas por mim.

Há tantas grandes questões: as políticas. Que envolvem Katran e Nico. Os Lordeiros estão errados, muito errados, mas cortar suas gargantas, uma após a outra, é a solução? Eu me convenci de que Nico estava certo; que, com o Chuva, eu já tinha feito essa escolha, havia muito tempo, que devem os usar todos os meios necessários. Mas eu estava errada. Essa não é a minha resposta.

Guio Cam direto pela estrada da trilha única, o caminho pelo qual Nico me levou na primeira vez, e então sinto um aperto gerado pelo medo: e se ele vier por esse caminho hoje? Mas é tarde demais para voltar atrás.

— Pare aqui — eu digo, finalmente. — Você vai ter que dar ré um pouco antes de voltar.

— Aqui? Você tem certeza? — Cam espreita pelas árvores ao redor.

— Sim. Aqui. Obrigada.

— Não está na hora de você me dizer o que está acontecendo? — ele faz uma pausa, e olha meu rosto de perto. — Aleluia! Você realmente vai me dizer alguma coisa, não é?

— Uma coisa — eu digo. — Sabe aqueles Lordeiros a quem os apresentados outro dia? Eles podem estar irritados comigo, e eu realmente espero que isso não se estenda a você. Eu só queria avisá-lo. Sinto muito.

— De Lordeiros irritados eu gosto, mas não na minha cola. Mas, se eles vão agir daquele jeito, me deixe ir com você. Talvez eu possa ajudar.

— Não.

Ele suspira.

— Tem certeza de que você ficará bem?

— Absoluta — minto, não na porta do carro, pronta para correr se ele tentar me seguir.

— Boa sorte — ele diz.

— Até logo, Cam — eu digo, e saio, m e em brenhando nas árvores. Aguardo fora de vista para ter certeza de que ele vai em bora. Ele dá ré até a pista e desaparece.

Tem algo *errado*. O quê, exatam ente, eu não sei. Ele desistiu m uito fácil? Fico atenta, escutando até que o m otor soa distante e o som não é m ais ouvido.

E Cam é um a das piores culpas que sinto em tudo isso. Não foi culpa dele ter cham ado a atenção dos Lordeiros, foi puram ente por m inha causa. Espero, com todas as m inhas forças, que nada aconteça com ele. Se tudo der certo hoj e, se a doutora Ly sander escapar, Coulson vai saber em breve no que tenho m e m etido. E acho que ele não vai ficar m uito contente.

CAPÍTULO 42

No esconderij o de Katran, onde as bicicletas estavam na prim eira vez que vim por aqui, a lona está m ais baixa do que eu esperava. Eu a retiro novam ente para ter certeza, e suspiro: nenhum a bicicleta aqui hoj e. Devem estar todos na casa: eu vou ter que ir a pé. Rápido.

O ar está úm ido e pesado, tranquilo, m olhado. O céu está escurecendo. E eu penso ter ouvido sons abafados, alguém ou algum a coisa escondida. A im aginação está a m il, continuo m e virando, certa de ter ouvido o estalo de um galho distante ou algo entre as árvores. Mas, se eu m e viro rápido, silenciosa e cuidadosa, não há nada lá.

Conform e ando, considero o ponto fraco do plano: quem está guardando a doutora Ly sander? Se Katran está diretam ente ligado aos ataques das 16 horas, todos que podem estar em ação devem ter sido designados; pode ser apenas um guarda do lado de fora da porta trancada. Com o faço para tirá-los da casa e distraí-los o suficiente para libertar a doutora Ly sander? Não tenho ilusões sobre um a luta para valer: a única m aneira de eu realm ente m achucar alguém seria em autodefesa. Com o foi com Way ne. Eu estrem eço por dentro: eu não lam ento, exatam ente, por ele estar m orto. Pode ter sido pelas m ãos de Nico, m as, ainda assim , é outra m orte cuj a culpa é m inha.

Concentre-se.

Se Nico estiver na casa, estou em apuros. Ele não deve estar, deve estar

coordenando os ataques.

A menos que esteja a no que me atará a doutora Ly sander às 16 horas.

Você sempre pode desistir, fugir. Se esconder.

Não. É hora de enfrentar o problema que causei. Me apresso pela trilha, meio andando, meio correndo. Um olho no relógio: 15:15 agora, e vou mais rápido, examinando e rejeitando planos no caminho. Há muitas incógnitas.

Chego ao local onde as bicicletas estão escondidas perto da casa: estou quase lá. Mais uma vez sou tomado pela sensação, tão forte, de estar sendo vigiado; eu paro, prendo a respiração e apuro os ouvidos, mas não consigo escutar nada. O único movimento é um falcão vermelho circulando lá em cima, de olho em alguma presa aqui em baixo. Medo e imaginação: isso é tudo.

Em silêncio, meio em brejo entre as árvores ao redor da casa, escondida, fora de vista. Nenhum carro: Nico não está aqui! O alívio é tão grande que relaxo contra uma árvore. Por mais que eu tente fingir que sou capaz de enfrentá-lo, eu conseguiria? Sério? Além do controle que ele sempre teve sobre todos, há um outro controle em mim, que até recentemente estava enterrado tão fundo que eu não sabia. Ele é o meu terror. O material de que são feitos os pesadelos.

Há um movimento na porta: eu me encolho. Um vulto de cabelos escuros sai, derrama os restos de uma xícara no chão e volta para dentro: Tori. Ela é a guarda? E talvez o carrasco também.

Fora isso, a casa ainda parece abandonada, vazia. Meus olhos procuram os pequenos detalhes que dizem o contrário, pois sabem onde procurar. Vejo o feio arame que circunda a casa, escondido na vegetação rasteira: um sistema de alerta para os que estão lá dentro.

No entanto — alguma coisa ainda parece *errada*.

Um silêncio, não na casa, mas em torno de mim, com o se as árvores prendessem a respiração. Os pássaros estão silenciosos. O próprio vento, e...

Eu recuo. Ouço um pequeno estalo, à esquerda. Eu me viro, pé para cima preparado para um chute, mas paro no último segundo.

— Cam? Que diabos você está fazendo aqui? — pergunto, em um sussurro feroz, e o vejo vir de volta para as árvores.

Ele sorri.

— Eu não poderia deixar você ir sem ter certeza de que você estava bem . O que está acontecendo?

— Não fique tão satisfeito consigo mesmo. Isto não é uma brincadeira! — estou com raiva: de mim , por ter optado pela maneira fácil, deixando que ele me trouxesse de carro; dele, por me seguir; de mim , por não tê-lo visto antes.

Ele guarda o sorriso, mas a expressão permanece em seus olhos.

— Desculpe, senhorita.

— Volte por onde você veio. Já!

— De jeito nenhum . Eu não vou embora. Você pode muito bem me deixar ajudá-la. O que é isso? Você disse que estava ajudando uma amiga, mas, se é sua amiga lá dentro, você está tomando cuidados demais para circundar a casa, conferir, ficar quieta. Devo bater na porta e ver se eles estão? — ele dá um passo à frente; eu o agarro pelo ombro e o puxo de volta.

— Você realmente não vai sair por bem , não é?

— Não — ele diz, e desta vez há uma séria determinação em seus olhos, uma que estava lá o tempo todo por trás das piadas.

— Cam , você não sabe no que está se metendo.

— Então me diga.

Eu suspiro, e o puxo mais para trás por entre as árvores. Preso.

— É o seguinte. Há uma pessoa trancada na casa, e eu quero arrancá-la de lá.

— Fuga da prisão. Bom , eu gosto disso.

— Espero que só tenha um guarda.

— Certo — ele se abaixa, com os punhos para cima. — Quer que eu o traga para fora para você?

Eu reviro os olhos.

— É uma garota, e cale-se e me deixe pensar.

Ele fica quieto. Preciso distrair Tori. Uma luta é uma maneira, mas há outra: Ben. Suspiro por dentro. Toda essa culpa com a qual preciso lidar nesse esforço de fazer o que é certo. Preciso dizer a ela que Ben ainda está vivo. Isso deve ser o suficiente para desviar sua atenção de seus deveres de guarda.

— Está bem . Que tal isso — eu digo. — Eu entro lá e a chamo para uma conversa. Eu a levo para dar uma volta em torno da casa. Você entra na casa,

destranca a porta e tira a prisioneira de lá — explico a ele com o é lá dentro, e onde está a chave na gaveta de Nico. Torcendo para que Tori não esteja com a chave quando sair de lá.

— Sim , saquei — ele diz. — Sem *pobrema*.

Eu balanço a cabeça. Pode haver todo tipo de problema.

Faço Cam se esconder na lateral da casa, longe da porta para que Tori não o veja quando sair.

— Vou dar outra volta, para sair da vegetação no lugar certo, no caso de ela verificar as trilhas. Então, espere alguns minutos.

Conforme retorno para a mata, com cuidado para não fazer barulho, alguma coisa me incomoda. Isso ainda parece *tão errado*. Ele não deveria estar aqui, mas não é só isso. *Como* ele está aqui?

Eu paro onde estou, e reflito sobre a dúvida que me incomoda por dentro. Eu fiquei tão ocupada sentindo raiva, tentando descobrir como fazê-lo ir embora, e depois pensando no que fazer quando ele não foi, que eu não foquei no principal. *Como ele me seguiu?* Ele deveria estar bem atrás. Ele dirigiu para longe o suficiente pela estrada até que eu não ouvisse mais o carro dele, e, depois, teria tido que voltar tudo de novo pela estrada, e pela floresta. Como sabia que caminhar seguir? Eu estava em alta velocidade — com o ele conseguiu me alcançar?

Cruzo os braços ao me dar conta. Ou ele é um mestre em perseguir e correr em silêncio, ou, muito mais provavelmente, ele pôde ficar bem para trás porque há algum rastreador comigo. Eu não entendo, isso não se encaixa. Cam ?

Eu retorno para a posição em que ele estava, silenciosa e com cuidado. Talvez ele tenha sido apenas sortudo, pegou o caminho certo e acabou na trilha das bicicletas. Assim que se avança na trilha, há marcações o suficiente para seguir sem muita dificuldade.

Não é provável.

Ele ainda está onde o deixei, esperando, conforme instruído. Eu rastejo para mais perto. Ele está de costas para mim ; reclinado, fazendo algo com as mãos. Há um ligeiro estalo metálico. Ele se vira um pouco e vejo o olhar em sua mão, a expressão mortal em seu rosto.

Cam ? Com um a arm a?

O choque é tão grande que fico com o um a idiota, m ovim entando m eus pés.

Ele se vira com o ruído, m e vê e não m e resta escolha a não ser atacar. Dou um pontapé em seu pulso. A arm a voa pelo ar.

— Quem é você? — consigo dizer.

Nenhum a resposta. Mas agora há um a faca em sua m ão. Ele m ergulha, finge ir para um lado. Eu rolo, m as não rápido o suficiente; sinto um a pressão, um corte, no m eu om bro. E eu m e lem bro da arm a presa ao m eu braço, m e contorço para pegá-la, m as ele m ergulha novam ente e há outro golpe quente na lateral do m eu corpo, um m ais profundo. Para o inferno com a distração, eu preciso de aj uda. Eu volto aos tropeços para o aram e escondido e m e j ogo sobre ele.

Cam se aproxim a e sorri, m as não são os seus olhos, aquele não é o Cam que eu pensava conhecer.

— Quem é você? O que é você? — eu sussurro novam ente, pressionando as m inhas m ãos na lateral do m eu corpo, e m eus dedos estão m olhados com o verm elho pegaj oso. O m undo gira. Sua im agem se divide em quatro ou cinco Cam s, feio de repente, m udado.

Ele m e olha e se vira, afastando-se da casa. Ele não vê Tori aparecer pela lateral, ou a arm a em sua m ão. A indecisão no rosto dela, por ser um a péssim a atiradora. Ela se aproxim a lentam ente e acerta a arm a, com força, na parte de trás da cabeça de Cam .

Há um baque assustador. Ele se vira e então cai de rosto no chão.

Ela dá a volta e o chuta, m as ele não se m ove.

— Quem é este? — ela se vira para m im , finalm ente percebe que estou sangrando, sem m e m over. Corre.

Um a parte da m inha m ente percebe que Nico não ficaria *nem um pouco* im pressionado com ela: não verificou se havia outros atacantes, não deu um j eito em Cam , para o caso de ele se levantar, nada.

Eu solto um gem ido, o início de um plano em form ação.

— Estou m orrendo — sussurro, em bora duvide disso. Os cortes fizeram um estrago, m as são superficiais; o sangue está fazendo o de sem pre e quase m e

fazendo desmaiar, mas não pelos ferimentos. E Tori não sabe disso.

Ela parece assustada. Não tenho ilusões de ser a sua favorita, mas ela sabe que Nico me quer, por alguma razão.

— Tori — eu sussurro. — A médica, eu preciso de um médico agora, é a única que me conhece... — minha voz desaparece e meus olhos se fecham. Eu me deito para trás na melhor tentativa de inconsciência que consigo, então espireito entre meus cílios. Tenho de dar um crédito a Tori: ela dá um chute em Cam, para verificar se ele está neutralizado antes de correr de volta para a casa.

Eu inspiro e expiro, lutando para ignorar o verme que escorre do meu ombro, e da lateral. Testo meus membros, mas apenas um leve movimento e tudo roda doentiamente. Nada bom. Eu xingo por dentro.

Um momento depois, a doutora Ly sander aparece na porta. Ela corre para mim, Tori atrás dela, a arma apontada para a cabeça da prisioneira.

Ela se agacha, verificando, puxando minhas roupas. Ela é médica, deve perceber que eu não deveria estar inconsciente apenas com isso. Ela está entre mim e Tori, bloqueando a visão de Tori. Abro os olhos e pisco. Seus olhos se arregalam.

— Eu preciso de um torniquete, agora — ela diz. — Me arranhe um kit de primeiros socorros!

Tori hesita.

— Vá! Ou ela morre.

Tori corre para a casa. Eu me sento.

— Corra — eu digo, e aponto. — Direto por ali há uma trilha; vá para a esquerda quando ela se ramificar.

— Não sem você.

— Vá! Faça isso. Eu não posso; eu estou meio grogue por causa do sangue.

— Não — ela me coloca em pé. Minhas pernas estão bambas, mas ela está determinada e coloca um braço em torno da minha cintura, e comecem os avanços para o bosque.

Então Tori sai correndo da casa. Deixa cair seu kit de primeiros socorros e se volta para pegar a arma.

Mas, antes que Tori possa alcançar a arma, há um grande *estrondo*, e lascas de

m adeira voam sobre nossas cabeças.

— O próximo o não será em um a árvore — diz um a voz. Um a voz que m e faz trem er.

Nós param os. Viram os.

E lá está Nico, arm a apontada para m inha cabeça.

— Agora. Será que alguém gostaria de m e dizer que diabos está acontecendo aqui?

CAPÍTULO 43

— Estou m e sentindo um pouco irritado — diz Nico. Seu olhar e sua voz estão frios; não apenas frios, m as glaciais. — Alguém tem que pagar por isso.

— Você — ele olha para Tori enquanto ainda aponta a arm a diretamente para m im . — Você fez um a coisa certa, ao m enos. Me cham ando. Eu estava quase chegando, de qualquer form a, por isso vim sorrateiro para ver qual era a situação de em ergência, e o que eu encontro? Você deixou nossa prisioneira sair — ele diz para Tori.

Ele se vira e aponta a arm a para ela.

Ela fica pálida.

— Não, Nico; não, eu...

— Você nega ter destrancado a porta?

— Não, m as...

— Foi m inha culpa — eu digo.

Ele se vira para m e olhar.

— E quem é esse? — ele aponta para o Cam , sangrando e ainda no chão.

— Só alguém da escola; m as eu não sei. E m ais: ele m e seguiu. Ele não deveria ter sido capaz de fazer isso.

— Você deixou alguém seguir você até *aqui*? — ele balança a cabeça, desgostoso. — Estou cercado por estupidez! Quem deve pagar? — ele suspira.

Aponta a arm a para m im , e a doutora Ly sander dá um passo à frente e levanta a m ão, prestes a dizer algo, m as eu a puxo de volta.

Ele aciona o gatilho; o som ressoa alto na floresta. Sobre nossas cabeças novam ente.

Estou congelada. Medo. Choque. Olhos o m ais longe possível de Cam , do

sangue na parte de trás da sua cabeça, do meu sangue também, mas não posso desmaiar agora, não posso. Respiro profundamente, esvaziando minha mente. Colocando aquilo de lado, para *então* poder lidar com isso.

— E você, Chuva. Que decepção. Isso me machuca. Por que você não está em Chequers agora, onde deveria estar?

— Eu não consegui. Eu não poderia machucá-la. Ela não fez nada para me fazer levar um tiro.

Ele balança a cabeça.

— Garota estúpida. Se ela tivesse feito o discurso com o qual queríamos, isso teria sido a cereja sobre o bolo. Mas você precisava *estar lá* às 4 da tarde! Sua idiota — ele está tremendo de raiva.

No entanto... por que eu precisaria estar lá às 4? Os segundos estão passando depressa. 15:50 agora. O que irá acontecer lá às 4? Estou confusa. Era para eu matá-la na primeira cerimônia, na parte interna.

A menos que ele já soubesse que eu não seria capaz de fazer isso.

A raiva nos olhos de Nico é absoluta.

— Depois de tudo que eu fiz por você — ele balança a cabeça. Aponta a arma novamente. — Eu deveria resolver isso, agora mesmo, mas não vou. Há uma razão, sabe — ele diz, em tom de conversa. — Você precisa viver para me orrear um outro dia. Sua morte ainda pode ter um grande impacto! Teria sido a ocasião perfeita para isso hoje. Mas não importa. Fica para outra vez. Se tivermos que drogar e amarrar você, vamos garantir que você seja filmada e a imagem fique gravada para sempre: a Reiniciada loirinha e de aparência angelical que mata pessoas e tira a própria vida.

Eu balanço a cabeça, sem entender. Horrorizada demais para me mover, assustada demais para falar.

— Claro. Faz sentido agora — diz a doutora Ly sander. Você quer provar publicamente que um Reiniciado pode ser violento, para atacar de uma só vez tudo o que os Lordeiros estão fazendo. Mas e os outros Reiniciados? O que aconteceria com eles?

A constatação supera o meu medo dormiente.

— Os Lordeiros veriam todos nós com o mesmo risco. Eles não saberiam quem

poderia ser violento. O que eles fariam sobre isso?

— Todas as atrocidades que os Lordeiros com etem fortalecem a nossa causa.

Nos dão m ais adeptos.

— Tori — ele grita. — Tranque essas duas j untas.

Ela fica lá, olhando para ele. Confusão em seu rosto.

— Mas o que vai acontecer com todos os Reiniciados?

Ele revira os olhos. Levanta a arm a e aponta para ela. Então os olhos dela focam por trás dele; eu vej o isso e ele tam bém . Há um a fração de segundo em que ele se pergunta se ela está evitando olhar para ele, m as, antes que possa decidir, sua arm a voa pelo ar, com um chute em sua m ão. Katran.

— Seu desgraçado — Katran vocifera. Nico finge ir para um lado, gira o corpo para o outro, e dá um a rasteira em Katran.

— Tori! — Nico grita. — Escolha um lado.

Tori pega a arm a de Nico e olha para ela em sua m ão.

Ela olha para m im e depois de volta para a arm a. Eu m e aproxim o, os pés ainda vacilantes, m as m ais fortes agora.

— Me entregue — eu peço, estendendo a m ão.

Nico e Katran se atracam no chão. Algo prateado cintila e Katran grita: Nico cortou o braço de Katran com um a faca que tinha escondida. Nico fica de pé, a faca em riste. Gingando. Katran rola para o lado e saca sua faca. Ele fica de pé.

— Ben está vivo! — Nico grita. — E ela sabe disso.

O rosto de Tori se contorce. Ela levanta a arm a. Eu m ergulho e um tiro ricocheteia atrás de m im .

Doutora Ly sander está congelada.

— Corra — eu grito para ela, e desta vez ela obedece, se em brenha entre as árvores, e eu a sigo. Meus m úsculos funcionam novam ente, o suficiente para cam baleiar atrás dela, m as não acom panhá-la. Grito por dentro, a cada passo, com m edo por Katran: Nico não pode ganhar essa luta. Pode?

Mas então ouço novos sons: gritos. Pisadas fortes.

Olho para trás, e ali, por entre as árvores, vej o: Lordeiros. Meia dúzia deles, pelo m enos, convergindo para a casa a pé.

CORRA.

— Pare — diz um a voz na frente. Um a voz que eu conheço.

E eu faço exatam ente isso. Em vez de m ergulhar, atacar, qualquer coisa, eu sim plesm ente paro.

À m inha frente está Coulson.

— Você poderia ter facilitado bem as coisas para si m esm a se tivesse sim plesm ente *me contado* o que estava acontecendo aqui. Felizm ente o j ovem Cam nos cham ou e rastream os você até aqui.

— Me rastrearam ...? Com o?

Ele dá tapinhas na testa, soltando um risinho. Um m ovim ento não natural nos seus m úsculos faciais. Um a arm a surge em suas m ãos e está apontada para m inha cabeça.

Depois de tudo, é assim que term ina? Ouço gritos, luta e barulho atrás de nós, que gradualm ente desaparecem , até que tudo o que existe é o aqui e agora. Meus olhos, e os dele. Minhas pernas estão m oles com o geleia. Meus j oelhos se dobram .

— Me deixe ir — eu sussurro.

— Eu não posso fazer isso.

— Por favor.

Ele balança a cabeça. O que acontece distante de nós ainda soa fraco, um outro lugar distante, alheio a este m om ento. No entanto, alguns sons persistentes se introm etem , se aproxim am . Até que...

Coulson estabiliza a arm a com as duas m ãos e puxa o gatilho.

CAPÍTULO 44

Em vez de ser j ogada para trás por um tiro, para um a m orte rápida; em vez disso, há um baque e um grito atrás de m im . Eu m e viro.

— Katran?

Suas m ãos estão contra o peito. *Vermelho, vermelho, vermelho* por toda parte, e ele cai no chão, e por dentro sinto tudo girar, tudo ficar cinza, prestes a desaparecer e m e tirar desse novo horror, e...

Não. Luto internam ente, por m ais tem po, o m ais forte que posso. *NÃO.* Eu rastej o até ele, pego sua m ão, passo m eus braços à sua volta. Seu corpo estrem ece e *vermelho, vermelho, vermelho...*

— Desculpe, desculpe, desculpe — repito sem parar, e seus olhos são espelhos do choque dos meus. Katran é invencível; não podem os acreditar *nisso*. Em seguida... um a leve agitação de sua cabeça, seus olhos se modificam, ele tenta falar, mas tosse, e mais sangue aparece, mais vermelho escorre. As palavras não vêm, mas seus olhos falam. *Olhos de amor*.

— Não, Katran, não. Não vá! — eu digo, em choque, mas ao mesmo tempo conhecendo a verdade de como ele se sente. Com o ele sem perceber se sentiu, e a raiva que o fez esconder seus sentimentos. A raiva que tentou me afastar para longe, longe de Nico e do R. U. Livre. Para me proteger.

Seus olhos ficam imóveis, seu corpo deixa de tremor.

Não.

NÃO NÃO NÃO e eu estou gritando por dentro e por fora, e depois, de repente, eu me lembro. Outro lugar e tempo, muito parecidos com estes para não lembrar. Aonde eu nunca mais quero ir, mas para o qual sou arrastada de volta diversas vezes.

ENTÃO

Eu não o reconheci, no início. Não com os meus olhos.

As mudanças eram óbvias, seu rosto tão esquecido. Conscientemente, ao menos. No entanto, algo quase *soou* por dentro: uma confusão de terror e saudade, misturados. Eu não entendia, mas o encarava sem perceber que podia. Ele estava ali, naquele lugar, entregando com calma e outros suprimidos. Mas não era apenas um entregador; ele era um deles, isso estava claro. Eu o via através das barras da minha janela, conversando com os guardas. Do quarto que vinha sendo meu fazia dois anos.

Uma vez por semana ele vinha, ficava uma noite no prédio ao lado e, em seguida, ia embora. Um dia, ele me viu olhando pela janela, e algo passou por seu rosto. Um ar de desespero, substituído de repente por uma gentileza que não cabia ali. Eu me ergulhei de volta em meu quarto, abalada e confusa.

Toda semana em que ele vinha, ele me dava aquele olhar especial quando encontrava meus olhos. Um olhar gentil em um lugar onde isso não existia. Ele começou a trazer umas garrafas e outras coisas para os guardas, retirando-as de seu casaco e colocando no deles. Então, houve uma semana em que a

maioria dos guardas ficou muito doente. Intoxicação alimentar; mas ninguém mais passou mal. E ele ficou a sós ali, se misturando com eles, e eu o vi mais, não apenas através da minha janela. Ele estava lá quando eu ia e vinha das sessões com o doutor Craig; para os treinos com armas sob a vigilância do homem de olhar frio e estranho que liderava os guardas.

Então um dia ele colocou algo em minha mão. Eu quase gritei: um pedaço de papel. Um bilhete. Eu o escondi, para ler mais tarde. *Lucy, eu sei que pareço diferente: estou disfarçado. Mas sou eu: o papai. Nós vamos tirar você daqui e eu vou levar você para casa assim que encontrar uma maneira. Eu te amo.*

E eu o rasguei em vários pequenos pedaços, até que virasse pó. Eu não tenho mais uma família. Doutor Craig disse isso, várias e várias vezes. E, mesmo o que ele seja o meu pai — e meus pensamentos ficam confusos só de pensar nisso —, ele me deu. Ele não me quer.

Racionalmente, não acreditei nele, mas algum a outra parte de mim acreditou, e eu me peguei: com esperança, sentindo. Coisas de que o doutor Craig não gosta, com o lembrar de coisas que eu devo esquecer.

Então, uma noite eu estava dormindo, e, de alguma forma, aquele que me deu o bilhete estava no meu quarto. Falando em voz baixa com muita tristeza, de outros tempos, outros lugares. E isso me fez querer gritar e gritar. Chamar os guardas e fazer parar a sua voz, fazê-la ir embora e nunca mais ser ouvida novamente. Mas não fiz isso.

Ele estava idealizando um plano. Íamos na próxima semana. Mas eu balancei a cabeça negativamente; com medo de quê, eu não sei. De deixar um lugar que eu odiava? Confusão e saudade misturadas. Ele então estendeu a mão. Nela, um pequeno pedaço de madeira esculpida, com o um castelo.

Quando o segurei em minha mão esquerda, havia alguma coisa, alguma memória. E de repente outras surgiram.

— Papai? — eu sussurrei, e ele sorriu, com muita alegria.

Ele tomou a torre de volta.

— É melhor eu continuar com isso por enquanto, para que ninguém veja. Mas, se você o encontrar escondido no parapeito da janela, essa será a noite que saírem os daqui. Esteja preparada.

E toda noite eu olhava. E finalmente estava lá: escondido entre um canto e um a barra onde não podia ser visto, apenas sentido e retirado por pequenos dedos.

Naquela noite, a casa estava em silêncio quando ele destrancou a porta e pegou a minha mão.

— Silêncio — ele sussurrou, e nós esgueiramos pelo corredor até sairmos pela porta. Mas o que houve com os guardas? Nenhum estava lá, mas, à medida que nos aproximávamos do lado da casa, eu vi pés por trás de uma cerca viva.

Ele sussurrou em meu ouvido sobre um barco que aguardava na praia, que precisávamos ser rápidos para aproveitar a maré. Nós rastreamos por entre as dunas que levavam para o mar quando isso aconteceu. Um barulho distante.

Vozes.

— Hora de correr, Lucy.

E nós corremos. Ele segurou minha mão e corremos e corremos. Havia vozes, sons atrás de nós, se aproximando.

— Mais rápido! — ele gritou, e nós corremos.

Mais e mais os meus pés batiam na areia que escorregava e cedia.

Então eu tropecei e caí. Ele tentou me puxar para que eu ficasse de pé, mas a exaustão e o terror me mantiveram imóvel.

— Eu não posso — gritei.

— Nunca se esqueça — ele disse. — Nunca se esqueça de quem você é!

E eles estão em cima de nós. Sou agarrada, e afastada. Papai é em pânico de volta para a areia.

O de olhar frio sorri, levanta uma arma.

— Lucy, feche os olhos — diz papai. — Não olhe — sua voz está calma, me tranquilizando.

Eu fico olhando para a arma. Não. Ele está apenas assustando papai, com o faz comigo o tempo todo. Ele não vai fazer isso, ele não vai.

Será que vai?

— Olhe para o lado, Lucy — papai diz, mas meus olhos estão bem abertos, com o se não fosse eu que os controlasse; eles são atraídos, tremendo, incapazes de se desviar ou fazer qualquer outra coisa.

Os momentos se combinam e se separam, um clarão que se sucede diversas vezes ao mesmo tempo. O barulho ensurdecedor. A torre apertada com força em minha mão. O verme laranja que se espalha de um lugar até que haja mais e mais, e ainda não consigo desviar o olhar. As mãos que me seguravam me soltam, e eu corro para ele apenas a tempo para que seus olhos olhem nos meus antes de se fecharem para sempre.

Ver o que assusta você e entender seu significado não diminui o terror. Ele ainda tem o poder de partir seu coração, diversas vezes.

CAPÍTULO 45

Movimento. Vagamente percebido, mas ignorado. Até parar, e uma pancada da minha cabeça contra algo duro me força a retornar para o *agora*, para o meu corpo, a consciência. Abro os olhos, me esforço para sentar. Sem saber quanto tempo se passou.

Estou no chão perto da casa. Sinto meu braço: a arma que estava presa ali se foi. Um Lordeiro com uma arma está próximo, ele se agita quando me vejo, vigilante.

Coulson está gritando com outros Lordeiros que desaparecem pela mata: caçando alguém. Quem?

Tori está segura por um Lordeiro, com um braço preso às costas, sugerindo que ela tem dado trabalho. Cam está sentado, de costas. Um médico verifica sua cabeça. Doutora Ly sander também está aqui, falando com Coulson. Katran está — e eu engulo em seco — morto: eu o incluo numa lista (ainda por fazer) de pessoas cujo paradeiro agora eu conheço, mas tenho medo de pensar nessa imensa perda. E no papel que tive nisso.

O único desaparecido é Nico. Será que conseguiu fugir?

Nico corre e eles o perseguem. Se for pego, será morto na floresta assim como foi o meu pai na praia? Com o Katran? Ambas as dores são tão fortes que ambas tomam conta de mim, me engolir, e então tudo o que existe é a dor.

Uma recente, outra de anos atrás, mas esquecida. Tudo retornou hoje.

Mais tarde.

Doutora Ly sander olha para onde fui jogada. Ela deixa Coulson no meio da frase e corre até mim.

Ela se ajoelha, tocando, verificando, puxando minhas roupas.

— Está ferida onde?

E eu não posso responder, não posso falar. Onde não estou ferida? Mas então percebo que foi o sangue fresco na minha roupa que lhe chamou a atenção. O sangue de Katran.

— Este sangue não é mim — consigo responder, me ouço um sussurro do que palavras.

Coulson caminha, contornando alguns corpos pelo chão. Corpos com roupas pretas de Lordeiros.

— Eu disse a eles que você me salvou, que não os chamou para minha segurança — diz a médica, sua voz baixa e preocupada.

Tudo parece distante. Caminha era parte dos Lordeiros que ele afirmava odiar? Ele *traiu você*, uma voz sussurra dentro de mim, mas isso também fica para meus ouvidos tarde. Eu não posso lidar com nada além da morte do meu pai.

E Katran. Coulson o matou. Se tivesse tido a chance, Katran teria me atado, sem pestanejar, qualquer um desses Lordeiros. E eles também . Ninguém me atou até os seus para promover a causa de me matá-los.

— O que tudo isso significa? Por que tudo isso?

— Silêncio — diz a médica, e eu percebo que falei a última coisa em voz alta.

— E aí está ela — diz Coulson. — Ela vai sobreviver? — ele pergunta à médica.

— Espero que sim . Ela precisa de alguns pontos.

Seus olhos frios passam por mim, me avaliando.

— Entendo que devem os a segurança da doutora Ly sander às suas ações. Nós vamos os investigar melhor e ver o que aconteceu aqui. Mas diga-me agora: quem é o homem que escapou de nós?

Que lealdade tenho para com o homem que assassinou o meu pai?

Nenhuma.

— Nico. Nicholas. Sobrenome desconhecido.

Coulson faz uma pausa, noto um brilho em seus olhos.

— Sabem os quem ele é.

Ele acena com a cabeça para o Lordeiro cuja arma está apontada para mim .

— Ela está livre para ir. Por enquanto — ele se vira para mim . — Entrarei em contato.

O rosto de Tori se contorce de fúria. Ela dá estocadas, um súbito movimento que surpreende o guarda. Ela se liberta e está quase me alcançando quando é arrastada de volta.

— Traidora! — ela grita. — Ky la, ou Chuva, ou quem quer que você seja, eu vou pegar você. Eu vou caçar e estripar você com a minha faca — ela é arrastada para longe, jogada na traseira de uma van dos Lordeiros. Mas não antes de eu ver o ódio estampado em seus olhos.

CAPÍTULO 46

Coulson fez um dos Lordeiros me levar para casa depois de uma parada em um hospital local para os pontos. Em uma de suas vans pretas, mas, desta vez, sentada na frente. O desgosto está estampado em seu rosto, mas eu não me importo. Há muita coisa com que me importo, gritando dentro de mim . É tarde da noite agora. Está escuro. Conforme descemos a estrada principal do nosso vilarejo, eu me pergunto distraidamente se as cortinas que balançam nas cozinhas e janelas dos quartos o fazem pela visão de uma van dos Lordeiros passando.

Ele estaciona em frente à nossa casa. O carro do meu pai está aqui. A porta da frente se abre: mamãe.

— Saia — diz o Lordeiro, a voz fria.

Abro a porta da van e desço. Com eco a caminhar rigidamente para casa enquanto ele se afasta.

— Oh, meu Deus — diz mamãe. — O que aconteceu com você? O que eles fizeram ? — minhas pernas ficam bambas e ela tenta me segurar.

Eu dou de ombros.

— Eu estou bem — respondo, a maior mentira de todos os tempos, e atravesso a porta da frente.

O rosto chocado de Amy aparece na cozinha. Silencioso.

Meu pai sai da sala e me olha de cima a baixo. Sorri. E bate palmas: uma, duas, e mais uma vez; lenta e deliberadamente. Ele sabe; de alguma forma, ele sabe. *Lordeiro*, eu concluo. Não apenas um informante, mas um deles.

Minha mãe olha para ele e depois para mim .

— Ky la? — ela pergunta, incerta. — O que aconteceu?

Mas eu olho para o pai.

— Você não apenas me dedurou para os Lordeiros. Você é um deles.

Ele não responde, seus olhos se dirigem inquietos para a minha mãe, e depois retornam .

— Não importa — eu digo, com preendo tudo. Cam estava aqui, abrindo caminho para entrar em minha vida antes que eu fizesse o desenho do hospital. Eles estavam de olho em mim *de qualquer forma*, com o disse Coulson. Tudo o que meu pai fez ao me delatar e fazer com que fossem os pegos serviu para me dar a dica de que eu estava sendo vigiada. — Você é um peixe pequeno, não é? Eles nem sequer lhe disseram o que realmente estava acontecendo em sua própria casa. Então, quando você finalmente notou alguma coisa, eles me andaram você calar a boca e me manter-se fora disso.

A boca dele começou a se abrir, em seguida se fechou novamente.

— Ky la? — mãe insiste, mas eu não posso falar mais, não agora.

— Desculpe — me esforço para dizer. — Eu preciso de um banho — subo as escadas. Tranco a porta do banheiro. Tiro minhas roupas, cobertas por meu sangue, mas me sinto mais pelo sangue de Katran, e as jogo no cesto de lixo. Caminho rígida, lenta, com o um a marionete. Com o se não tivesse controle do meu corpo, com tanto controle necessário em outro lugar. Para me impedir de me enrodilhar em um canto e gritar, gritar e gritar.

Sangue se lava, eu sei disso: em breve estou limpa, pele mais acia e suave.

Algumas novas cicatrizes, cortesia de Cam . Meia dúzia de pontos no meu ombro, mais ao lado do corpo. Analgésicos ainda no meu sistema para me ajudar a seguir, mas eles não fazem nada pelo verdadeiro dano, o interior.

Eu nunca vou esquecer nada, nunca mais. Não importa o que seja, ou que seja tão ruim que me achiue. Nico e aquele médico — doutor Craig — naquele lugar de que eu nem sequer me lembrei direito até esta tarde: eles me ensinaram maneiras de esquecer, de esconder. E os meus anos perdidos, entre Lucy desaparecendo aos dez anos, e Chuva tomando o controle aos catorze? Era lá que eu estava. Com eles, sendo forçada a me dividir ao meio, de modo que parte de

mim poderia ser escondida atrás de uma parede em minha mente, e sobreviver quando fosse Reiniciada.

É o tijolo, grande o suficiente para mim e partir em duas: agora eu sei o que era.

Vendo Nico me atar meu pai. Quando Katran me orreou nos meus braços, isso trouxe tudo de volta.

No meu quarto, visto o pijama e me enrolo com um cobertor apertado em minha volta. Há uma leve batida na porta.

Am y espreita.

— Quer com panhia? — ela pergunta, hesitante. Eu dou de ombros. Ela entra, e Sebastian a segue. Ele salta para cima da cama, sobe no meu colo. Am y senta-se ao meu lado. Coloca o braço em volta dos meus ombros. Estremeco e me ovo sua mão para que não toque nos meus pontos; em seguida, me aconchego nos braços dela.

Há ecos de vozes lá em baixo. Vozes acaloradas.

— Eles me mandaram aqui para cima — diz Am y.

— Foi?

— Sinto muito.

— Pelo quê?

— Por contar ao papai sobre o seu desenho. Mamãe o fez admitir que ele delatou você. Eu não posso acreditar nisso — o rosto de Am y está em choque.

— O que mais ele disse? — pergunto, minha voz soando fraca e distante para os meus ouvidos, como se eu estivesse falando em baixo d'água, e não exatamente ali.

— Coisas em que não consigo acreditar. Que você vinha sendo algum tipo de agente duplo para os Lordeiros. Loucura.

— É. Loucura — sussurro.

— Você quer falar sobre isso?

Eu neguei com a cabeça e, em vez de ela me fazer vinte perguntas, como eu esperava, ela parece quase aliviada, e não diz nada mais. Mas ela fica, calorosa e firme, ao meu lado.

Há uma pancada repentina na porta lá de baixo. Um carro liga na frente de casa, desce a rua cantando pneus e vai em bora. Há uma longa pausa, e então,

passos na escada. A porta abre e mamãe está lá, quieta, olhando para nós duas e o gato aconchegados juntos.

— Que boa ideia — ela diz, e consegue se acomodar do meu outro lado. É com o um abraço apertado.

Devo ter caído no sono. Horas mais tarde, quando acordo, o quarto está escuro, e o único que ainda está comigo é o gato.

O vazio entorpecido está se dissolvendo, deixando apenas a dor para trás. Eu choro pela minha filha que eu fui, da qual eu me alinho consigo lembrar além do fato de que ela amava seu pai. Eu choro por ele, e por tudo o que ele fez para tentar resgatá-la, não importa com o ela tenha chegado lá. Eu choro por ter falhado com ele: *nunca se esqueça de quem você é*, ele disse, e eu esqueci. Eu choro por Katran, cujas falhas eram óbvias, mas cujos sentimentos não era. Quando ele poderia ter corrido, fugido com o Nico, ele voltou por mim. Tentar me salvar o levou à morte.

E eu choro por mim, por quem sou agora. Onde está o meu lugar neste mundo?

CAPÍTULO 47

Um Lordeiro vem até mim dias depois. Outra van preta no início da manhã, e eu me controlo para não correr e me esconder. Para onde estou indo? E eu me pergunto se hoje me estará reservada a parte de trás ou da frente da van. Será que eles se deram conta de que, em primeiro lugar, foi por minha causa que a doutora Ly sander foi feita prisioneira?

Mas o Lordeiro sai e abre a porta do passageiro, e lá vamos nós. *Leve-me ao seu líder* — um pensamento aleatório que quase digo em voz alta, e tenho que reprimir uma risada histérica que quer sair da minha garganta.

Seguimos de carro por um tempo.

— Para onde vamos os? — eu arrisco, mas o motorista permanece em silêncio.

Nos arredores de Londres, passam os por um portão seguro e bem guardado, em direção a um prédio feio de concreto de paredes espessas. Parece que se destina a cidadãos furiosos.

Eu o sigo para fora da van para uma porta de escritório. Ele aponta e eu entro.

Ouçoo clique de uma fechadura atrás de mim.

Há um a enorm e m esa de m adeira, com um a cadeira felpuda. Fico de pé, incerta, e então penso *ah, que se dane*, e m e entrego ao desej o de m e sentar na enorm e cadeira do outro lado da m esa. Ela reclina e gira, e estou dando um a volta experim ental quando a porta se abre.

Coulson.

O assassino de Katran. Ele olha para m im e eu olho para ele; eu, inabalável do lado de fora, não quero que ele vej a a m inha dor, o m edo. Acim a de tudo o que vej o são as m ãos dele, a arm a nela, Katran, e...

Ele estreita os olhos, e eu salto da cadeira.

— Sorte sua que estou de bom hum or hoj e — ele diz. Suas palavras e o fato de que eu ainda estej a viva provam isso. Seu rosto é inexpressivo e frio com o sem pre. — Sente-se, ali — ele resm unga, apontando para um a cadeira em frente à m esa, e eu m e esforço para obedecer.

— Nós tínham os um acordo — ele diz. — Você não fez as coisas exatam ente com o eu teria preferido, no entanto, o resultado foi satisfatório. Logo levarem os você para o hospital para ter seu Nivo rem ovido.

Eu olho para a coisa inútil no m eu pulso. Uau. Que grande prêm io. Claro, ele não sabe que m eu Nivo é inútil. Ele deve pensar que eu tenho tom ado Pílulas da Felicidade todo esse tem po para os níveis pararem de cair.

— Mas há outra coisa que você deve fazer por nós.

Tudo se contorce e gira por dentro.

— O quê?

— Se você vir ou ouvir qualquer coisa sobre o Nico, nos avise.

Se há alguém que eu iria gostar de entregar para os Lordeiros é o Nico, m as estou cheia de descrença.

— Ele não foi capturado?

Um tom de aborrecim ento atravessa seu rosto.

— Não. Mas desm antelaram a m aioria de seus planinhos m alignos — os lábios dele se curvam em um a satisfação cruel. — Muito disso foi graças a você.

E eu estrem eço por dentro. Assim que com ecei a ver as coisas com clareza, não quis fazer parte do R. U. Livre, parte de suas explosões e m ortes. Mas desm ontar os planos do R. U. Livre significa capturas, prisões. Pessoas sendo

Reiniciadas e sentenças de morte. Por minha causa, o controle dos Lordeiros está mais forte que nunca.

A culpa é minha. E Nico, ainda à solta, seus planos desfeitos, irá me culpar.

— Ele virá atrás de mim — eu falo, em voz baixa, me odiando por dizer isso, e desse jeito: com um silencioso *me proteja* subentendido. Eu não quero ajuda de Lordeiros.

— Estarem os de olho.

Mas por que não estiveram sem prede olho?

— Tem algo que não entendo — eu começo a dizer, e então paro. Ele não diz nada; permite para continuar? — Se você estava me observando, por que não no Dia do Memorial Armstrong? Por que simplesmente entrei, sem perguntas, sem revistas, nada?

Há um brilho de raiva em seus olhos? Ele se foi tão rápido que não posso ter certeza.

— Isso não é da sua conta.

Há uma batida na porta.

— Hora de ir para o hospital — ele diz.

— Só mais uma coisa — atrevo-me a dizer quando levanto. — Você disse que ia me contar o que aconteceu com meu amigo. Ben Nix.

Ele olha para mim.

— Ah, sim. Ben. Infelizmente, ele morreu — ele diz, mas não há nada em seu rosto que esteja “infeliz”. Na melhor das hipóteses, desinteressado, antipático. O chão fica instável sob meus pés, meus olhos estão cambaleando. Não. Não pode ser. Pode?

Eu paro na porta, olho para trás.

— O que aconteceu? — pergunto, com dificuldade.

— Convulsões quando seu Nivo foi cortado. Não se preocupe, isso não vai acontecer com você hoje, e não no hospital.

Eu sigo cambaleando o motorista Lordeiro, o alívio quase me fazendo tropeçar. Por um momento horrível, pensei que algo tivesse acontecido com Ben nestes últimos dias desde que eu o vi correndo naquele colégio. Mas, não, ele disse que aconteceu quando seu Nivo foi cortado. Ele está me entendendo.

Pouco depois, estou no escritório da doutora Ly sander no hospital Nova Londres.

— Desculpe — eu com eço, m as ela levanta a m ão e a coloca ao redor da orelha, a boca m urm urando: “depois”. Ela deve ter descoberto que sua sala está gram peada.

— Hoj e vam os rem over seu Nivo. Não há riscos significativos quando isso é feito em hospital — ela explica sobre isso, aquilo e aquilo outro, enquanto m inha m ente divaga.

Eu seguro o Nivo no m eu pulso. Está ali há m uito tem po. Governou m inha vida quando o recebi: m uita tristeza ou raiva, e ele causava desm aios dolorosos; um pouco m ais, e ele poderia ter m e m atado.

Ainda assim ... um a parte de m im ainda sente falta daquele controle. Ele tornou realm ente im possível que eu sentisse dor após um determ inado nível. E, quando ele se for, o que pode acontecer? Com eço a com prender.

— Venha agora, Ky la — diz doutora Ly sander, de pé j unto à porta.

Deixam os seu escritório.

— Eu não quero tirar. Ele tem que ser rem ovido?

— Não. Pelo m enos, eu acho que não; eu posso verificar o quão rígida é essa solicitação dos Lordeiros. Mas por que m antê-lo?

— Todo m undo vai saber. Eu posso nunca m ais ser a pessoa que eu era.

— Depois de tudo o que aconteceu, você poderia voltar a ser quem era, de qualquer form a? — ela pergunta, gentil. Chegam os ao elevador, e novam ente ela coloca um a m ão sobre o ouvido e balança a cabeça. O elevador está gram peado tam bém ?

Descem os vários andares para um andar de tratam ento. Enferm eiros passam de um lado para o outro, com os pacientes em cadeiras de rodas, ou inconscientes em m acas.

Ela m e leva para um pequeno escritório. Um hom em que digita em um a tela olha para nós; ela gesticula, e ele sai.

— Agora podem os falar norm alm ente — ela diz, sentando. — O que a preocupa se o Nivo sair?

— A única m aneira que eu poderia m e livrar dele e não ser levada por

Lordeiros seria se eles me esmassem isso. Todo mundo vai saber. Vão achar que sou algum tipo de espiã.

— Isso provavelmente é verdade. No entanto, você acha que as pessoas não vão suspeitar disso, de qualquer maneira?

E eu penso nas vans dos Lordeiros indo e vindo em nossa casa, e todas as pessoas desaparecidas ligadas a mim, em bora seja uma injustiça. Olhos atentos e vozes fuxiqueiras ligarão os fatos. Eu suspiro.

— Você deve estar certa.

— Há uma outra questão — ela diz.

— Qual?

— Nico. Fontes me disseram que ele não foi capturado. Enquanto você tiver esse Nivo, você é uma Reiniciada. Ele poderia retomar o plano de usá-la em um ataque, para mostrar ao mundo que um Reiniciado pode ser violento. Sem o Nivo, ele não pode.

— Não. Eu nunca faria isso. Ele só pode me usar se eu esquecer o que aconteceu, e eu estou me apegando a cada detalhe — anos atrás, eu fui forçada a esquecer a dor da morte do meu pai nas mãos de Nico: imagine com o que as coisas teriam sido diferentes se eu tivesse me lembrado antes. Eu nunca teria caído sob seu feitiço.

— Vamos começar com isso, então? — ela propõe.

— Primeiro, eu tenho uma pergunta.

— Vá em frente.

— Eu tenho alguns fragmentos de memória de antes de ter sido levada pelo TAG. Mas eu não me lembro de nada da minha casa antes, minha mãe: nada. Posso recuperar essas memórias?

— Existem algumas possibilidades. Memórias que você tenha suprimido conscientemente com o parte da vida de Chuva podem ser acessíveis: mas, para encontrá-las, é preciso encontrar os gatilhos certos. Essa fragmentação de personalidade que eles induziram? Não sei o quão profundo e o quão longe foi isso. Se a outra metade foi Reiniciada, deveria ter ido em bora, mas... — e sua voz diminui, os olhos ficam pensativos, e eu me esforço a ficar quieta, a não interromper. — Pode haver uma maneira de conseguir isso de volta também —

ela diz, finalmente. — Reconectar cirurgicamente todos os caminhos cortados para torná-los acessíveis de novo. É teoricamente possível, mas nunca foi tentado, não que eu saiba.

— Com o assim ? Pensei que ser Reiniciado significasse ir embora para sempre — minha cabeça está girando. — E quanto ao Ben? Você poderia reconectar coisas no cérebro dele?

— Ben? Já lhe disse, Kyra, que não tem nenhum registro de sua localização. Por mais difícil que seja aceitar isso, mesmo o que ele esteja vivo, ele está perdido para você.

Devo contar a ela? Apesar de tanta coisa na minha vida ter provado que ninguém é o que parece, depois de tudo, e contra toda a lógica, ela é uma pessoa em quem confio.

— Ele não está.

— Ele não está o quê?

— Morto, ou perdido. Eu sei onde ele está.

É forte o choque que a doutora Lyander leva quando explico sobre o paradeiro de Ben e com o que ele está: Ben não tem ideia de quem eu seja, mas não está com o um novo Reiniciado.

— Isso é muito preocupante — ela diz, finalmente. — Seja lá o que eles estão fazendo naquele lugar, não foi sancionado pelo Conselho de Medicina. É antiético.

— E reiniciar é ético?

Ela me olha aborrecida.

— É — ela responde, mas em seu rosto há traços de dúvida. — Você preferiria ter enfrentado uma sentença de morte? Com o meu irmão mais velho, tantos anos atrás.

— Com o posso saber? Eu não me lembro! — as palavras são mais vagas. Mas estou pensando no que ela disse antes. — Então você poderia trazer Ben de volta. Ela balança a cabeça.

— Não. Eu não sei o que foi feito a ele. Seria muito arriscado sequer considerar.

— Arriscado, mas possível?

— Teoricamente, talvez. Agora. Ficamos aqui por muito tempo. Venha

com igo: vam os tirar esse Nivo.

*

Minutos depois, ele se foi: m eu pulso é um a extensão vazia de pele que de algum a form a está *errada*. Meu pulso nu. A rem oção hospitalar era um a sim ples questão de ir até um a m áquina, apertar alguns botões e vê-lo se partir; estava desfeito.

Me sinto em evidência, diferente.

Com o se um grande sinal lum inoso flutuasse sobre m inha cabeça: vej a a espiã dos Lordeiros!

De volta ao seu escritório, a doutora Ly sander abre o com putador, faz sinal para que eu olhe, m as continua falando sobre nada e sobre tudo ao m esm o tem po.

Ela vai aos m eus registros. O núm ero do m eu Nivo: 19418.

Ela faz um a pausa, consulta um a lista na tela que diz “núm eros inativos”. Muda o m eu núm ero para 18736.

Eu balanço a cabeça, sem entender.

Em um pedaço de papel, ela escreve um a única palavra: *indetectável*.

E só quando estou a m eio cam inho de casa na van do Lordeiro é que entendo.

Se sou indetectável agora, isso im plica que eu não era antes. Tudo o que ela fez foi m udar o m eu núm ero no com putador, o m esm o núm ero que estava no m eu Nivo. Com o eu poderia ser rastreada só com aquele núm ero, sem o m eu Nivo? Mas há algo m ais. Algo dentro de m im : o *chip* no m eu cérebro que trabalhava com o Nivo. Que ainda está lá.

Sinto-m e m al por dentro quando entendo: Coulson, dando tapinhas na testa quando perguntei com o Cam m e rastreara. O chip na m inha cabeça. Colocado quando fui Reiniciada: chips de rastream ento. Com o usam em cães.

Agora que a doutora Ly sander alterou os m eus registros, m udando m eu núm ero, eles não podem usá-lo m ais para m e encontrar.

Indetectável.

CAPÍTULO 48

— Você não pode se esconder em casa para sem pre — diz m am ãe.

— Eu sei.

Ela beijou a minha testa e, em seguida, me abraçou pela garganta e pelo frio até o carro para ir trabalhar. Assim já foi para a escola com Jazz, e a paciência de mamãe está se esgotando com a minha recusa em me deixar untar a eles.

Com uma xícara de chá, eu retorno para a cama, um lugar em que tenho passado muito tempo ultimamente. Eu sei que ela está certa, mas é com o se eu estivesse em animação suspensa. Meus pontos foram retirados, os ferimentos estão quase curados, mas, por dentro, eu estou processando as coisas que aconteceram; aprendendo a viver com a perda, a dor. Assim emórias. Uma nova experiência para alguém que foi forçada a esquecer.

E certas questões ainda estão me incomodando. Eu achava que ter sido pega quando estava com o R. U. Livre, e ter sido Reiniciada, tinha sido apenas azar. Descobri que estava errada. Nico planejara isso. Perdi a capacidade de aceitar coincidências, pois há muitas delas na minha vida. Foi coincidência, após eu ter sido Reiniciada, ser colocada com Sandra Davis, filha do herói Lordeiro? Foi coincidência eu ser uma “joviana-ninguém”, que me ilagamente não tem registros de DNA que possam ser rastreados? Foi coincidência eles terem cometido um erro com a minha data de nascimento nos testes celulares, e me Reiniciado ainda que eu tivesse mais de dezesseis? Os Lordeiros nunca notaram uma garota que se parecia comigo no site do DEA e deduzido quem eu era? E tudo o que aconteceu no Dia do Memorial Armstrong. Não é costume de Nico deixar tanta coisa ao acaso. E Coulson ter esquecido de me monitorar e revistar, justamente nesse dia?

Por trás de todas as minhas perguntas não respondidas, vagas ideias e planos se configuram, e uma necessidade em forma de Ben. Mas é quase como se eu estivesse reunindo minhas forças, à espera de alguma coisa. Do quê, eu não sei. Então acontece.

Bzzzz... Bzzzz...

Um suave ruído, mais uma vibração e, sem pensar, eu busco automaticamente em meu pulso, onde o Nível costumava ficar.

Bzzzz... Bzzzz...

Meus olhos se arregalam com o choque. O comunicador de Nico: ele imita o zumbido de um Nível. Eu o deixei em meu quarto, jogado em uma gaveta antes

de sair correndo para resgatar a doutora Ly sander. No caso de ser um rastreador.

Bzzzz... Bzzzz...

O que eu faço? Engulo em seco. Melhor saber...

Eu o pesco do fundo da gaveta onde estava escondido e esquecido todo esse tem po, e aperto o botão.

— O quê?

— Olá, Chuva — um a voz, um a que nunca serei capaz de esquecer: Nico.

— Esse não é o m eu nom e. Não m ais.

— Um a rosa, se não se cham asse rosa, teria o m esm o perfum e...

— Deixa de palhaçada. Eu m e lem brei que você m atou m eu pai.

— Ah. Foi esse o m otivo da traição, Chuva? — a voz dele é fria. — Não im porta. Podem os com eçar de novo! Tudo será esquecido.

— Nunca. De qualquer form a, os Lordeiros retiraram o m eu Nivo, então, não tenho utilidade para você agora, Nico. Arranj e outro plano.

Eu desligo antes que ele possa responder, trem endo. Será que ele aceitará m inha palavra e seguirá em frente? Sim plesm ente vai deixar para lá?

Não o Nico que conheço e odeio.

E então eu não suporto ter m ais nada dele, aqui, no m eu quarto, nesta casa, nem por m ais um segundo. Corro até a j anela aberta e j ogo o com unicador o m ais longe que posso. Assim que ele deixa a m inha m ão, m e dou conta: terei que encontrá-lo e destruí-lo um a outra hora. Estúpida. Observo com o ele brilha na luz da m anhã, atravessa parcialm ente o gram ado. E descansa perto do carvalho.

Fecho a j anela, volto para a cam a, e...

BUM!

Um a onda de som e m ais algum a coisa m e em purra para o outro lado do quarto. Caio no chão. Sem fôlego. Dor. Solto um gem ido. Tento levantar, e percebo que estou coberta de vidro. Vidro quebrado da j anela. Atordoada, confusa. A fum açã aum enta e eu tusso. O que está acontecendo?

Cam baleio até a j anela. A árvore está em cham as. O que resta dela.

A m esm a árvore onde o com unicador de Nico caiu segundos antes.

Eu fico olhando, incrédula. A segunda função do com unicador não era ser um rastreador, m as um a bom ba?

O choque da descoberta quase me derruba no chão. Nico insistindo que eu não podia desapontá-lo; em seguida, sua raiva por eu não estar na segunda cerimônia na casa do ministro. Uma cerimônia ao ar livre, por isso não haveria sinal bloqueado com o que havia dentro da casa. Uma cerimônia onde eu estaria de pé ao lado da minha família, e o atual Primeiro Ministro Lordeiro. Os grandes e os bons todos por perto, com o Camos tinha chamado. Nico não tinha apenas um plano B; ele tinha um plano C também. Sem que eu soubesse, era para eu ser seu “homem bom”. Quando eles viessem os escombros e encontrassem o que restara de mim e vissem que eu era a portadora da bomba, com uma arma do TAG presa em meu braço, eles não teriam dúvidas: uma Reiniciada absurdamente *violenta*. Abalaria tudo o que os Lordeiros fazem. Tornaria todos os Reiniciados um risco que os Lordeiros não poderiam tolerar.

Nico ia matar todos nós naquela cerimônia, mas eu arruinei isso por correr para salvar a doutora Ly sander. Não é de admirar que ele estivesse tão zangado! E agora Nico o detonou por controle remoto para me matar. Ou ele acreditou em mim quando eu disse que meu Nível se foi, ou ele decidiu que se vingar era mais útil do que qualquer outra coisa que ele pudesse fazer comigo. Ou talvez ele só tenha ligado antes para ter certeza de que eu o estava usando. Uma risada com a cabeça a subir pela minha garganta.

Acalme-se!

Mas eu não posso evitar, e logo estou agachada no chão, rindo, e fazendo careta pela dor que sinto novamente no meu corte por causa do movimento. Nico acha que estou morta. E eu rio mais.

E eu estou *indetectável* pelos Lordeiros. Graças à doutora Ly sander.

Antes que o pensamento esteja totalmente formado, estou de pé, colocando algumas coisas na mochila. Verificando apressadamente minhas costas no espelho: apenas pequenos cortes. Um pouco de sangue, mas isso perdeu o poder de me deixar como antes. Eu joguei algumas roupas na mochila e bati meus dentes quando tento vestir um casaco pela cabeça. A dor física eu posso ignorar. Rápido, agora.

Sebastian aparece na porta do quarto, pelo e cauda com pletamente arrepiados. Esse gato está seriamente assustado. Sinto uma pontada no peito quando o pego e

lhe faço um carinho rápido.

— Eu queria poder levar você comigo, mas não posso. Cuide de mamãe e de Amy.

Outra pontada: um bilhete para mamãe? Não. Eu não posso. Alguém poderia encontrar. Eu vou falar com ela, de alguma forma.

As sirenes começam a chegar à estrada no momento em que eu corro a cerca dos fundos e desapareço pela trilha do canal.

Todos esses planos meus formados em minha mente, de coisas que eu poderia fazer um dia...?

Um dia é agora.

CAPÍTULO 49

É uma longa viagem no escuro, sem uma das bicicletas de corrida de Katran.

Em vez disso, uso uma bicicleta antiga, desengonçada, e sigo em torno do canal e pelas trilhas no meio da noite. Ganhei bastante tempo, por isso ainda está escuro quando eu chego.

Sinto culpa, me esgueirando sem dizer uma palavra para Mac, depois de tudo o que ele fez por mim, deixando que eu me escondesse em sua casa enquanto eu planejava o que fazer. E culpa, também, pelo empréstimo de sua bicicleta raquítica sem lhe pedir. Mas o que eu mais compreendi foi o seguinte: eu não podia dar nenhum passo para a frente sem dar um passo para trás.

Eu escondo a bicicleta na floresta.

Desta vez, será diferente. Vou ser diferente, tendo pensado sobre isso com cuidado.

E se ele não vier?

Ele virá. Ele tem de vir. Não aceito nenhuma outra possibilidade, mesmo o medo que me corrói.

Escondo a peça camuflada que usei sobre minhas roupas durante a viagem.

Tiro o chapéu; escovo o cabelo até que ele fique brilhante. Um top verde claro de corrida, quente, ainda que justo, que Ben uma vez dissera realçar a cor dos meus olhos.

O céu mal começa a clarear enquanto me aqueço. Um vulto distante aparece no alto da colina: Ben! Eu quase derreto de alívio. Tremendo com tantas

em opções que eu mal sei o que são, eu corro pela trilha. Rápido. Para que, quando ele subir a colina, eu esteja bem à vista.

Ele não vai resistir à ultrapassagem. Será que vai?

Não, ele não vai resistir.

Eu o ouço se aproximando por trás e, pouco a pouco, aumento o meu ritmo para que ele possa quase, mas não completamente, alcançá-lo. Sentindo a pressão, o esforço. A alegria da velocidade. Eu fico ligeiramente para trás e então acontece. Correm lado a lado. Essa música familiar dos pés deslizando: o *tum tum* que ele faz e as batidas de minhas pernas, mais curtas. Eu olho para o rosto dele assim como ele olha para mim. Ele sorri, sorriso largo, e é tão exatamente o Ben que eu conheci, que meus pés vacilam, e ele ultrapassa. Mas então diminuí o ritmo para que eu possa alcançá-lo.

Finalmente, nós dois diminuimos para uma velocidade de caminhada.

Ele está rindo.

— Excelente corrida! — ele diz, e eu sorrio. Sinto como se estivesse iluminada por dentro, e tudo o que eu sou está ali para ser visto, estampado em meu rosto. Como eu costumava ser. É tão fácil esquecer, fingir que nada aconteceu.

Fingir que somos apenas Ben e Kyia. Amigos, e em seguida algo mais, com vidas e famílias descomplicadas. Um possível futuro juntos. Eu sofro para chegar, e aperto sua mão. Paro e o puxo para perto, e...

Mas nós não somos aqueles fantasmas. Não mais.

— Você é aquela garota — ele diz, e eu me mantenho em silêncio. Será que um dia ele me reconhece ou sente quem eu sou? *Aquela garota*. Não. Ele deve se lembrar da outra vez por esta trilha. — A que disse que me conhecia — ele diz, confirmando. — Mas eu me lembraria de você.

— Lembraria? — eu rio. O nascer do sol está caminhando agora. A luz morna de um dia manhã fria em nossos rostos.

— Eu vou me atrasar. Viemos muito longe — ele diz, e inverte a direção. — Correr de volta?

— Ainda não. Precisamos conversar.

— Precisamos? Sobre o quê?

— Quem é você?

— Não posso responder isso. Estou em um ambiente secreto — ele diz as palavras com o se estivesse brincando, com o se fosse um jogo, mas há algo por trás disso. — Quem é você?

— Eu estou em um ambiente secreto, também. Mas posso lhe contar uma história. Uma que aconteceu.

— Vá em frente — ele diz, ainda parecendo o Ben. Em seus olhos: curiosidade, querendo saber tudo o que eu sou por dentro, com o que ele sempre fazia.

— Era uma vez um garoto Reiniciado chamado Ben, que adorava correr. Ele conheceu uma garota Reiniciada com alguns problemas: vamos chamá-la de Ky-la. Mas ela também amava correr. Eles se tornaram ... amigos. Mais do que amigos — eu corro.

— Ben: foi assim que você me chamou da última vez.

— Sim.

E eu vejo o entendimento em seus olhos.

— Tenho bom gosto para garotas, mesmo nos contos de fadas — ele diz, ainda leve, provocativo. Curioso.

— Mas agora é onde fica difícil — meu sorriso desaparece. — Ouça, Ben, ou quem você seja agora. Você foi Reiniciado novamente, ou tratado de alguma forma para esquecer. Eu não sei como, nem por quê. Não acredite no que lhe dizem. O Ben de antes lutou para pensar por si mesmo! Ele acreditava que poderia haver uma maneira melhor do que a maneira dos Lordeiros.

Ele olha nos meus olhos, algo dentro dele pensando, considerando, por alguns instantes. Em seguida, o olhar se foi junto com seu sorriso.

— Isso é realmente um conto de fadas — ele diz. — Está na minha hora de ir, garota dos sonhos — e ele parte, correndo, de volta para onde veio. Eu me impeto de correr atrás dele e me embrenho nas sombras sob as árvores. Lutando para não chorar no vácuo gelado criado por sua ausência.

Eu fiz o melhor que pude. Será que consegui alguma coisa?

Por um momento, houve algo em seus olhos, algum traço de pensamento. Eu não imaginei isso! Será que plantei uma semente de dúvida que pode crescer e se transformar em algo forte o bastante para suportar o que tem sido feito com ele, o que tem sido implantado nele naquele lugar de Lordeiros?

Eu visto novam ente m inhas roupas escuras sobre a que estou usando e pego a bicicleta para iniciar a longa viagem de volta à casa de Mac.

Pensando no que eu disse, no que eu poderia ter dito que fosse m elhor, e...

Quando m e dou conta tão de repente que quase caio da bicicleta.

Garota dos sonhos, foi com o ele m e cham ou. Será que ele tem sonhado com igo? Com o eu sonho com o passado, e m em órias perdidas. Será que ainda estou lá, escondida, em seu subconsciente?

Em algum lugar dentro de m im há um pequeno brilho, um sentim ento. É quente e estranho, e eu o seguro, o abraço apertado.

É a esperança.

Mais tarde, naquela noite, eu estou no Mac, sentada diante de seu com putador.

O rosto de Lucy — o m eu rosto, de tantos anos atrás — preenche a tela no *site* do DEA. Ela foi Desaparecida em Ação, m as não m ais.

Aiden se senta ao m eu lado.

— Tem certeza de que quer fazer isso? — ele pergunta, seus olhos azuis escuros estão atentos e am áveis. Sem pressionar, m esm o que eu saiba o quanto ele quer isso.

— Sim — respondo. — Tenho; m uita certeza. Papai disse *nunca se esqueça de quem você é*, m as eu esqueci. Eu falhei com ele. Só há um a coisa que eu posso fazer para tentar consertar isso: eu devo isso a ele, tentar descobrir quem era Lucy. Quem eu era. E não há outra m aneira de encontrar os pedaços perdidos de m im m esm a, além dessa.

Quem relatou que estou desaparecida? Com m eu pai m orto, terá sido a m ãe de que não consigo m e lem brar, ou outra pessoa? Só há um m odo de descobrir.

Eu pego o *mouse* e clico no ícone: Lucy Connor foi *encontrada*.

Table of Contents

[ROSTO](#)

[FRONTISPÍCIO](#)

[CRÉDITOS](#)

[DEDICATÓRIA](#)

[CAPÍTULO 1](#)

[CAPÍTULO 2](#)

[CAPÍTULO 3](#)

[CAPÍTULO 4](#)

[CAPÍTULO 5](#)

[CAPÍTULO 6](#)

[CAPÍTULO 7](#)

[CAPÍTULO 8](#)

[CAPÍTULO 9](#)

[CAPÍTULO 10](#)

[CAPÍTULO 11](#)

[CAPÍTULO 12](#)

[CAPÍTULO 13](#)

[CAPÍTULO 14](#)

[CAPÍTULO 15](#)

[CAPÍTULO 16](#)

[CAPÍTULO 17](#)

[CAPÍTULO 18](#)

[CAPÍTULO 19](#)

[CAPÍTULO 20](#)

[CAPÍTULO 21](#)

[CAPÍTULO 22](#)

[CAPÍTULO 23](#)

[CAPÍTULO 24](#)

[CAPÍTULO 25](#)

[CAPÍTULO 26](#)

[CAPÍTULO 27](#)

[CAPÍTULO 28](#)

[CAPÍTULO 29](#)

[CAPÍTULO 30](#)

[CAPÍTULO 31](#)

[CAPÍTULO 32](#)

[CAPÍTULO 33](#)

[CAPÍTULO 34](#)

[CAPÍTULO 35](#)

[CAPÍTULO 36](#)

[CAPÍTULO 37](#)

[CAPÍTULO 38](#)

[CAPÍTULO 39](#)

[CAPÍTULO 40](#)

[CAPÍTULO 41](#)

[CAPÍTULO 42](#)

[CAPÍTULO 43](#)

[CAPÍTULO 44](#)

[CAPÍTULO 45](#)

[CAPÍTULO 46](#)

[CAPÍTULO 47](#)

[CAPÍTULO 48](#)

[CAPÍTULO 49](#)

Document Outline

- [ROSTO](#)
- [FRONTISPÍCIO](#)
- [CRÉDITOS](#)
- [DEDICATÓRIA](#)
- [CAPÍTULO 1](#)
- [CAPÍTULO 2](#)
- [CAPÍTULO 3](#)
- [CAPÍTULO 4](#)
- [CAPÍTULO 5](#)
- [CAPÍTULO 6](#)
- [CAPÍTULO 7](#)
- [CAPÍTULO 8](#)
- [CAPÍTULO 9](#)
- [CAPÍTULO 10](#)
- [CAPÍTULO 11](#)
- [CAPÍTULO 12](#)
- [CAPÍTULO 13](#)
- [CAPÍTULO 14](#)
- [CAPÍTULO 15](#)
- [CAPÍTULO 16](#)
- [CAPÍTULO 17](#)
- [CAPÍTULO 18](#)
- [CAPÍTULO 19](#)
- [CAPÍTULO 20](#)
- [CAPÍTULO 21](#)
- [CAPÍTULO 22](#)
- [CAPÍTULO 23](#)
- [CAPÍTULO 24](#)
- [CAPÍTULO 25](#)
- [CAPÍTULO 26](#)
- [CAPÍTULO 27](#)
- [CAPÍTULO 28](#)
- [CAPÍTULO 29](#)
- [CAPÍTULO 30](#)
- [CAPÍTULO 31](#)
- [CAPÍTULO 32](#)
- [CAPÍTULO 33](#)
- [CAPÍTULO 34](#)
- [CAPÍTULO 35](#)
- [CAPÍTULO 36](#)
- [CAPÍTULO 37](#)
- [CAPÍTULO 38](#)

- [CAPÍTULO 39](#)
- [CAPÍTULO 40](#)
- [CAPÍTULO 41](#)
- [CAPÍTULO 42](#)
- [CAPÍTULO 43](#)
- [CAPÍTULO 44](#)
- [CAPÍTULO 45](#)
- [CAPÍTULO 46](#)
- [CAPÍTULO 47](#)
- [CAPÍTULO 48](#)
- [CAPÍTULO 49](#)